

Maria Edileuza Tavares Silva

“OS SENTIDOS DA LIBERDADE... A GÍRIA PRISIONAL COMO
RESULTADO DE UMA PRODUÇÃO LÉXICA CRIATIVA E
SIGNIFICATIVA”.



Araraquara / SP

2008

MARIA EDILEUZA TAVARES SILVA

“OS SENTIDOS DA LIBERDADE...
A GÍRIA PRISIONAL COMO RESULTADO DE UMA PRODUÇÃO LÉXICA
CRIATIVA E SIGNIFICATIVA”.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Lexicologia/ Semântica Lexical/ Morfologia/ Sociolingüística / Socialização

Orientador: Profa. Dra. Alessandra Del Ré

Bolsa: CNPQ

ARARAQUARA – SP.
2008

MARIA EDILEUZA TAVARES SILVA

*“OS SENTIDOS DA LIBERDADE...
A GÍRIA PRISIONAL COMO RESULTADO DE UMA
PRODUÇÃO LÉXICA CRATIVA E SIGNIFICATIVA”.*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Lexicologia/ Morfologia/ Semântica Lexical/ Sociolinguística/Socialização

Orientador: Profa. Dra. Alessandra Del Ré

Bolsa: CNPQ

Data de aprovação: 19/05/2008

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Professora Dra. Alessandra Del Ré
UNESP/Araraquara

Membro Titular: Professora Dra. Gladis Barcellos Almeida
UFSCar

Membro Titular: Professora Dra. Rosane de Andrade Berlinck
UNESP/Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos meus pais Terezinha e João e, aos meus irmãos José, Carlos, Claudino, Cícero e Alexandre.

Agradeço...

A Deus primeiramente.

A muito querida, orientadora, e amiga, a Professora Dra. Alessandra Del Ré, pela dedicação, carinho, paciência e compreensão que destinou a mim e a minha pesquisa nesses dois anos.

Ao meu querido amigo Seleznevas, pelo grandioso material que me cedeu; ao meu companheiro das horas mais felizes e tristes, André; aos meus padrinhos Ruthy e Tetéo, pela preocupação, força e disponibilidade em me ajudar sempre; aos meus queridos amigos, pelo estímulo e força depositados, Lane, Joe, Tati Campos, Let, Ana, Vitão, Tati Milene, Rá, Glau, Cadú, Gisa e outros que continuam a me incentivar na pesquisa.

Aos meus pais e irmãos, pela compreensão e paciência que tiveram durante a minha pesquisa.

[...] Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá...
Tanto faz, os dias são iguais.
Acendo um cigarro, vejo o dia passar.
Mato o tempo pra ele não me matar.[...]

(Trecho extraído da música: “Diário de um detento”, álbum dos Racionais MC’s, Letra do ex-detento Jocenir).

É a partir da **palavra** que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem. (BIDERMAN, 1998, p. 88)

SILVA, Maria Edileuza Tavares. **Os sentidos da liberdade... O léxico gírio como resultado de uma produção léxica criativa e significativa**. 2008. 133 p. Dissertação/ Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

RESUMO

Este trabalho traz à tona uma das variedades presentes no léxico português: a gíria, falada, em especial, por um grupo socialmente delimitado: sujeitos na condição de presos. Estas gírias prisionais estão distribuídas em torno de um *corpus* configurado como um léxico. Por essa razão, as gírias serão analisadas com base numa abordagem léxico-semântica e, sobretudo, sociolingüística. A análise dessas unidades lexicais foi desenvolvida a partir de algumas etapas, nas quais as gírias foram agrupadas de acordo com seu campo lexical; identificadas por meio do recurso lingüístico utilizado; identificadas de acordo com seu registro em dicionário. A pesquisa visa destacar a importância de se estudar a gíria, em meio a essas abordagens lingüísticas, tratando-a como uma unidade do léxico, passível de ser analisada enquanto tal e, quando necessário, em unidades ainda menores. Neste trabalho, destacam-se os processos lingüístico-semânticos, empregados pelos falantes na formação dessas gírias, que, na sua maioria, resultam de comparações feitas entre elementos presentes no próprio ambiente carcerário, ou ainda de associações semânticas estabelecidas entre a designação (gíria) e o conceito (seu referente naquele contexto). Disso, decorrem variados processos formativos de palavras, evidenciando que as gírias são formadas a partir de regras que norteiam a concepção de todas as outras unidades do léxico. O tema em questão abre discussões acerca do uso da gíria enquanto uma “ferramenta a mais” que seus falantes (aqui, os presos) dispõem para se adaptar às condições ditadas pela instituição penal e, ainda, do “papel” da gíria enquanto uma variedade da língua, utilizada pela massa de falantes em geral, e que, igualmente as demais variedades lexicais, a gíria deve se adequar à situação de uso, contribuindo, sobretudo, para condenar possíveis formas de preconceito lingüístico.

Palavras – chave: gíria. sujeito-presos. léxico. significado. variedade lexical.

RÉSUMÉ

*Cette recherche aborde une des variétés dans le lexique portugais : l'argot, parlée, en particulier, par un groupe, délimité socialement : des individus qui sont prisonniers. Ces argots sont distribués dans un **corpus** figuré, comme un lexique. C'est pourquoi nous proposons l'étude des argots de prisonniers, du point de vue d'une approche lexicale, sémantique et surtout, sociolinguistique. L'analyse des unités lexicales a été faite à partir de quelques étapes, dans lesquels les argots ont été groupés selon leurs champs lexicaux ; identifiés par des procédés linguistiques et sémantiques utilisés ; identifiés conformément leurs registres dans les dictionnaires. La recherche veut souligner l'importance d'étudier l'argot, devant ces approches linguistiques, comme une unité du lexique qui peut être analysée en tant que tel et, s'il le faut, en unités encore plus petites. Dans cette recherche, nous avons souligné les procédés linguistiques et sémantiques que les parlants emploient dans la formation des argots qui dans la plupart viennent des comparaisons entre les éléments présents au milieu des prisonniers, ou encore des comparaisons sémantiques entre la désignation et le concept (des argots). En partant de ce principe, on peut avoir de procédés variés qui forment des mots, tout en mettant en évidence le fait que les argots sont aussi formés à partir de règles qui composent la conception de tous les autres mots du lexique. Le sujet en débat ouvre des discussions sur l'utilisation des argots, comme « un outil de plus » que leur parlants disposent pour s'adapter au contexte de la prison, et encore « de la fiction » des argots comme une variété de la langue, utilisé pour tous les parlants en général, et, comme des autres variétés de la langue, doivent s'adapter aux circonstances d'utilisation, en contribuant, surtout, à condamner possibles façons de « préjugés linguistiques ».*

Mots-clés: argot. individu-prisonnier. lexique. signification. variété du lexique.

Lista de abreviaturas e siglas

acp.= acepção

adj. = adjetivo

AL. ALT= Alto Alentejo

ant.= antigo

B = Brasil

bit.= bitransitivo

CINOL.= Cinologia

DIPL.= Diplomacia

ENG. MEC = Engenharia Mecânica

ENT = Entomologia, Insectologia

ETIM. = Etimologia

fig. = figurado (sentido) figuradamente

HERP = Herpetologia

infrm= linguagem informal

m.q.= mesmo que

MAR = marinha de guerra

MAR *infrm.*= gíria de Marinha

P = Portugal, lusismo, lusitanismo

p.ana.= por analogia

p.ext.= por extensão

s. 2n.= substantivo de 2 números

s.2g.= substantivo de 2 gêneros

s.f= substantivo feminino

s.m. = substantivo masculino

N = Norte do Brasil

top. = topônimo

ANAT = Anatomia geral

SIN/VAR = sinônimos e variantes

p.met.= por metonímia

p.metf. = por metáfora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.11
CAPÍTULO 1. A gíria, conceitos e delimitações	p.21
1.1 Uma breve história do uso da gíria na Língua Portuguesa.....	p.21
1.2 Conceitos e delimitações do tema.....	p.22
1.3 A gíria como signo de grupo.....	p.24
CAPÍTULO 2. Abordagens léxico-semânticas	p.26
CAPÍTULO 3. Abordagem social	p.32
3.1 Os níveis de linguagem.....	p.40
3.2 O perfil dos falantes das gírias.....	p.42
3.3 A instituição penitenciária.....	p.44
CAPÍTULO 4. Material e Método	p.48
4.1 As etapas de análise.....	p.50
4.2 Os processos linguísticos mais empregados nas formações gírias.....	p.51
4.2.1 Outros processos empregados nas formações gírias.....	p.55
CAPÍTULO 5. Análise do <i>corpus</i> gírio	p.58
CAPÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p.126
ANEXOS:	

Anexo I.....	p.130
Anexo II.....	p.132

INTRODUÇÃO

Este trabalho centra sua atenção na criação e no emprego de “gírias” por parte de sujeitos-presos. Busca, a partir de uma análise realizada com o *corpus* (um conjunto de palavras e expressões utilizadas por indivíduos na condição de presos), mostrar de que forma, indivíduos presidiários criam gírias, na sua maior parte, por meio de metáforas, sem conhecimento dos recursos lingüísticos embutidos nessas criações, a não ser aqueles que, enquanto falantes nativos de uma língua, eles podem intuir. A partir dessa análise pretendemos mostrar que as gírias podem se revelar ricas unidades lexicais, tanto no que diz respeito à sua forma quanto a seus significados, e, portanto, representam uma fonte importante de pesquisa para a área da Lingüística.

Nesse sentido, muito mais que uma forma diferente de falar, a gíria é, para o indivíduo que está preso, uma forma de se libertar, ou uma manifestação de liberdade, em meio a um ambiente totalmente limitado e opressor como a Instituição Presidiária.

Para que possamos veicular essa concepção da gíria dos presos, ou seja, um uso social, prático e mesmo funcional da gíria, sendo essencial para vivência do falante à sua condição carcerária, versaremos sobre as seguintes áreas da ciência Lingüística: a Lexicologia, a Semântica Lexical e a Sociolingüística. Conjuntamente, essas disciplinas nos darão um quadro mais vasto do estudo da gíria e de seus usuários.

Na parte introdutória do trabalho descreveremos como surgiu o interesse pelo tema das gírias e a opção por estudá-lo. Em seguida, destacaremos os objetivos desta pesquisa.

No capítulo primeiro, apresentaremos alguns conceitos e delimitações sobre o tema *gíria*. Citaremos alguns de seus usos em épocas anteriores à nossa, a partir de definições do termo “*gíria*” em dicionários de língua antigos, de obras clássicas da nossa literatura, como no livro: *Memórias de um sargento de milícias* (exemplos de uso, em especial pelos moradores do Rio de Janeiro) e, por fim, alguns registros escritos do que viria a significar “gírias” nos dias de hoje, por parte de indivíduos-presos.

Em seguida, mostraremos algumas definições do termo em questão, pelo viés da Sociolingüística. É, pois, em trabalhos trazidos por este ramo da Lingüística, que o tema

“gíria” é normalmente abordado e tem um destaque especial, já que esta área se preocupa em relacionar a linguagem à sua comunidade de fala.

Partindo, assim, de uma concepção mais geral “de gíria” dentro da Sociolingüística, i.e., variedade do léxico, relacionada, geralmente, ao registro de fala comum/popular, insurgida entre grupos sociais podendo atingir a linguagem popular ou comum de toda a sociedade, propomos aqui mostrá-la como um elemento da Língua Portuguesa, que é passível de análise.

Seguimos, dessa forma, com base em abordagens léxico-semânticas, com alguns conceitos e definições trazidos pela Lexicologia, bem como, pela Semântica Lexical, com o objetivo de compormos um quadro teórico pertinente à análise do nosso objeto. Assim, tem-se que a Lexicologia nos fornecerá base e ferramentas para uma melhor apreciação do léxico. Nesta parte, traremos à tona conceitos como o próprio léxico, a unidade lexical, a palavra, a lexia etc. As análises realizadas no léxico confirmam que as gírias são elementos lingüísticos ricos do ponto de vista social, léxico e morfo-semântico e que, por tal motivo, merecem uma atenção maior dos estudiosos da linguagem.

Ainda baseando-nos numa abordagem léxico-semântica, agrupamos as unidades léxicas em temas comuns, formando um *campo lexical* cujas palavras podem ser facilmente identificadas, i.e, a gíria, com sua definição vinculada ao contexto, apresenta um campo léxico simples, que pode ser identificado, “descoberto”, pois refere-se, em geral, a elementos presentes na realidade carcerária. Notamos que a intenção de uso dessas palavras por parte de seus falantes, não se posiciona contra os policiais ou contra os agentes penitenciários, mas sim, a favor de uma “mudança no ambiente em que estão”, na medida em que os apenados recriam ou renomeiam o ambiente em que vivem, a fim de torná-lo, principalmente, habitável.

Parece-nos, igualmente, que o sujeito-presos não se importa de ter as suas palavras descobertas, já que tanto a palavra quanto seu conceito podem ser explicados, em sua maioria, por meio de metáforas ou outros recursos presentes na língua que associam ou comparam elementos presentes no espaço em que habitam. Trata-se de um “campo lexical” que evoca termos referentes ao universo do preso, principalmente termos gírios que retomam coisas que foram repostas pela prisão em virtude da péssima infra-estrutura de que dispõem no ambiente penal. É o caso, por exemplo, das gírias: “biri-biri”, “bic” e “areia” que significam, sucessivamente, *telefone, isqueiro e açúcar*.

No que tange à Semântica Lexical, ramo da Lingüística que estuda os significados da palavra, podemos denominar e descrever os possíveis processos lingüísticos utilizados para compor as gírias dos presos.

Apresentaremos um conjunto de palavras formadas com base em regras de composição previstas pelo nosso sistema lingüístico, a saber, a Língua Portuguesa. De acordo com Saussure,

[...] uma língua é um sistema de signos, é um todo por si e um princípio de classificação, constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez de adiantar-se a ele. É uma parte essencial da linguagem, é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (1969, p.17)

Assim, como unidades que compõem o léxico, as gírias são também concebidas pelas mesmas regras de formação de palavras que norteiam o nosso sistema lingüístico. Seus falantes as compõem como sendo-lhes unidades significativas, tanto do ponto de vista social, quanto semântico. As gírias são, por sua vez, analisadas do ponto de vista léxico-semântico, e delimitam-se como palavras simples, decifráveis, que significam objetos, alimentos e valores presentes na Instituição Penal. Elas são construídas por meio de *metáforas* (comparação mental e implícita, feita através de uma relação de semelhança resultante da subjetividade de quem a cria), *metonímias* (palavra que substitui outra por haver entre elas uma relação de inclusão, implicação ou interdependência), *onomatopéias* (quando uma palavra ou conjunto de palavras imita um som natural), *hiperonímias* (palavras que possuem um sentido mais geral, com relação a outras de sentido mais específico), *hiponímias* (palavras de sentido mais específico, com relação a outras de sentido mais geral), e outros processos como *ironias* etc.

Com base nas análises realizadas no léxico, verificamos que as definições das gírias resultam de associações semânticas que, em sua maioria, constituem metáforas produzidas pelo sujeito-presos a partir de analogias/comparações feitas entre elementos da gíria que foi criada e elementos do seu referente.

No Capítulo II, em que fazemos menção a uma “abordagem social”, destacamos o fato de a gíria ser um elemento “socializador” entre os falantes, na medida em que eles se utilizam dela para fazer parte do grupo. Assim, percebe-se que o preso que não fala e não conhece as gírias terá menos “interatividade” com os demais que a adotam, de certa forma ficará excluído do universo de descontração promovido pela gíria, mas não excluído pelos presos. Utilizar a

gíria, portanto, é uma forma a mais de se relacionar com os outros apenados. Nesse caso, o seu uso não se faz obrigatório, mas aparentemente, recomendável.

Outro tema importante que podemos depreender do ponto de vista social dessa linguagem é o de que as gírias dos presos não se restringem aos limites dos “muros” da penitenciária, elas transitam entre a linguagem restrita de grupo (gíria grupal) e a linguagem comum (gíria comum), utilizada pela população em geral, *a priori*, em contextos desprovidos de formalidade. Podemos dizer, por exemplo, que a gíria percorre entre o fora e o dentro da penitenciária.

As gírias vindas de “fora” da penitenciária (gírias comuns), utilizadas pela sociedade, entram na instituição através da mídia televisiva, radiofônica, por meio de cartas, ou mesmo por meio de conhecidos dos presos, funcionários e outros, e influenciam na formação e no uso das gírias prisionais. Diante disso, pode-se dizer que o fluxo de gírias é muito maior de fora para dentro, i.e, mais gírias entram do que saem da Instituição. Sabe-se que alguns dos sujeitos-presos são mormente influenciados pelas gírias populares que, por sua vez, provavelmente, surgiram dentro de outros grupos, como o dos estudantes, dos trabalhadores, dos *funks* etc.

Ainda nesse capítulo, destacamos outro importante elemento que ajuda a determinar as criações gírias, a Instituição Penal. Inicialmente, mostraremos uma síntese do perfil dos usuários dessas gírias, de forma a evidenciar seu cotidiano na prisão: onde se encontram, de que forma são suas vestimentas, sua alimentação, seu trabalho, qual tipo de crime fora cometido etc. Essa parte do trabalho, de cunho mais social, por assim dizer, serve-nos, principalmente, como apoio para fundamentar o objetivo maior que é a análise das gírias. Ajuda-nos também, a questionar as dificuldades pelas quais passa o sujeito-presos que deve cumprir pena num ambiente totalmente desfavorável à sua reabilitação e ao seu retorno à sociedade da qual já fizera parte.

Daí a importância em se examinar a organização, o funcionamento e a manutenção da Instituição Penal que visa, de forma precária, à recuperação do apenado. Para tanto, apresentaremos também um “perfil” dessa Instituição, mostrando que se trata de um pretenso objetivo obter êxito no que diz respeito à recuperação do sujeito-presos.

Essas informações sobre o espaço/ambiente e o falante nos permitem, igualmente, examinar algumas “equivocadas” posições de estudiosos da língua sobre o tema abordado. Verifica-se que ainda hoje a gíria está sujeita a alguns pré-conceitos que lhe são apontados,

além do fato de ser inexpressiva a literatura que trata dela e do preso, ao mesmo tempo. Segundo Serra & Gurgel (1999, p. 13), estudiosos preferem deixar à parte o estudo sobre gírias e se preocupar com causas mais nobres:

A gíria, no Brasil, continua sofrendo os efeitos do processo de marginalização.
Trabalhar com gíria é missão desconfortável.
Linguistas, gramáticos, filólogos, ensaístas, doutores e bacharéis em Letras passam ao largo, devotados a causas mais nobres.
Ignoram a existência da gíria.
Sabem, porém, que a gíria reúne, hoje, mais de 10% do acervo total da língua padrão, da norma culta, mas longe de admitir tal hipótese.

Apesar de não ser recente, este posicionamento apresentado pelo autor do dicionário parece simplificar a condição e o *status* da gíria nos dias de hoje. Apesar de trabalhos pertinentes e especializados como os de Dino Preti (1984), por exemplo, as pesquisas que focalizam as gírias centram-se apenas em nos mostrar a palavra e sua definição, i.e, inúmeros vocábulos são entradas de dicionários que carecem de revisão e de melhorias quanto à sua organização (abonação, conceituação etc).

Diante disso, o nosso interesse pelo tema *gíria* neste trabalho vai além de constituir “um pequeno dicionário de gírias dos presos”, ou ainda, de tornar conhecida a linguagem de presidiários para facilitar o seu controle diante dos policiais. Há aqui um interesse maior em tratar a gíria como fonte criativa e significativa por parte de seus usuários, que, como falantes intuitivos do português e atuantes no processo comunicativo, são capazes de originar formas léxicas previstas pelo nosso sistema lingüístico e que lhes remontam a um ambiente favorável e significativo, descontraído e livre de coações.

Assim, um ponto a favor de pesquisar sobre as gírias seria o de que ela é utilizada por grande parte da nossa sociedade, especialmente entre jovens. Nesse sentido, um estudo mais específico da gíria, poderia servir, por exemplo, para afunilar a relação entre professor e aluno no que diz respeito ao ensino do português, na medida em que o professor se utilizará da linguagem gíria para chegar ao seu objetivo lingüístico desejado, que pode ser até mesmo, o de se ensinar a língua, da mesma maneira como se ensina a língua em comparação com as diversas variedades presentes no português.

Sintetizando a idéia lingüístico – social deste trabalho, para esses falantes na condição de encarcerados, mais do que simples palavras, as gírias são significativas, uma espécie de

“idéia concretizada”, pois permitem a constituição de uma nova Instituição Penitenciária, um local em que ele, o preso, se sente melhor em habitar. Partindo dessa concepção, o trabalho além de justificar-se por fazer uma grande contribuição para o estudo da língua, mostra também sua relevância por trazer à tona uma preocupação com a comunidade *linguagreira* em questão, ou seja, uma preocupação social.

O tema.

“Os sentidos da liberdade... A gíria prisional como resultado de uma produção léxica criativa e significativa”.

O interesse em estudar esse tema, em desvendar a origem e a razão da utilização dessa linguagem, surgiu da experiência que tivemos enquanto professores de um grupo de presos.

Partimos da idéia de que a gíria é um rico artifício lingüístico ainda muito pouco abordado em nossas pesquisas e de que algumas dessas palavras utilizadas pelo sujeito-presos, além de serem um elemento lingüístico basicamente presente na língua portuguesa falada, disponíveis no léxico geral, são utilizadas tanto por indivíduos de grupo, quanto pelo coletivo (da massa de falantes em geral).

A gíria, antes de qualquer coisa, é abordada neste trabalho como uma *palavra* cuja “definição, bem como sua identificação no discurso, tem que ser feita de língua para língua”. (Biderman, 1999, p.81). E diante desse fato, a definição de *palavra* deve cobrir-se de um conceito mais geral:

De fato, a firmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolingüística se materializa, no discurso, com uma inegável individualidade. Os seus contornos formais situam-na entre uma unidade mínima gramatical significativa – o morfema – e uma sintagmática maior – o sintagma. (*op.cit*, p.82)

Sendo assim, temos que a gíria enquanto uma *palavra*, uma unidade lexical, pode ser analisada e decomposta em outras formas significativas menores.

Lembramos que as “regras”, os “recursos de formação” dessas gírias não são os únicos admissíveis. Neste trabalho, nos apoiamos em algumas tendências que possibilitaram a indicação de alguns processos formativos das gírias, como, por exemplo, comparações entre designações e conceitos, analogias, semelhanças entre as partes do que se deseja nomear e o

nome escolhido, e assim sendo, não se trata de apresentar a interpretação, algo definitivo, mas uma leitura possível dentre outras e, portanto, passível de ser modificada ou substituída.

Podemos, contudo, retirar do texto e das análises realizadas no *corpus* gírio a idéia de que essas unidades lexicais criam um novo contexto, um ambiente livre das coações e das normas decorridas do ambiente carcerário. Seria então este novo ambiente, criado a partir do universo significativo das gírias, a almejada *liberdade* dessas pessoas presas. Esse universo significativo promovido pelo conjunto das gírias passa a ser de extrema importância para a adaptação do apenado à Instituição. O sujeito-presos passa a se adaptar e a conviver mais facilmente com a sua rotina por meio de um outro viés que não o trazido pelos valores e regras da Instituição.

Nota-se que as gírias proporcionam um tipo de “prazer” para o apenado, o qual deve seguir as rígidas normas e condutas que fazem parte do funcionamento da Instituição Penal. Por meio de um processo mental criativo como outrora dito, como qualquer outro falante do português, o preso/ “argotier”¹ compõe a gíria, com base em recursos da língua, de forma a não necessitar saber identificá-los ou nomeá-los para tal composição. Tal processo, no entanto, é possível porque o falante retira da língua intuitivamente esses recursos. Resumindo-se, para o sujeito-presos, a utilização desses termos gírios advém de um processo inventivo, do ponto de vista “morfo-semântico”, e significativo, do ponto de vista “social”.

Além de representar um material de estudos importante para as pesquisas sobre linguagem, a opção por estudar o tema “gíria prisional” justifica-se, também, por se tratar de um assunto ainda pouco estudado no campo da Linguística atual. Em geral, a literatura que trata do tema se limita a registrar essas unidades lexicais em dicionários.

Diante disso, há de se considerar que ainda hoje os dicionários representam obras de extrema importância para o uso, preservação e mesmo como simples consulta da língua de uma determinada comunidade de falantes.

De acordo com Biderman (2002), a composição de um dicionário de língua, por exemplo, requer cuidado, seleção e tratamento adequado do material a ser analisado. Tal processo pode muitas vezes demorar anos de pesquisas até a data de sua publicação, sem contar que se tratará de uma obra sempre inacabada, incompleta, pois a dinâmica da língua faz com que o dicionário publicado esteja sempre em atraso com relação ao uso efetivo da língua. Por essa razão, o inventário lexical de um dicionário de língua será sempre aberto, infinito, embora o número de palavras de uma língua possa ser aproximadamente mensurável, podendo

¹ Termo utilizado para o falante da gíria (argot) em francês, para o qual não temos tradução.

atingir, aproximadamente, uns 500 mil vocábulos. Assim, apesar do esforço contínuo na elaboração dos dicionários, ele nunca conseguirá registrar todo o aparato lexical de uma civilização.

Contudo, mesmo sendo esta uma obra perpetuamente incompleta, ela deve ter a pretensão de se configurar como o estuário lexical utilizado por uma determinada comunidade. Ela deve apresentar, de forma geral, clara e objetiva, o conjunto de palavras em uso num meio lingüístico.

Verificamos, no entanto, que algumas obras lexicográficas atuais, particularmente, aquelas que se dedicam ao registro das gírias, “tipos de dicionários especiais”², que deveriam cumprir com o objetivo a que se propuseram, i.e., ser um bom dicionário específico, apresentando uma definição precisa em seus verbetes gírios, preocupam-se apenas em registrar em seus verbetes a designação e o conceito do termo gírio, deixando de registrar, por meio de exemplos, um uso efetivo/ “real” da gíria que identificam. Falta, nesses verbetes, a indicação de classe gramatical da gíria, do grupo usuário, da sua origem regional e, ainda, uma definição coerente do vocábulo gírio.

Observamos que um maior cuidado com a configuração desse verbete facilitaria o acesso de estudiosos e outros interessados ao tema da gíria, ampliando, conseqüentemente, as pesquisas ligadas a ele.

É importante salientar que a confecção de um dicionário de gírias não é tarefa tão simples, já que grande parte dessas unidades léxicas encontra-se, basicamente, no nível da fala e, com o tempo, podem desaparecer. São pois, freqüentemente, tratadas como “palavras efêmeras” e, por tal motivo, seu registro em dicionário de língua é ainda mais demorado ou limitado. Quando se trata de um uso das gírias por grupo de falantes, como no caso aqui analisado, é necessário que esse vocabulário de grupo se expanda, i.e, ganhe expressão coletiva, da massa de falantes ou de grande parte dela, para só assim conquistar um lugar de destaque e, conseqüentemente, um registro em dicionário especial e talvez de língua.

Com base nas análises mais recentes da Lingüística, os trabalhos que tratam precisamente do tema em questão, são especialmente os de Preti: “*A gíria e outros temas*” (1984), “*Sociolingüística: os níveis de fala*” (1987), e “*A gíria na língua falada e na escrita:*

² Dicionários de língua que registram apenas um tipo de unidade lexical ou fraseológica, como por exemplo, os dicionários de expressões idiomáticas, de provérbios, de ditados, de gírias, de sinônimos, de antônimos etc., os quais podem ser monolíngües, bilíngües ou multilíngües (BARROS, 2004, p.64)

uma história de preconceito social” (2000). O autor além de dar uma definição apropriada ao termo gíria, a subdivide e a analisa de acordo com seus grupos de falantes.

Outro ponto a se considerar com o estudo desse tema é que o tratamos sob um prisma social e lingüístico. Social, na medida em que tentaremos demonstrar que a gíria é uma das variadas maneiras, em meio ao ambiente carcerário, de estabelecer uma coesão comunicativa e eficaz, e conseqüentemente, de manifestação da liberdade. Lingüístico, considerando que a gíria é mais uma palavra que pode ser analisada tanto do ponto de vista de sua forma e quanto dos seus significados.

Algumas das pesquisas que abarcam nosso tema tendem a relacionar, de forma “pejorativa”, a linguagem gíria a seus usuários, os presos. Ressaltam, constantemente, o fato de que a gíria funciona como um elemento “identificador” entre o grupo falante, e que por meio do seu uso, pode indicar quem pertence ou não a ele. Nesse caso, considerando que a comunidade de presos, por si só, representa um aspecto negativo da sociedade, a linguagem por ela utilizada, a variedade lexical por ela escolhida também será socialmente desprestigiada.

Além desse fato, há o de que a gíria é um código acessível somente aos falantes de um determinado grupo, fato este, também questionado em nossa pesquisa, ao demonstrarmos que, algumas dessas gírias, com significados atrelados ao contexto, podem ser decifradas. Podemos ressaltar, igualmente, a originalidade desse léxico que foi criado pelo sujeito-presos a partir de recursos disponíveis em nossa língua.

Assim, apoiando-nos na bibliografia indicada ao final do trabalho, objetivamos nesta pesquisa, analisar o léxico gírio dos sujeitos-presos, de acordo com as seguintes perspectivas:

1. *Lexical*: em que pretendemos analisar o léxico de gírias de indivíduos que estão na condição de presos. A unidade léxica, a gíria, será aqui analisada na sua forma e também quanto ao seu significado. Para tanto, abordaremos conceitos oriundos da *Semântica Lexical*, bem como alguns conceitos da própria *Lexicologia*. Examinaremos a unidade léxica objetivando mostrar, ao final da pesquisa, um campo léxico cujas unidades lexicais são compreensíveis ou de fácil acesso, i.e, de pouco alcance criptológico. Com o apoio da *Semântica Lexical*, vamos explorar o campo semântico das gírias, indicando o significado assumido pela gíria no contexto penal e destacando os recursos lingüísticos que foram utilizados pelo apenado nas suas formações;

2. *Sociolingüística*: na medida em que abordaremos alguns aspectos do grupo social-falante e do ambiente penal em que ele se insere, com o intuito de melhor caracterizar o nosso objeto de estudo que é a gíria.

Uma vez realizada essa análise, discutiremos, vez ou outra, sobre questões relacionadas aos “registros de fala” (formal/informal), pretendemos mencionar o fato de que a gíria é uma das variações lexicais decorrentes da língua portuguesa, assim sendo, uma forma de manifestação da língua viva, que é utilizada como forma ideal de comunicação em determinados contextos sociais, seja por crianças, jovens, adultos e mesmo por alguns idosos.

Mesmo a “gíria prisional”, mais específica do que a “gíria comum ou popular”, assume o posto de “mais um tipo de linguagem” desvinculando de si própria possíveis preconceitos relacionados a ela e a seus falantes. Trata-se de uma variação do léxico que é colocada à disposição de um usuário.

É importante salientar que, mesmo estando vinculada ao registro de fala popular, a gíria pode ser utilizada em contextos sociais mais formais, desde que, naquele momento, harmonize-se com a situação, sirva como meio adequado e eficaz para a comunicação.

CAPÍTULO 1.

A GÍRIA, CONCEITOS E DELIMITAÇÕES.

1.1 Uma breve história do uso da gíria na Língua Portuguesa...

Como uma forma de manifestação da língua viva, dotada de características próprias, no seu uso e formação, essa variação lexical, denominada “gíria”, já vem sendo, há algum tempo, utilizada em muitas sociedades.

Presente, principalmente, na fala de jovens, adultos (homens, mulheres) e de certos grupos de pessoas que apresentam determinadas características, ideais ou interesses comuns (grupos esses também conhecidos como “guetos”), a gíria vem sendo uma das opções dentro do léxico geral da língua, que viria a compor o léxico individual desses usuários.

Porém, estudos recentes sobre as gírias, continuam a mencionar que esse tipo de variedade social da língua é normalmente utilizada em contextos desprovidos de formalidade e, sobretudo pela população menos favorecida cultural e financeiramente. Todavia, é preciso observar que na medida em que ela passa a integrar o léxico geral e é registrada no dicionário de língua, ela ganha um *status* diferente, sendo assim uma “palavra” à disposição e à espera de um falante que a adeque à situação de comunicação.

Segundo o jornalista e lexicógrafo J.B. Serra e Gurgel, autor de um “dicionário de gírias”, citado anteriormente,

“já durante o século XVIII, “padre D. Raphael Bluteau teria publicado em seu *Vocabulário portuguez e latino* (1712 - 1728), algo que viria a ser a gíria nos dias de hoje. De acordo com Bluteau: ‘gira seria o mesmo que a linguagem dos marotos’”. (BLUTEAU *apud* SERRA & GURGEL, 2000, p. 16)

Essa observação feita por Bluteau, durante a publicação de seu *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1728), traz consigo a indicação de que já se usava a gíria em língua portuguesa naquela época, daí a importância de mencioná-la.

No que diz respeito à Literatura Brasileira, ainda conforme J.B. Serra e Gurgel (2000, p. 26) “foi na publicação da obra de Manuel Antônio de Almeida: *Memórias de um sargento de milícias* que a gíria teria alcançado sua maior expressão”. A obra teria sido publicada inicialmente entre 1852 e 1853 em folhetins anônimos num suplemento dominical do *Correio Mercantil* chamado *A Pacotilha*. Os capítulos saíam à medida que eram escritos

semanalmente. Em livro, a obra de Manuel foi publicada nos anos de 1854 e 1855, em dois volumes. É, pois, durante o segundo volume, publicado em 1855 que encontramos uma crônica de costumes e expressões da língua usadas no Rio de Janeiro do século XIX.

Para finalizar essa breve orientação histórica sobre o uso da gíria, trazemos mais um exemplo dado pelo “*Dicionário de gíria – modismo lingüístico – O equipamento falado do brasileiro*” de J.B. Serra e Gurgel (2000). Segundo o autor, no século XIX, João Baptista da Silva Lopes publicou *História do Cativoiro dos Presos do Estado na Torre de São Julião da Barra*, em quatro volumes (1833-1834). No primeiro volume, Lopes apresenta 102 termos sob o título de *Documento ilustrativo. Calão ou Algaraviada dos Malandros*. Trata-se de um dos primeiros registros de uso da gíria, em língua portuguesa, por parte de indivíduos presos.

Vemos assim que esses três momentos distintos, representados por três áreas distintas: Lexicografia, Literatura e História, indicam registros das gírias em momentos anteriores ao nosso, comprovando uma atenção considerável dedicada à linguagem gíria desde aquela época.

Neste primeiro capítulo, como destacamos na Introdução, buscou-se apresentar alguns conceitos sobre a *gíria*, bem como sua utilização em épocas anteriores à nossa, a partir de definições do termo “*gíria*” em dicionários de língua antigos (como no de Bluteau), de exemplos de seu uso em obras clássicas da nossa literatura (como no livro *Memórias de um sargento de milícias* (exemplos de uso, em especial pelos moradores do Rio de Janeiro) e, por fim, alguns registros escritos do que viria a significar “gírias” nos dias de hoje, por parte de sujeitos-presos.

1.2 Conceitos e delimitações do tema.

De acordo com Preti (1984, p. 19), “a gíria se apresenta como um vocabulário agregado à linguagem corrente, sendo usada nas mais variadas situações e pelos mais diversos tipos sociais de falante”. Isso garante à gíria – seja ela comum e, em menor escala, ligada a grupos sociais –, um papel semelhante a qualquer outra unidade léxica. Nesse sentido, pode-se dizer que há embutido neste conceito, a idéia de uma unificação da linguagem, i.e, considerando que a Língua Portuguesa apresenta variedades (sociais, regionais, ligadas ao uso formal/informal, diacrônicas etc.) e que todas elas para a Lingüística, têm a sua importância, a gíria, neste caso, seria uma variação lexical ligada registro de fala comum.

Por outro lado, conforme o autor, se as “condições espaciais” contribuem para uma separação maior entre as regiões, ou as “estruturas culturais” causam uma diferença mais clara entre os grupos sociais, a gíria tende a cingir-se aos grupos restritos e adquire a qualidade de “linguagem especial fechada”, com funções outras além da simples comunicação, como, por exemplo, a de defesa da classe. É o caso, por exemplo, da gíria prisional.

Preti (1984) comenta o fato de a gíria ser um signo utilizado como defesa para seus usuários. Ao compor um léxico próprio, o *argotier* se protege em seu mundo, no mundo em que, teoricamente, poucos teriam acesso. Assim, o controle “total” visado pela instituição, perde um pouco de sua força e, dessa maneira, passa a ser apenas “parcial”. A instituição não tem agora um domínio pleno sobre seu encarcerado, ela não poderá controlar o que desconhece, como a sua linguagem gíria.

Embora, vigorou-se nesse trabalho um esforço para delimitar a linguagem carcerária na sua totalidade, as unidades léxicas aqui analisadas não são tidas como *herméticas*, mas é importante mencionar que tais palavras existem, de fato, na linguagem carcerária e que, neste trabalho, foram deixadas de lado propositadamente.

No concernente ao valor morfo-semântico da *gíria*, temos que este é concebido como uma palavra, uma unidade léxica extraída do estoque lexical da língua. Do ponto de vista mórfico, teoricamente, a gíria passaria, a princípio, pelas mesmas formações e análises por que passa qualquer outra unidade léxica. Na prática, essa composição da gíria admite algumas especificações que estão relacionadas ao tipo de gíria empregada e ao tipo de falante que a empregou, daí ela ser tratada como mais um elemento da língua a serviço de um falante que o queira empregar.

Outra característica apresentada pela *gíria* é o fato de ela assumir significações. A vida semântica de uma gíria varia de acordo com seu uso constante - ou não - e com a afetividade que o falante tem com relação ao vocábulo. Essas definições ligadas às gírias estão geralmente condicionadas ao interesse do usuário, que a criou motivado por situações promovidas pelo ambiente em que se encontra, ou pela comunidade na qual está inserido. Um exemplo seria a gíria “*areia*” que, no contexto carcerário, significa “*açúcar*”. Aqui, a definição sugerida ou inventada pelo preso acrescenta um elemento ao significado original de “*areia*” e que é atribuída à qualidade e a consistência do alimento. O apenado poderia ter criado uma gíria em que comparava somente a forma, em especial a cor, i.e, ele poderia designar *farinha* para *açúcar*, ao invés de *areia*. O fato de o apenado ter escolhido a palavra *areia* significa que está

considerando também à má qualidade do alimento (sua cor e consistência são diferentes se comparados ao açúcar de boa qualidade) que é servido na penitenciária.

Observa-se, com isso, que as palavras que compõem as significações gírias de um grupo podem organizar-se em vários campos semânticos. Nesse sentido, dependendo do contexto e da situação comunicativa, a palavra *areia* pode significar outro elemento.

Assim, ao abarcar o tema da gíria, e partindo de um *corpus* formado por 121 termos gírios e seus respectivos conceitos, pretende-se neste trabalho, discutir algumas das possíveis leituras que esses termos permitem fazer, a fim de levar o leitor, também, a refletir sobre a complexidade e a riqueza das gírias.

1.3 A gíria como *signo de grupo*.

Quando falamos em gíria dos presos, relacionamos a linguagem a seus usuários. Isso implica um estudo da linguagem utilizada e do grupo social delimitado que a usa. Nesse sentido, podemos utilizar como fonte a “Sociolingüística, caracterizada como área da Lingüística que se ocupa das questões postas pela consideração das relações entre língua, cultura e sociedade”. (ALKMIM, 2003, p. 593).

A Sociolingüística nos fornece uma base para o estudo dos temas aqui destacados, na medida em que podemos analisar características relacionadas à linguagem, como por exemplo, ao dizermos que se trata de uma variedade do tipo popular, utilizada em contextos informais e, num primeiro momento, entre as pessoas que pertencem ao grupo. Quanto ao grupo, no caso, indivíduos privados de liberdade, podemos analisar características ligadas ao ambiente em que se encontram, uma Penitenciária. Aqui, os falantes são indivíduos que cumprem pena em decorrência do delito que cometeram e, neste caso, todos os falantes cometeram homicídio. Crime que, de acordo com as leis penais, está inserido na parte em que diz respeito aos “crimes contra a pessoa” e, mais especificamente, “aos crimes contra a vida”, os quais se qualificam em Homicídio Simples, Qualificado ou Culposos. Para um maior esclarecimento desses termos *vide* “Anexo I” na parte final desse trabalho.

Assim, importa-nos também estudar o ambiente em que se encontram os falantes dessas gírias, pois ele provavelmente influenciará em sua composição, tanto em suas designações, quanto em seus conceitos.

Outra forma de caracterizar a gíria dos presos é tomando-a como um *signo de grupo*. Sobre essa definição nos fala Guiraud: « *L'essence de tout argot est d'être un signum, une façon particulière de parler par laquelle l'individu et le groupe se distinguent* »³.

Nesse sentido, temos a gíria como uma linguagem própria de um grupo social, uma linguagem que serve para identificar esse grupo, representá-lo, caracterizá-lo, de forma a diferenciá-lo de outros. Num primeiro momento, criada com fins criptológicos, ou seja, de se fazer entender apenas pelos componentes de seu grupo. Num momento posterior, no entanto, é possível encontrar essa linguagem, a princípio alocada, misturada à linguagem comum, confundindo-se com a gíria comum falada pela população em geral. A gíria, então, passa de um uso mais restrito a um uso mais amplo; deixa de representar a identidade do grupo (ao qual foi revelada) e de ser “gíria de grupo”, tornando-se “gíria comum”.

CAPÍTULO 2.

³ “A essência de toda gíria é a de ser um signo, uma forma particular de falar pela qual o indivíduo e o grupo se distinguem?”. (Tradução Nossa)

ABORDAGENS LÉXICO-SEMÂNTICAS.

Ao concebermos a gíria como uma palavra ou uma unidade léxica e diante de um *corpus* configurado como um “léxico”, analisaremos as gírias por meio de uma perspectiva léxico-semântica. Para tanto, desde já, destacaremos alguns conceitos e definições ligadas à *Lexicologia* e à *Semântica Lexical*, ramos do saber que nos servirão de base para delimitarmos o nosso objeto de estudo – a gíria. Enquanto a primeira nos ajuda a melhor delimitar o léxico, a segunda nos auxilia a identificar e nomear os possíveis processos lingüísticos empregados pelo preso no processo de composição das gírias (metáforas, metonímias etc).

Sobre a importância dessas áreas da Lingüística, nos diz Ullmann (1964, p. 64):

A **lexicologia**, por definição, trata de palavras e dos morfemas que as formam, isto é, de unidades significativas. Conclui-se, portanto, que estes elementos devem ser investigados tanto na sua forma quanto no seu significado. A lexicologia terá, por conseguinte, duas subdivisões: a **morfologia**, estudo das formas das palavras e dos seus componentes, e a **semântica**, estudo dos seus significados. É este, pois, o lugar da **semântica**, no sentido estrito do termo, dentro do sistema das disciplinas lingüísticas.

Ao trabalharmos com “o léxico”, é preciso mencionar que, em especial, três áreas da Lingüística se ocupam do seu estudo, a saber, a *Lexicologia*, a *Lexicografia* e a *Terminologia*. De acordo com ISQUERDO & OLIVEIRA (1988, p. 10):

Embora complementares entre si, essas áreas possuem objeto de estudo, metodologia e pressupostos teóricos distintos. Enquanto a primeira ocupa-se dos problemas teóricos que embasam o estudo do léxico, a segunda está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas. Já a terceira área tem como objeto de estudo o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades.

A *Lexicologia* é, pois, um ramo da Lingüística incumbido de estudar cientificamente o léxico, assim como a palavra e a classificação lexical. Para esse ramo da Lingüística, a definição e a identificação da unidade léxica configura-se como um problema teórico complexo com contornos graves em várias outras disciplinas da Lingüística, especialmente na prática Lexicográfica (ISQUERDO, 1988). No que diz respeito à classificação gramatical, este é tema minoritariamente abordado, salvo o enfoque tradicional dado pelos gramaticistas. No que se refere ao estudo estruturado do léxico, este, foi um tema superficialmente abordado e,

citando mais uma vez Biderman (1978, p. 139) pode-se dizer que “o léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”.

Sabe-se que o léxico é estruturado por uma complexidade de redes semântico-lexicais, indicando que a palavra, inserida numa cadeia paradigmática, se articula em combinatórias sintagmáticas formando uma ramificação infinda de significações lingüísticas.

Embora atrelemos à Semântica o estudo das significações lingüísticas, tanto a Lexicologia como a Semântica, se mantêm muito próximas na análise de seus objetos de estudo, já que, por estudar e analisar o léxico e a palavra, tem que considerar sua dimensão significativa. Além disso, os lexicólogos preocupam-se com a questão das formações das palavras assim como a Morfologia Lexical; preocupam-se também com o estudo da criação lexical, i.e, dos neologismos. Ademais, a Lexicologia faz fronteira ainda com a Dialectologia e com a Etnolingüística; nessas áreas fizeram-se estudos sobre as relações entre a língua e a cultura.

No que concerne à Lexicografia, ciência que estuda os dicionários, podemos dizer que sua prática é também muito antiga, mas só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngües (em latim) e bilíngües (latim mais uma língua moderna). Os primeiros e principais dicionários de língua portuguesa publicados foram: *o Vocabulário Português-Latino* do Padre Raphael Bluteau (1712-1728) e o *Dicionário da Língua Portuguesa* de Antônio de Moraes Silva (1789/ 1813). Já os dicionários técnicos científicos são muito recentes e a Lexicografia atual já expressa trabalhos muito importantes.

No entanto, é importante destacar que a descrição do léxico é feita basicamente pela Lexicografia e não pela Lexicologia, caracterizando, dessa maneira uma tarefa prática pouco científica. Assim, pode-se dizer que, entre nós, é muito recente um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos.

Já que nossa pesquisa destaca uma análise lexical, passemos então a destacar alguns temas aqui constantemente citados, tais como *léxico, lexia, unidade lexical etc.* Temos que *léxico* “é o conjunto das palavras de uma língua, o que inclui evidentemente a maior parte dos morfemas (morfemas livres) e todas as unidades codificadas de vários morfemas (palavras derivadas e compostas, lexias)” (REY-DEBOVE, 1984, p.50).

Como realçamos a Lexicologia, é preferível falar em léxico como o conjunto das palavras lexicais conforme Ullmann (1952). Nesse sentido, pode-se dizer que também a gíria é uma palavra lexical e para conceituá-la, reiteramos Biderman (p. 114):

[...] não é possível definir palavra de maneira universal, isto é, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua. A afirmação mais geral que se pode fazer é que essa unidade psicolinguística se materializa no discurso, com inegável individualidade. Os seus contornos formais situam-na entre uma unidade mínima gramatical significativa – o morfema – e uma unidade sintagmática maior – o sintagma. Pode-se afirmar também que a velha gramática grega não estava errada, ao considerar que a sentença é composta de palavras.

Diante desse conceito mais geral sobre “palavra”, podemos dizer que a gíria, uma unidade lexical, é formada por um ou por vários morfemas (unidades mínimas significativas). Suplementando o conceito de palavra, mencionaremos, ainda neste trabalho, dois termos pertencentes ao estudo do léxico: *lexia* e *unidade lexical*.

De acordo com Rey-Debove (*op.cit.*,p.48), a língua dispõe de várias unidades codificadas: “todos os integrantes até a lexia são chamados unidades codificadas: o morfema preso é unidade significativa mínima, e a lexia a unidade significativa máxima”. A autora ainda acrescenta à definição de lexia:

“(...) elas estão inscritas como unidades no código de nossa memória, a qual deve reproduzi-las tais quais, em bloco, no discurso; não temos a liberdade de mudar, pela mesma razão, a ordem dos elementos nessas unidades, nem mudar um elemento, nem separá-los por inserções”. (*op.cit.*)

Segundo Barros (2004, p.60), “a unidade lexical é caracterizada pela não separabilidade dos elementos que se realizam do ponto de vista fonético e é identificada pela possibilidade de comutação no sintagma ou frase”.

A autora afirma ainda que a unidade lexical, tal como a unidade terminológica, pode ser estudada em seus diferentes aspectos; aqui, nos propusemos a analisar, principalmente, o léxico-semântico. Assim, abordando o aspecto léxico-semântico, vamos analisar a palavra no seu caráter sócio-semântico, i.e., uma palavra revestida de um significado condicionado a um contexto, cuja definição é atribuída à sua designação de acordo com o interesse do próprio criador dessa designação, unidade léxica aqui conhecida como uma gíria.

Sobre as gírias, é importante comentar que ainda são poucos os dicionários que versam sobre este tema. Há alguns trabalhos nesta área, conhecidos na Lexicografia por “dicionários especiais”, mas que não trazem uma informação precisa sobre o vocábulo gírio. Os verbetes apresentam falhas que vão desde a entrada até a abonação dada pelo autor do dicionário: erros quanto à informação etimológica, ao tipo de variedade regional, falta clareza quanto aos exemplos dados, e, o que é mais grave, nas definições desses termos.

Por isso, faz-se necessário mencionar a importância também da Lexicografia, já que esta se propõe a elaborar dicionários de línguas ou dicionários especiais. Os primeiros “registram unidades lexicais em todas as suas variações morfossintáticas e em todas as suas acepções” (Barros, 2004, p.63). Já os chamados dicionários especiais registram um tipo de unidade lexical ou fraseológica; destacam-se aqui os de gírias.

De acordo com Ullmann (1964, p.64): “A lexicologia não deve ser confundida com a *lexicografia*, ou seja a elaboração ou compilação de dicionários, que é uma técnica especial, mais que um ramo da lingüística”. No entanto, o ideal é desenvolver uma prática lexicográfica fundamentada numa teoria lexical e com critérios científicos.

Assim, por meio de um enfoque lexicológico e, quando indispensável, morfológico, analisaremos as gírias, suas formas/componentes visando seu processo de composição e, em seguida, recorreremos à perspectiva semântica, a fim de estudarmos os significados dessas palavras decorrentes do contexto carcerário e o tipo de comparação (designação-conceito) utilizado em sua composição. É importante destacar que essa hierarquia no estudo das gírias, primeiro um enfoque lexicológico, depois morfológico, depois semântico, existe apenas no plano prático para fim didático, mas no plano teórico é sabido que essas teorias caminham juntas na análise de uma unidade lexical, como outrora nos acrescentou Ullmann (op.cit.) e, portanto, é impossível separá-las em sua definição e análise.

A definição de semântica como ramo da Lingüística que se ocupa por estudar o significado das línguas naturais é bastante consensual, embora seja pouco esclarecedora. No entanto, é preciso, *a priori*, definir o que é significado. E este é um problema também bastante comum entre os semanticistas, já que possuem diferentes visões sobre o termo. São, pois, variados, os enfoques dados pela semântica com relação ao seu objeto de estudo: “o significado das línguas naturais” e, nesse sentido, podemos citar a semântica lexical, textual, cognitiva, argumentativa, a discursiva. Todas elas analisam o significado sob ângulos diferentes.

Nesse sentido, além do significado, outros conceitos foram ainda previamente estudados pela Semântica, tais como o “signo” e o “significante”. Segundo Saussure (1969), o signo lingüístico é uma entidade psíquica de duas faces; uma cominação do conceito e da imagem acústica, respectivamente chamados de *significado e significante*. De acordo com Lopes & Pietroforte,

Uma das características do signo freqüentemente evocadas pela lingüística de filiação saussuriana é o fato de as diversas línguas naturais estabelecerem, cada qual para uso próprio, diferentes estruturas do “mundo” por elas concebido. Por isso, nessa perspectiva, tanto o pólo da

“palavra” quanto o do “conceito” são variáveis segundo a inserção sócio-histórica das expressões que estejam em pauta; conseqüência disso, entre outras, é ter de admitir que não existem jamais traduções exatas entre duas línguas. (2007, p.116)

Assim, em meio ao plano do conteúdo ou dos significados, estruturamos as gírias em torno de um campo lexical, i.e, um paradigma lexical formado pela articulação e distribuição de um *contínuo de conteúdo lexical* por diversas unidades existentes na língua (palavras) e que se opõem entre si por meio de simples traços de conteúdo (Vilela, 1980, p.191).

De acordo com Vilela (1980), os termos mais importantes para a *análise do léxico* em *campos lexicais* são: arquilexema, lexema, sema e a dimensão. O *arquilexema* é a unidade que corresponde ao conteúdo total de um campo lexical, unidade que pode existir como lexema, mas não necessariamente. Exemplos: Lexema arquilexemático: *coisa, ser, animal etc.* São campos sem lexema arquilexemático: os adjetivos de temperatura (*quente/morno/fresco/frio*), de idade (*novo/jovem/velho*) etc. *Lexema* é a unidade de conteúdo expressa no sistema da língua e *ocupa* uma *parte do campo lexical*. Os *semas* são as unidades menores constituídas por *traços distintivos* de *conteúdo* e constitutivas dos lexemas. O conceito de *dimensão* (usado por E. Coseriu, 1964) é designado por “critère sémantique”, substituível também por “catégorie lexicale” por ser comparável às categorias gramaticais simples, embora, preferencialmente, utilize o termo *dimensão*, por questões de comodidade e de método.

Em conclusão, temos a seguinte hierarquia de unidades: os **semas** como unidades constitutivas das oposições mínimas no campo, os **lexemas**, constituídos pelos *semas*, a **dimensão** como uma *arqui-unidade* intermediária que pode abranger vários lexemas, o **arquilexema** que compreende vários lexemas (os lexemas do campo). Apenas os *lexemas* exigem a existência de uma palavra correspondente na língua.

Em nossa pesquisa, ao voltarmos nosso olhar ao conteúdo semântico de uma unidade lexical vamos revelar os seus significados e, em seguida, reunir as gírias em um “arquilexema”, ou um campo lexical.

Ex:

Objeto (Arquilexema) → BIC (Lexema)

OBJETO (Arquilexema)	
----------------------	--

<p>BIC (Lexema)</p> <p>BIC (designação) → (a marca do objeto)</p> <p>↓</p> <p>Gíria</p>	<p>ISQUEIRO = objeto munido de pederneira, a qual, ao ser atirada, produz centelhas que inflamam um pavio [usado para acender cigarros, charutos e cachimbos.]⁴</p> <p>(idéia/conceito)</p>
--	--

Ainda, por meio de uma abordagem semântica, elevaremos pontos de “intersecção semântica” entre a gíria e seu “referente”, como em “bic” e “isqueiro”, conforme exemplo dado. Por meio dessa análise, pretende-se identificar e nomear os possíveis processos lingüísticos que foram empregados pelo preso na confecção de cada gíria: metáforas, metonímias etc.

Uma última contribuição baseada num estudo semântico da gíria enquanto palavra ou unidade lexical, não menos importante por isso, diz respeito à definição e à delimitação da unidade léxica (embora já abordada anteriormente) que não pode prescindir do critério semântico:

Se a fonologia nos ajuda a reconhecer segmentos coesos fonicamente e se a gramática nos leva a identificar as formas lingüísticas manifestas nesses segmentos, só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica expressa no discurso. Se a informação semântica não congrega todos os outros elementos no topo da hierarquia, os resultados da análise lingüística serão distorcidos como já advertia Ullmann. (BIDERMAN, 2001, p.155)

Sobre o conceito de palavra, o semanticista Ullmann (1964, p.68) nos acrescenta que “... são as mais pequenas unidades da língua capazes de agir como uma elocução completa”. E diferenciando-a de uma frase, Ullmann (1964, p. 69) nos diz que “... uma palavra não pode ser dividida, sem resíduo, em formas livres mais pequenas, ao passo que a frase o pode”. Contudo, o semanticista considera a palavra como a menor unidade semântica do discurso.

Vale lembrar que também a palavra, no seu enfoque semântico, conforme vimos, é objeto de estudo da Lexicologia e da Lexicografia, assim como é o da Semântica.

⁴ HOUAISS, A. e VILLAR, 2001, p.1657.

CAPÍTULO 3.

ABORDAGEM SOCIAL

Além de uma abordagem léxico-semântica como sendo indispensável para análise do nosso objeto de estudo, destacaremos por último, a importância de uma abordagem sociolingüística. Desta, utilizaremos seus conceitos mais gerais, que, de maneira ampla, relacionam um tipo de linguagem (gíria), a princípio, restrita ao uso por um determinado grupo de falantes (indivíduos na condição de presos) e o ambiente no qual essa linguagem é utilizada (aqui, a Instituição Penitenciária).

Assim, ao abordarmos um grupo social limitado, como o dos presos, bem como a sua linguagem, devemos considerar também a influência que exerce o ambiente tanto na criação, quanto na mudança da gíria, sua entrada e permanência na língua e, conseqüentemente, os efeitos que causam à norma padrão, ou seja, uma maior expressividade no falar, um usuário prefere utilizar a gíria à outra unidade léxica que não comporta tais características. Assim, para focalizarmos esta abordagem, retomaremos algumas das definições das gírias, já vistas anteriormente.

De acordo com Preti (1984), as gírias são

(...) variações sócio-culturais da linguagem, empregadas (...) como recursos expressivos, servindo para uma comunicação mais eficiente que, conforme as conveniências sociais, bem como, situações de uso, intenção dos interlocutores, podem tornar-se menos ou mais fechadas. (PRETI, 1984, p.11)

Neste caso, como as gírias são provindas de um grupo social delimitado, alocado numa instituição de caráter prisional e, portanto, mantendo contato limitado com o exterior, as gírias dos presos estariam classificadas, *a priori*, como fechadas, sendo, a princípio, criadas com uma intenção de unificar, representar o grupo.

No que diz respeito à conceituação de “gíria prisional” é restrito o material que versa sobre o assunto e, devido a uma dificuldade de precisão na definição do termo, optamos inicialmente por lhe sugerir uma.

A partir das análises que realizamos com o *corpus* gírio, tentamos reunir, de forma geral, a riqueza no uso e criação das gírias por parte de seus usuários : a gíria prisional é um

tipo de linguagem especial, criativa, caracterizada especialmente por um vocabulário rico em metáforas, significativa por parte de seus usuários, pois funciona como elemento compensatório e catártico, libertário em meio a imposição da regras carcerárias; que serve para socializar-se ao grupo, sendo pois, utilizada como elemento diferenciador entre outros.

Complementando nossa definição, acrescentamos novamente Guiraud (1976, p.6): « On appelle *langage spécial* toute façon de parler propre à un groupe qui partage par ailleurs la langue de la communauté au sein de laquelle il vit. »⁵

Nossa definição prévia sobre o termo se dá com base nas análises realizadas com o *corpus* gírio. De forma geral, tentamos resumir na definição acima a riqueza no uso e criação das gírias por partes de seus usuários.

Dessa maneira, uma abordagem *sociolingüística ligada aos níveis de fala* complementa este trabalho, funcionando como um “pano-de-fundo”, já que falamos num tipo de variação lexical pertencente a um grupo social delimitado.

Para discutirmos e conhecermos os variados pontos de vista e estudos relacionados aos sujeitos presos e às gírias, vamos ainda abordar colocações da referida área com o objetivo maior de apontar um caminho prático dessa linguagem que ajudará a promover seu papel como mais uma variedade da nossa língua, libertando-a de possíveis preconceitos dirigidos a ela e aos seus falantes.

A fim de podermos evocar um lado significativo dessa linguagem, de uso e criação relacionados à própria sobrevivência do indivíduo encarcerado, é preciso, no entanto, questionar alguns valores veiculados com relação às gírias e aos presos e, para isso, faremos uso de um exemplo retirado de um *dicionário de gírias*.

Na tentativa de definir “gíria” em seu sentido estrito, Euclides Carneiro da Silva, no seu *Dicionário da gíria brasileira* (1973), apresentou-nos uma posição parcial e que, ainda hoje está presente na fala de alguns estudiosos e mesmo da sociedade, mas em especial manifestada por funcionários penitenciários e outros institucionalizados:

(...) gíria em sentido estrito. Nesse sentido temos a fala dos marginais. Os malandros usam uma fala especial, só conhecida por eles, com a finalidade de fugirem à ação policial. Esta linguagem está em constante renovação. Em vez de revólver, dizem “berro”. Em lugar de bala usam o termo “azeitona”. (SILVA, 1973, p. 7)

⁵ « Chama-se *linguagem especial* toda forma de falar própria de um grupo que divide com outros a língua da comunidade no seio da qual ele vive ». (Tradução Nossa)

A partir dessa citação, podemos dizer que, atualmente, seria politicamente incorreto considerar como *malfeitores* os grupos de falantes das linguagens especiais, tais como os homossexuais, os jovens, os dependentes químicos, os apenados etc.

Diante disso, cabe-nos examinar algumas posições do Lexicógrafo acima referido, assim como tomar a sua posição como referência de outros tantos estudiosos. De forma sintética, vamos apresentar os três pontos a serem questionados, e em seguida, os discutiremos.

A primeira posição defendida pelo autor, e que devemos refletir, seria a de que os sujeitos-falantes são mencionados aqui, de forma questionável, como *marginais*. Essa palavra poderia ter sido evitada pelo Lexicógrafo, o qual poderia utilizar outras como: sujeitos na condição de presos, ou indivíduos pertencentes ao grupo ligado ao tráfico etc. Assim, por causar uma certa ambigüidade, a palavra *marginais* pode significar *delinqüentes* ou pessoas *à margem da sociedade*.

O segundo ponto a se questionar é o de que *os falantes só usariam essa fala especial entre eles*. Tal afirmação é equivocada, pois verificaremos que algumas gírias saem do ambiente penitenciário, i.e., saem de um uso de grupo, e passam a compor a linguagem popular, i.e, passam de gíria de grupo à gíria comum, ou o contrário, mais comumente, passam de gíria comum e são adotadas pelos presos, como sendo então, gírias de grupos.

É possível observar algumas dessas gírias sendo utilizadas hoje também pela população não cárcerária, como, por exemplo: “mano” (companheiro, amigo), “rango” e “bóia” (refeições), “zóião” (ovo) etc. Exemplos de gírias que circulam entre o ambiente fechado (penitenciária) e o aberto (o da sociedade em geral), e que por constarem em dicionários, ou simplesmente pelo fato de serem uma variedade sócio-cultural como qualquer outra (viva), por circularem nos falares das pessoas, sem qualquer barreira que as impeça de “viajar” por esses lugares, fica difícil mencionar em qual ambiente ela teria surgido (se fechado ou aberto).

Esse uso sem “limites” vem reforçar o fato de que mesmo a gíria prisional não é somente utilizada nos limites prisionais, mas que ela ultrapassa tais limites colocados pela infra-estrutura e pela organização penitenciárias e passa a ser utilizada pela sociedade em geral.

Por fim, uma última afirmação feita pelo autor do dicionário é a de que os falantes usam a gíria *com a finalidade de fugirem à ação policial*. Tal afirmação nos suscita dúvidas, pois os usuários das gírias parecem encontrar nessa linguagem uma maneira de se libertarem da realidade ocasionada pela instituição penal. A gíria seria, nesse contexto, um mecanismo a

mais, criado pelo sujeito encarcerado para fugir da rotina e dos maus-tratos a que são sujeitados. Assim, seria a gíria uma forma de catarse, de expor o sentimento, a emoção provocada pela circunstância do ambiente em que vivem e também de distração, trazendo, por menor que seja, um certo tipo de prazer para o grupo. No lugar destes apenas dizerem ‘isqueiro’, dizem ‘bic’, ao invés de utilizarem o conceito “pessoa que foge do assunto quando percebe que ele vai ficar pior, ou quente”, dizem “pipoca” e outras.

Como podemos notar, os apenas escolhem os meios lingüísticos mais coerentes para expressarem suas emoções, vontades, raivas etc., são “processos mentais associativos e emotivos que produzem modificações de significado, criando para palavras e locuções sentidos novos, como os metafóricos e metonímicos, que se cristalizam e generalizam nas línguas”. (MARQUES, 2003, p.35). No caso, temos associações semânticas, por meio dos processos metonímico (substituiu a marca bic pelo produto isqueiro) e metafórico (comparação feita entre a palavra pipoca e o conceito atribuído ao apenas “sujeito que pula fora da situação quando ela esquenta”).

O emprego dessas palavras demonstra que parte das gírias prisionais dispensa o “rótulo” de linguagem criptológica, a necessidade do seu caráter hermético, misterioso, oculto, logo. Essa parte do léxico que optamos por analisar evidencia que não há, entre os sujeitos usuários dessas gírias, a intenção de opor-se à polícia, mas, sim, uma necessidade de criação de uma palavra que se refira a algo relacionado aquele ambiente, para suprir alguma perda, do ponto de vista material, para catarse de suas insatisfações, ou ainda, para descontração. É importante dizer que parte da linguagem carcerária traz termos de difícil acesso/compreensão e que esses termos podem estar ligados a um campo lexical voltado para o crime, drogas etc., mas optamos metodologicamente por termos que não fazem alusão a esses campos lexicais.

Nesse sentido, a linguagem utilizada pelos presos pode ser analisada tanto no que se refere ao caráter lingüístico-semântico (privilegiando o caráter polissêmico transmitido pelo vocabulário) e, conseqüentemente, pragmático (em que analisamos os efeitos que a gíria causa no seu ouvinte e mesmo no seu falante) quanto no que diz respeito ao aspecto social (significativa mediante a situação em que vivem).

Segundo Dino Preti (1984),

(...) os membros de um grupo fechado buscam por meio da linguagem uma forma de impor diferença entre o seu meio social e os demais meios da comunidade mais ampla como um mecanismo de defesa, atitude própria de grupos ligados à marginalidade, à prostituição, ao tóxico, à homossexualidade, entre outros. (PRETI, 1984, p.6)

Com base nessa citação, podemos dizer que além da afirmação da gíria como “mecanismo de defesa”, vigora a idéia de que ela seria uma fuga à realidade por eles vivenciada. Esta idéia se constrói na realidade e funcionalidade da Instituição Social Penal que organiza o dia-a-dia do interno, vigiando-o e manipulando-o conforme suas normas e condutas disciplinares. Sobre esta noção, Erving Goffman (2007) e Manoel Português (2001) esclarecem:

O controle de muitas necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos de pessoas – seja ou não uma necessidade ou meio eficiente de organização social nas circunstâncias – é o fato básico das instituições totais. (GOFFMAN, 2007, p.18)

(...) considerando que os programas da operação penitenciária apresentam-se de forma premente a fim de adaptar os indivíduos às normas, procedimentos e valores do cárcere – afixando, portanto, aquilo que se tornou o fim precípua da organização penitenciária: a manutenção da ordem interna e o controle da massa carcerária. (PORTUGUÊS, 2001, p. 360)

Em se tratando de presos, falar em “grupo fechado ou restrito” não é suficiente. Faz-se necessário citar que se trata de um grupo que não optou em fechar-se voluntariamente, mas que teve de ser privado de liberdade, forçosamente, com base em leis.

Os presos não utilizam suas gírias contra toda uma sociedade, mas contra a Instituição Prisão, mais precisamente, sua organização e seu controle, diferentemente, por exemplo, dos homossexuais, grupos ligados ao narcotráfico, etc., ou seja, grupos que se mantêm isolados por opção (por cultivarem interesses ou ideais comuns), visto que podem sair do local em que se encontram e manter contato direto com a sociedade.

No que diz respeito ao fato de a gíria ser um elemento de auto-afirmação, de representação ou de identificação entre grupos fechados, citamos novamente Preti (1984):

(...) signo de grupo, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja as gírias dos marginais ou da polícia, dos estudantes ou de grupos ou profissões). E quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de auto-afirmação. (*op.cit.* p.3)

O vocabulário produzido pelo apenado serve como forma de identificação entre o grupo, criando uma nova realidade para os apenados, por isso, apesar de transitório, enquanto é utilizado, é de extrema importância para o mesmo. Cada nova gíria parece significar uma nova experiência vivida, uma rotina diferente da anterior, e pode, de certa forma, preencher a lacuna deixada pela perda ou substituição dos objetos e valores que possuíam antes.

Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura. (OLIVEIRA e ISQUERDO, 1988, p. 9)

Quando um indivíduo sentenciado entra pela primeira vez em um estabelecimento penal, ele tem que abdicar de todos os seus bens pessoais. Este procedimento é comum nestes ambientes e implica em alguns prejuízos à auto-estima do indivíduo apenado. Assim, além de serem privados de suas vestimentas, seus objetos etc., o apenado ainda tem que abandonar tudo que teve e construiu durante sua vida social livre, e dessa forma, junto com seus bens, perde sua referência, sua identidade.

Ao entrar numa Penitenciária, o preso torna-se apenas mais um número de identificação para o Estado e, de certa forma, também para a sociedade. Ele passa a ser identificado por um número, pelo crime que cometeu ou por apelidos dados por outros apenados que o conhecem, ocasionando assim uma “mutilação do eu”:

Uma vez que o internado seja despojado de seus bens, o estabelecimento precisa providenciar pelo menos algumas substituições, mas estas se apresentam sob forma padronizada, uniformes no caráter e uniformemente distribuídas. Tais bens substitutos são claramente marcados como pertencentes à instituição e, em alguns casos, são recolhidos em intervalos regulares para, por assim dizer, serem desinfetados de identificações. (GOFFMAN, 1974, p.28)

Nesse contexto, um dos propósitos dos apenados em utilizar e criar as gírias seria para suprir essas substituições “improvisadas” pelos estabelecimentos penais. Dessa maneira, estes objetos e coisas improvisados adquiririam uma conotação “menos dura” e seriam melhor aceitos por seus usuários. Assim, marcando um objeto, nomeando-o e identificando-o com uma gíria, ele adquire uma identidade, uma marca, que fora perdida no momento em que lhe tiraram objetos pessoais e lhe foram dados, ou emprestados outros objetos que não devem ser

apropriados por eles. Assim, chamar a cama⁶ em que eles dormem na prisão de “jega” ou de “burra” marca aquele objeto como próprio, torna o ambiente mais leve, descontraído, menos real e, conseqüentemente, mais fácil de adaptar-se a ele:

Gradativamente a gíria, o jargão, a linguagem erótica, a linguagem obscena estão passando a atuar como forma de descontração, como elemento catártico para as insatisfações populares (independentemente da classe social em que esteja inserido o falante), ou como forma de identificação grupal. (CABELLO, 1989, p.4).

Por essa razão, a gíria passa a funcionar como um elemento de auto-afirmação, na medida em que traz uma referência para o grupo, caracteriza e representa esses sujeitos no sentido em que lhes traz identidade por meio do universo “singular” de palavras e expressões “(re) criadas”. As gírias indicam o grupo que as usa. O universo semântico inferido pelas gírias parece repor, nesse âmbito, valores de pessoas, objetos e coisas outrora perdidos.

A resistência prisioneira ao controle carcerário (...) é muito mais forte e presente que seu raro registro na literatura faz supor (...). As pessoas presas conseguem manter a identidade, os valores de origem e grupais, a perspectiva de vida e de liberdade, a despeito das longas condenações e de todos os fortes e rigorosos meios de controle e sujeição utilizados pela instituição penitenciária (ROCHA, 1994, p.3)

Apoiando-nos em Rocha, é possível falar, igualmente, que a gíria, no contexto prisional, funciona como “fator de resistência ao controle e valores carcerários”, evidenciando, mais uma vez, que elas são usadas em oposição ao ambiente em que vivem esses apenados, e não contra os policiais, guardas, agentes penitenciários etc.

Para sintetizar a criação gíria, citamos Marques (2003), com o objetivo de tentar mostrar a busca em veicular, por meio da linguagem, sentimentos, angústias etc.

As ‘inovações lingüísticas’ e as alterações de significado são vistas como resultantes de um esforço permanente de ajuste expressão/ pensamento/ sentimento, a partir de associações entre forma e sentido de palavras. Nessa busca contínua de uma adequada expressão de idéias e emoções por meio da linguagem, atuam fatores externos e internos, que desencadeiam alterações de significado das palavras em relação aos seus referentes ou aos conceitos mentais que evocam, aos falantes, para os quais a língua deve veicular conceitos através de sinais externos intersubjetivos, e aos outros elementos da língua, especialmente os vocabulares e locucionais. (MARQUES, 2003, p.37).

⁶ Tipo de cama de concreto, que para muitos nem mesmo existe, é substituída, na maioria das vezes, por um colchão cuja espessura equivale a, aproximadamente, três polegadas.

De acordo com Guiraud (1976) a gíria é: “... *signum d’adhésion à un groupe*”⁷ (1976, p.104). Diante dessa afirmação, podemos mencionar que a gíria, além de representar um elemento de identificação do grupo, como dissemos, também funciona no ambiente carcerário como elemento de socialização.

Todo indivíduo recém-chegado à Instituição Penal tem acesso ao código interativo de gírias utilizado pelos demais, fazendo com que ele se integre/socialize mais rapidamente ao grupo.

É conveniente, de “bom tom”, que o preso conheça as gírias usadas na sua comunidade, pelo seu grupo, pois essa seria uma das maneiras de não ser excluído dele. Tal procedimento, porém, não é obrigatório, cada preso tem a opção de não querer utilizar as gírias, no entanto, raramente isso acontece, pois conhecê-las e utilizá-las significa um mecanismo a mais para ampliar e conservar suas relações sociais.

Por meio da socialização, o apenado identifica características do seu grupo, se tornando um membro funcional desse grupo, aprende o que pode ser feito, dito etc., ou não, como uma criança que aprende com seus pais como deve se comportar à mesa, que expressões de polidez usar etc. Ao fazer isso, o preso assimila uma tradição que lhe pertence. Este processo de “compartilhamento” da cultura se dá por meio do ato comunicativo, i.e., da “imitação” do falar *gírio* de seus pares. Assim, quanto mais o apenado “imita”, mais se socializa.

É sabido que o processo de socialização se inicia desde o nascimento e amadurece com os primeiros contatos que temos com os nossos parentes, amigos ou agentes mais próximos, seja na escola, no trabalho, na mídia em geral etc. Assim, verificamos que esse processo é contínuo e nunca se finda, tendo o homem a necessidade de preservar essa relação social com seus pares constantemente. E para o apenado não é diferente.

Assim, como ser atuante no processo comunicativo proporcionado pelas gírias, o falante pode ajudar na conservação, na alteração e mesmo na dispersão dessas palavras.

Por se tratar de uma penitenciária, um ambiente fechado, monitorado, vigiado, toda forma de expressão corporal, atitudinal e mesmo lingüística é limitada. Assim, a gíria é objeto de observação contínua por parte dos agentes penitenciários. Mesmo esses acabam conhecendo algumas das gírias. Obviamente sem serem convidados a compartilhar tal

⁷ “... signo de adesão a um grupo”. (Tradução Nossa).

linguagem, mas por estarem inseridos entre os falantes, geralmente, descobrem o significado de algumas dessas palavras. E, assim como os presos, eles também ajudam, numa escala infinitamente menor, a divulgar esses termos, ainda que seja num contexto de zombaria, provocação etc. com seus superiores, colegas etc.

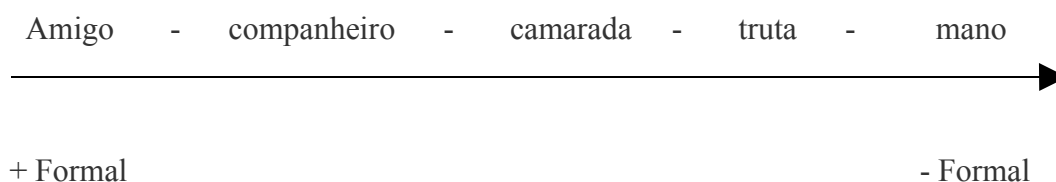
Apesar disso, a linguagem gíria traz um sentido de união para o grupo dos sujeitos-presos, na medida em que os diverte e, ao mesmo tempo, traduzem um mundo que lhes diz respeito.

3.1 Os níveis de linguagem

Sabemos que trabalhar com os níveis de linguagem não é tarefa fácil para os lingüistas. Isto porque a linha que separa um registro formal de um informal é muito tênue, pois dependendo da situação comunicativa, a palavra pode circular entre esses dois níveis, pertencendo ora a um registro, ora a outro.

Assim, podemos dizer que o léxico da língua está em constante renovação, e por tal motivo, é tido como aberto, infinito e o sujeito falante se utiliza dele para adequá-lo aos mais variados contextos. Daí a dificuldade dos estudiosos da língua, em especial do lexicólogo, de definir o grau de formalidade do vocábulo (culto ou popular). Dentro de uma classificação hierárquica, por exemplo, e em um contexto definido, um vocábulo de uso popular pode ser “não tão popular”.

Vejam os abaixo algumas palavras, a princípio, pertencentes ao “uso popular”, numa progressão de ordem do mais formal para o menos formal:



Vale dizer que todas essas palavras são pertencentes a um registro popular, mas em um contexto de mais formalidade, como o de em um seminário escolar, por exemplo, é preferível usar “amigo” a “truta”, “companheiro” a “camarada” etc.

Apesar da dificuldade de caracterização que subjaz essa classificação, trataremos a *gíria* utilizada por um grupo fechado (*os presos*), como sendo uma variedade lexical pertencente, *a priori*, ao nível de linguagem coloquial.

Para tanto, partimos de um breve esclarecimento do “posicionamento” da *gíria* dentro dos níveis de linguagem presentes na língua portuguesa. De acordo com *J. Marouzeau* (*apud* GUIRAUD, 1976, p. 6):

« ...un argot est une langue spéciale pourvue d'un vocabulaire parasite, qu'emploient les membres d'un groupe ou d'une catégorie sociale avec la préoccupation de se distinguer de la masse des sujets parlants ⁸».

Observaremos, no entanto, a partir do *corpus* que dispomos neste trabalho, que a *gíria* pode sair da sua posição de “grupo” e cair na linguagem popular da massa de falantes. Esta vulgarização se dá principalmente pela perda do sentido “escuro” ou criptológico da *gíria*, são *gírias* comuns, que se referem a coisas simples e que se confundem com a realidade da maioria das pessoas, mesmo aquelas que não fazem parte do grupo.

Verificaremos que esse léxico, por não trazer nenhum sentimento ruim ao sujeito que a utilizou, no caso, ao preso, dissemina-se de forma rápida entre o grupo. A partir daí, aquele que mantém contato com pessoas de “fora” do ambiente cárcere trata de espalhar essa nova linguagem.

O contrário também pode acontecer com a linguagem do preso, aliás, isso é até mesmo mais freqüente, i.e., ele pode trazer de fora algum vocábulo *gírio* utilizado pela sociedade. É o que acontece, por exemplo, com as *gírias* “bóia” e “zoião”. *Gírias* tão comuns e faladas pela população em geral, que nem mesmo parecem ser *gírias*.

Assim podemos dizer, por conta desse fluxo de palavras que entram e saem da prisão, e mesmo por conta da circulação dessas na língua, que as palavras não têm um registro único, pois elas podem pertencer a registros diferentes, como dissemos, dependendo das situações comunicativas em que são utilizadas.

3.2 O perfil dos falantes das *gírias*.

O sujeito-presos deste trabalho cumpre pena, como dissemos anteriormente, por cometer *homicídio*. A pena para isso varia de acordo com o tipo de *homicídio* cometido. De

⁸ “... uma *gíria* é uma língua especial equipada por um vocabulário parasita, que empregam os membros de um grupo ou de uma categoria social com a preocupação de se distinguir da massa de sujeitos falantes”. (Tradução nossa).

acordo com o Artigo 121 das leis Penais, há 3 (três) tipos de *homicídios*: *homicídio simples*, *homicídio qualificado* e *homicídio culposo*.

Embora os crimes de homicídios cometidos pelos presos sejam diferentes de um preso para o outro, não serão aqui discutidos, já que não é intenção neste trabalho teorizar sobre a qualidade dos crimes que os presos cometeram. Essas informações podem ser encontradas, de forma completa e clara, em trabalhos da área do Direito Penal, Sociologia e mesmo da Psicologia. (Vide anexo I ao final do trabalho.)

Os apenados aqui destacados executam um “regime fechado”, ou seja, cumprem sua pena, privados de qualquer tipo de liberdade. São eles reclassificados dentro da penitenciária de acordo com o “grau” e a intenção do crime que vieram a praticar e, portanto, separados em alas diferentes, os sujeitos-presos tidos como os “de alta periculosidade”⁹, dos presos comuns.

Os apenados são trancados em celas quase todo o tempo, exceto durante os banhos-de-sol, momento de abertura das trancas das celas em que os sujeitos-presos são conduzidos até o pátio.

Alguns dos presos podem sair de suas celas para trabalhar, em uma atividade profissional remunerada dentro da própria Penitenciária. Essa remuneração é ínfima perto da que se recebe pelo mesmo trabalho fora da Penitenciária. Estes homens são para as empresas de que deles se servem apenas “mão-de-obra barata”.

Apesar de não concordarem com o baixo salário que recebem, grande parte dos apenados continuam trabalhando, pois, além da remuneração, o trabalho possibilita a remissão da pena, na proporção de três dias trabalhados, um a menos na sentença.

É importante salientar que à população carcerária não é permitido o manuseio do dinheiro. Aqueles que exercem qualquer atividade remunerada fazem uma lista de compras a ser efetuada pela Penitenciária, é o chamado *Pecúlio*¹⁰ realizado pelo setor de mesmo nome.

Com o valor obtido com o seu trabalho, o apenado geralmente compra produtos para a sua própria higiene, como por exemplo: sabonetes, aparelhos de barbear, creme dental, escova-de-dente e, aqueles que fumam, cigarros.

No que tange às suas vestimentas, essas são padronizadas: calças e camisas na cor bege e camisetas na cor branca. Ficando proibido o uso de qualquer outra roupa que não seja cedida pelo próprio estabelecimento penal. Os apenados não têm uniformes fixos, as roupas

⁹ Não é intenção neste trabalho discutir os conceitos atribuídos a este tipo de presos, mas apenas descrever as denominações que receberam na Penitenciária.

¹⁰ Espécie de reserva econômica; dinheiro acumulado para economia.

circulam entre eles. Atualmente, a administração penitenciária determinou que os apenados usassem uniformes na cor laranja fluorescente, para que num caso de fuga, pudessem ser vistos e conseqüentemente capturados.

Na época em que prestávamos serviços na Penitenciária, na qualidade de professores, recebíamos determinações para não usar, de forma alguma, roupas na cor bege. Tal semelhança com o indivíduo-presos poderia provocar algum tipo de confusão para com a vigilância e, conseqüentemente, a segurança e bem-estar do professor.

A aula na Penitenciária é basicamente destinada aos presos não-alfabetizados. Existem turmas para alunos já alfabetizados, mas dificilmente elas são preenchidas. Todos que quiserem podem estudar. Geralmente estudam, ou freqüentam a escola, aqueles que estão para sair da prisão, com o objetivo de melhorarem as suas “fichas”.

Infelizmente, o objetivo de estudar na prisão ainda é esse. Há alguns que estudam e evoluem de série, mas para isso, devem prestar uma prova fora da Penitenciária e poucos conseguem passar. Por tal motivo, a evasão na escola é grande.

Para estudarem, os presos são selecionados por meio de um processo chamado “triagem”, realizada, periodicamente, em maior parte, pela área da educação. São, em seguida, divididos em turmas, de acordo com seus conhecimentos. Os professores também ajudavam nessa “triagem” aplicando, aos apenados, provas de conhecimentos específicos, principalmente, em Português e Matemática. Atualmente, não existem professores de “fora” nas escolas das Penitenciárias Paulistas, são os próprios apenados que lecionam, escolhidos também por meio de “triagem”, de acordo com o conhecimento que possuem para atuarem como tais.

No que diz respeito à alimentação dos apenados, esta é preparada na sua maioria, por eles mesmos. O apenado cozinha, lava, seca e guarda a louça que utilizou.

Para finalizar, é importante mencionar que a estrutura oferecida pela Penitenciária ao sujeito-presos não é de boa qualidade. Prova disso, é a necessidade que os internos sentem em comprar os produtos higiênicos. O chuveiro é coletivo, não oferece as opções “morno” ou “quente” assim, mesmo no inverno, os presos são submetidos a um banho frio. A cela é composta de doze camas de concreto e um banheiro e, portanto, em tese, ela deveria receber doze detentos, mas, na realidade, abriga bem mais apenados. Muitos recém-chegados são obrigados a dormir no chão, por falta de espaço adequado.

3.3 A Instituição Penitenciária

Segundo o dicionário *Aurélio (2004)*¹¹, a palavra *penitenciária* significa:

1. Estabelecimento oficial a que se recolhem os condenados à pena de reclusão ou detenção, os quais, no decorrer do cumprimento da sentença, ficam sujeitos a trabalho remunerado e, mediante medidas progressivamente aplicadas, recebem assistência para sua reeducação e readaptação social.

Teoricamente, a penitenciária deveria ser um estabelecimento cuja principal função seria a de transformar/mudar integralmente o comportamento do sujeito condenado à pena de reclusão ou detenção, com a finalidade de inseri-lo novamente à sociedade da qual fizera parte. Embora seja esse o seu “papel” ideal, na realidade a penitenciária não funciona tão bem assim, tendo em vista que o condenado está sujeito a uma infra-estrutura que oferece condições precárias a tal esperada recuperação do preso; condições essas que vão desde a instalação oferecida aos apenados por esses estabelecimentos, até a assistência social ou psicológica oferecida tanto aos presos como às suas famílias.

Assim, em meio a tal objetivo de ser “recuperado”, está o homem na condição de preso que deseja voltar à sociedade da qual saíra. Contudo, espera-se que a penitenciária transforme o indivíduo preso, na sua maneira atitudinal e moral, i.e, que através do seu arrependimento, enquanto sujeito enclausurado, que virá com o tempo, ele não mais pratique a mesma atitude criminal que o levara à instituição pela primeira vez.

Sobre esse tipo de idéia manifestada pelas Instituições, Baltard, citado em Foucault (1987) nos dizia o seguinte:

A prisão deve ser um aparelho disciplinar e exaustivo. Em vários sentidos: deve tomar a seu cargo todos os aspectos do indivíduo, seu treinamento físico, sua aptidão para o trabalho, seu comportamento cotidiano, sua atitude moral, suas disposições; a prisão, muito mais que a escola, a oficina ou o exército, que implicam sempre numa especialização é “onidisciplinar”. Além disso, a prisão é sem exterior nem lacunas; não se interrompe, a não ser depois de terminada totalmente sua tarefa; sua ação sobre o indivíduo deve ser ininterrupta: disciplina incessante. (BALTARD *apud* FOUCAULT, 1987, p. 198).

¹¹ FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0*. Curitiba: Positivo Informática, 2004.

Criada na França, no fim do século XVIII e início do XIX a Instituição Penitenciária desde o seu surgimento até os dias de hoje, apresenta poucas mudanças com relação aos objetivos desejados à sua “aparelhagem administrativa e organizacional”¹² e mesmo na sua filosofia de trabalho. Esta instituição toma o lugar de “estabelecimento mantenedor da ordem e da disciplina”¹³, à serviço da comunidade, que tem como principal objetivo “transformar o indivíduo”¹⁴ de criminoso ou infrator em dócil e útil a fim de que seja devolvido para a sociedade da qual fora retirado.

Já o sociólogo Erving Goffman (2007) classifica uma penitenciária como sendo um tipo de instituição total. Segundo o autor, “um terceiro tipo de instituição total é organizado para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato: cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração” (GOFFMAN, 2007, p.17).

No que diz respeito à conceituação de uma instituição total, o autor nos acrescenta:

Toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá algo de um mundo; em resumo, toda instituição tem tendências de “fechamento”. Quando resenhamos as diferentes instituições de nossa sociedade ocidental, verificamos que algumas são muito mais “fechadas” do que outras. Seu “fechamento” ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. A tais estabelecimentos dou o nome de instituições totais. (...). (*op.cit.* p.16)

As Instituições Penitenciárias ainda hoje apostam na “privação de liberdade” como fator precípua para que o apenado possa refletir sobre a infração ou crime que cometera e, a partir disso, não tornar a praticá-lo. Nesse sentido, seria a liberdade um “bem maior” para qualquer indivíduo e sua perda, caracterizada pela imersão em um ambiente fechado (ambiente no qual o apenado é constantemente vigiado e, por conseguinte, limitado em todos os sentidos: físico, atitudinal, oral e moral) faz dele um indivíduo “sem chão”, sem base, cuja única saída é ir aos poucos se transformando em um indivíduo que possa retornar à sociedade de onde saíra.

¹² Expressões utilizadas por Foucault (1987).

¹³ *ibidem*

¹⁴ *ibidem*

É justamente em meio a esse isolamento, provocado pelo encarceramento, que o indivíduo passa o tempo de sua pena almejando sua liberdade, fazendo dela seu principal objetivo dentro da Instituição.

Primeiro princípio, o isolamento. Isolamento do condenado em relação ao mundo exterior, a tudo o que motivou a infração, às cumplicidades que a facilitaram. Isolamento dos detentos uns em relação aos outros. Não somente a perda deve ser individual, mas também individualizante. (FOUCAULT, 1987, p.199)

[...] Além disso, a solidão deve ser um instrumento positivo de reforma. Pela reflexão que suscita, e pelo remorso que não pode deixar de chegar [...]. (*op.cit.*)

Sabemos que tais Instituições no Brasil têm a intenção e mesmo a obrigação de reunir uma população homogênea, i.e, as penitenciárias deveriam comportar apenados do mesmo sexo e que cometeram crimes semelhantes.

Verifica-se atualmente que isso não é o que acontece, pois podemos encontrar em uma mesma Instituição e numa mesma cela, homens e mulheres, adultos e jovens infratores que cometeram crimes diferentes. Podemos encontrar, por exemplo, dividindo o mesmo espaço um “ladrão de bancos” e um “ladrão de gás”.

Durante a década de 1990, as Instituições Penais foram “descentralizadas”. No governo de Mário Covas, as Penitenciárias do Estado de São Paulo foram deslocadas para cidades do interior. Tal situação contribuiu ainda mais para um isolamento dos presos, pois suas famílias que moravam no centro diminuíram ainda mais as visitas aos presídios.

Atualmente, existem, no Estado de São Paulo, 144 Unidades Prisionais distribuídas da seguinte maneira: 03 Unidades de Segurança Máxima, 74 Penitenciárias, 32 Centros de Detenção Provisória, 22 Centros de Ressocialização, 07 Centros de Progressão Penitenciária, 02 Institutos Penais Agrícolas e mais 05 Hospitais.

A população carcerária é composta, aproximadamente, por 130.632 homens, 6234 mulheres e 213 em tratamento de saúde nos hospitais, os chamados “em trânsito”. É importante mencionar que este número varia constantemente.

No que se refere à instituição selecionada para o presente trabalho, trata-se da Penitenciária de Paraguaçu Paulista, administrada pela Coordenadoria da Região Oeste do Estado de São Paulo e, de acordo com a SAP (Secretaria de Administração Penitenciária), é uma Penitenciária do tipo “Compacta”. Esse tipo de Unidade Prisional deve ter capacidade

para 768 presos – embora presente, no momento, uma população carcerária de aproximadamente, 1060 pessoas – e, as seguintes características:

- Regime fechado;
- Oferecer mais condições de recuperação;
- Possuir oficinas, salas de aula;
- Parlatório¹⁵;
- Cozinha, ambulatório médico;
- Local adequado para “banho-de-sol¹⁶”;
- Geração de empregos diretos (367, no caso).

A Penitenciária de Paraguaçu Paulista foi inaugurada no dia 15 de janeiro de 2002 pelo secretário de administração penitenciária da época, chamado Nagashi Furukawa. Situada a 459 km da capital, essa Unidade Prisional fez parte do conjunto de 11 Unidades construídas para abrigar os internos da casa de Detenção, no complexo do Carandiru, que estava em processo de desativação.

Feitas essas considerações, que nos permitem compor um perfil dos sujeitos aqui estudados, passemos agora a algumas considerações a respeito dos níveis de linguagem “formal” e “informal”, a fim de melhor caracterizarmos as gírias.

CAPÍTULO 4.

MATERIAL E MÉTODO

¹⁵ Lugar destinado à conversa.

¹⁶ Momento de abertura da cela para que o interno possa tomar sol.

As gírias, que serão aqui analisadas, nos foram fornecidas por um apenado na época em que prestávamos serviços como professores em uma Instituição Penitenciária do Oeste Paulista. Trata-se de uma cópia de um vocabulário gírio composto pelo próprio sujeito no período de 2004 a 2005.

Esse léxico, de gírias, foi elaborado como tal, a fim de que servisse como uma espécie de “dicionário” da linguagem utilizada por aquele grupo a um apenado recém-chegado na instituição, o que permitiria, a esse último, participar do universo promovido pelas gírias. Assim, toda vez que se deparasse com uma gíria, o recém-chegado saberia do que se tratava, podendo, dessa maneira, atuar dialogicamente no processo comunicativo.

Vale dizer que o léxico gírio estava dividido por temas, tais como: expressões, objetos, comidas etc. Entre as gírias, há aquelas que servem para ocultar o crime (na sua menor parte), e também aquelas que mencionam algum elemento presente no próprio ambiente carcerário (em sua grande parte). Como opção metodológica, é importante destacar que, a nós, interessam apenas as unidades léxicas consideradas de pouco alcance criptológico, ou seja, as gírias facilmente identificáveis, que não fazem alusão ao crime, já que se propõe nesta pesquisa mostrar o trabalho lingüístico depreendido da criação gíria e a acessibilidade a essas palavras por parte daqueles que não estão inseridos naquele universo.

Nesse sentido, considera-se aqui a importância de utilização de outras gírias que apresentem outra necessidade de uso que não a de encobrir o crime. Assim como as gírias de cunho criptológico, as gírias chamadas neste trabalho de “acessíveis” também são unidades léxicas componentes da linguagem carcerária.

Assim, com base em abordagens lexicais, vamos agrupar essas unidades léxicas tidas como especiais (as gírias), mais significativas para este trabalho e, em seguida, analisá-las conforme seus campos lexicais.

Como lidamos com um léxico de gírias, optamos por seguir os dois percursos (embora distintos) durante as análises das unidades léxicas: o *semasiológico* e o *onomasiológico*; utilizando o primeiro percurso, *partiremos da designação para o conceito*, i.e, tomaremos a gíria e a sua palavra equivalente (no contexto carcerário) e as conceituaremos quando necessário. Ex:

GÍRIA → conceito	PALAVRA EQUIVALENTE/REFERENTE → conceito
DRAGÃO → animal...	ISQUEIRO → objeto...

Percorrido esse caminho, partiremos para o segundo, de caráter onomasiológico, pois tentaremos indicar, por meio de partes/características semelhantes entre os dois conceitos, o nome do processo lingüístico utilizado pelo apenado para atribuir à gíria tal definição, i.e, para compô-la. Ex:

GÍRIA → conceito	PALAVRA EQUIVALENTE/REFERENTE → conceito
DRAGÃO → tipo de animal...que cospe fogo...	ISQUEIRO → tipo de objeto...que expelle fogo...

Propriedades comuns: “cuspir” e “expelir” fogo.

Processo lingüístico empregado na composição da gíria: METÁFORA.

É importante mencionar que mesmo sem saber denominar tal recurso lingüístico utilizado, o apenado cria a gíria com base nas regras de formação de palavras decorrentes do nosso sistema lingüístico e, mais especificamente, compõe gírias cujos campos lexicais fazem referência ao universo carcerário.

Como vimos no exemplo acima, de acordo com a perspectiva da *Semântica Lexical*, vamos ressaltar pontos de intersecção semântica entre a gíria e seu referente naquele contexto, tentando indicar ou denominar quais processos da língua foram empregados pelo apenado para a concepção da gíria, como por exemplo: metáforas, metonímias, onomatopéias, hiperonímias, hiponímias, ironias etc.

É importante ressaltar que se trata de hipóteses interpretativas, podendo-se, portanto, fazer outras tantas e significativas análises com o mesmo material.

Para finalizar, baseando-nos na perspectiva *sociolingüística*, em especial, a que estuda os “registros de fala”, vamos destacar as gírias que se misturaram à linguagem popular, i.e, aquelas que estão na situação de gírias de grupo, e também na situação de gírias comuns. Para tanto, verificaremos em um Dicionário de Língua atual (HOUAISS, 2001)¹⁷, a ocorrência de termos gírios sob a rubrica de gíria ou mesmo de forma popular, ou familiar etc.

O registro do termo gírio em um verbete de *Dicionário de Língua* demonstra que esse termo “progrediu”, deixando de ser um simples registro de fala de um grupo, para ser um registro presente na Língua Portuguesa falada e escrita.

¹⁷ HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Nesse sentido, pode-se dizer ainda, sobre o preconceito que ainda existe ao usarmos determinadas variedades da língua, como a gíria, por exemplo. Esta área da Linguística, nos fornece base para melhor caracterizarmos o nosso objeto de estudo – as gírias – já que atrelamos à nossa pesquisa, seus falantes – os presos – e o contexto em que eles se inserem – a instituição penal.

Além desse “olhar”, propriamente lingüístico, acrescentamos aqui a intenção de apontar um lado de caráter prático/funcional dessa linguagem para a própria adaptação do apenado ao ambiente que o cerca, algo que poderíamos chamar de uma visão social, por assim dizer.

4.1 As etapas de análise.

Para procedermos à análise provida das gírias descritas no *corpus*, seguiremos as seguintes etapas:

1ª. Etapa: Agrupar as unidades léxicas de acordo com seus campos lexicais.

Um campo lexical é constituído por palavras/unidades significativas que se relacionam entre si, designando referentes que cabem numa mesma área particular da realidade. São unidades significativas que poderiam coexistir em um mesmo contexto.

Exemplo:

ANIMAIS: cão, beija-flor, vaca, coelho, pavão, ovelha.

MÓVEIS: sofá, mesa, cadeira, estante.

2ª. Etapa: Identificar os processos lingüísticos empregados na formação das gírias por parte do apenado. Para esta análise faremos um percurso *semasiológico*, i.e., da palavra ao conceito.

Exemplo:

MATO (designação) = qualquer tipo de verdura (conceito/idéia)

Recurso lingüístico utilizado: METÁFORA

3ª. Etapa: Apresentar os processos semânticos ou lingüísticos mais empregados nas formações gírias.

4ª. Etapa: Indicar as gírias já registradas em dicionários de língua ou em dicionários especiais.

4.2 Os processos lingüísticos mais utilizados nas formações gírias.

Com base na “etapa 2” de análise das gírias, pretende-se mostrar como são variados os processos formativos das palavras, em especial, os das gírias. É sabido, no entanto, que estes não são os únicos, pois muitos são os processos lingüísticos empregados nas formações de palavras. Aqui, destacamos alguns, talvez dois dos mais usados no processo de associação semântica: um baseado na semelhança, o outro na contigüidade. Temos respectivamente a *metáfora* e a *metonímia*.

A metáfora.

A palavra ‘metáfora’ vem do grego ‘*metapherein*’ que significa ‘transferência’ ou ‘transporte’. Etimologicamente, é formada por ‘*meta*’, que quer dizer ‘mudança’ e por ‘*pherein*’ que significa ‘carregar’.

De acordo com Ullmann (1964),

A metáfora está tão intimamente ligada com a própria tessitura da fala humana que a encontramos já sob diversos aspectos: como um fator primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinonímia e de polissemia, como uma fuga para as emoções intensas, como um meio de preencher lacunas no vocabulário, e em diversos outros papéis. (ULLMANN, p.442, 1964)

A metáfora é uma figura que consiste em usar uma palavra com o significado de outra, em vista de uma relação de semelhança entre o que elas representam. Trata-se, portanto, de um recurso da linguagem muito utilizado nas relações comunicativas. As emoções, sentimentos, elogios etc, baseados em comparações, são manifestações expressivas muito comuns veiculadas por meio dela. Quando um rapaz, apaixonado, diz sobre a sua amada:

“Amanda é uma rosa!” está utilizando uma metáfora, pois o rapaz associou características comuns entre sua namorada “Amanda” e uma “rosa”. A partir daí podemos dizer que o rapaz acha sua namorada: bonita, delicada, cheirosa etc.

Outro exemplo seria, quando se fala mal de alguém: “Seu burro! Seu verme! Sua anta!” ou ainda: “Você é uma cobra cascavel!”. Todos esses xingamentos, ou termos pejorativos, são exemplos comuns de metáfora. Como nos relatou Ullmann (1964), a metáfora “está ligada à própria tessitura da fala humana”. Ela já faz parte do vocabulário de qualquer falante da língua.

Muitos foram os autores que se dedicaram ao estudo da metáfora e segundo Sardinha (2007, p.20), “a noção mais antiga de metáfora no Ocidente vem de Aristóteles, do século IV a.C. Segundo ele, uma metáfora é o uso do nome de uma coisa para designar outra”. Já durante a primeira metade do século XX, o interesse em estudar a metáfora por parte dos filósofos diminuiu devido ao surgimento do lógico-positivismo uma corrente filosófica que nasceu na Áustria nos anos 1920 e que considera a metáfora como um desvio ou manipulação da verdade.

Depois de passado o período dominante do modelo lógico-positivista, o interesse pela metáfora aumentou e,

(...) muitos estudiosos se debruçaram sobre o assunto, fundando suas próprias teorias sobre o assunto; entre os mais influentes podemos citar I.A. Richards, Max Black, Eva Kittay, Paul Ricoeur, Gilles Fauconnier, Mark Turner, George Lakoff, Mark L. Johnson, Michael Halliday e Lynne Cameron (SARDINHA, 2007, p. 27).

O teórico I.A. Richards nomeou termos muito importantes com relação à metáfora e utilizados até hoje: *Tópico ou Teor, Veículo, Base e Tensão*. Max Black, também um importante teórico dos estudos sobre a metáfora, desenvolveu três visões teóricas: teoria da substituição, teoria da comparação e teoria da interação (BLACK *apud* SARDINHA, 2007).

O destaque em nosso trabalho é a teoria da *metáfora conceptual* desenvolvida pelo lingüista George Lakoff e pelo filósofo Mark L. Johnson no final da década de 1970 e apresentada em seu livro *Metaphors We Live By* (1980). Em língua portuguesa o título foi traduzido por *Metáforas da vida cotidiana* e significa dizer que as metáforas são culturais, i.e, vivemos conforme as metáforas que existem na nossa cultura e, para que possamos entendê-las é preciso respeitá-las, obedecê-las de acordo como são impostas por nossas culturas.

Os principais pontos de sua teoria são:

Metáfora conceptual: ‘Uma metáfora conceptual é uma maneira convencional de conceitualizar um domínio de experiência em termos de outro, normalmente de modo inconsciente’ (LAKOFF *apud* SARDINHA, 2007, p. 30).

Expressão metafórica: expressão lingüística que é uma manifestação de uma metáfora conceptual. (*op. cit.*, p. 31)

Domínio: área do conhecimento ou experiência humana. (...) Há dois tipos de domínio: fonte e alvo. O domínio fonte é aquele a partir do qual conceitualizamos alguma coisa metaforicamente. (...) O domínio-alvo é aquele que desejamos conceitualizar; esse é o domínio abstrato.

Mapeamentos: as relações feitas entre os domínios.

Desdobramentos: as inferências que podemos fazer a partir de uma metáfora conceptual.

Além desses, outros pontos são também muito importantes na teoria dos autores, mas em especial, pode-se dizer que as *metáforas conceptuais* são empregadas de maneira inconsciente, são, pois convencionais. O falante não se dá conta de que a usa e, por esse motivo, as metáforas se confundem com o senso comum.

As metáforas conceptuais são culturais, pois indicam a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas, construídos em determinada cultura. Assim, podemos dizer que a principal questão dessa teoria relacionada ao nosso trabalho é as metáforas estão na cabeça dos seus usuários (representação mental, cognitiva, existe na mente e atua no pensamento) ela é utilizada na composição da gíria. O falante, imbuído do seu conhecimento metafórico se utiliza desse recurso, sem se dar conta, para criar a gíria.

Embora tenhamos mostrado um breve resumo sobre o estudo da metáfora, com variados autores, optamos por utilizar, na sua maioria, uma classificação dada pelo semanticista Ullmann (1964), privilegiando uma abordagem léxico-semântica das gírias. Estamos lidando com um léxico composto por gírias e não dispomos do emprego gírio em enunciados. As metáforas encontradas no *corpus* analisado, decorrentes das associações de semelhanças entre o conceito da gíria com o conceito da sua palavra equivalente, fazem alusão a diversos elementos, em geral, referentes ao ambiente em que vivem os apenados.

A metonímia.

Segundo Ullmann (1964) “a metonímia é intrinsecamente menos interessante que a metáfora, uma vez que não descobre relações novas e surge apenas entre palavras já relacionadas entre si”. (1964, p.454)

Embora menos interessante que a metáfora, a metonímia também é um processo semântico expressivo em nosso trabalho, o segundo tipo mais utilizado pelos apenados na composição das gírias. De acordo com Ullmann (1964, p.455), “as metonímias podem classificar-se melhor de acordo com as associações que estão por baixo delas”. Trata-se de associações baseadas em

“relações espaciais entre duas partes contíguas, sem quaisquer fronteiras bem marcadas entre elas; relações temporais, em que o nome de uma ação ou de um acontecimento pode ser transferido para qualquer coisa que o preceda ou siga imediatamente; utilizar a parte pelo todo; as invenções e as descobertas que recebem o nome de seus inventários; designam-se os alimentos e as bebidas pelo seu lugar de origem; o conteúdo segundo o continente e, assim, por diante. Ao contrário da metáfora, a metonímia tem tendência a dar às palavras abstratas um significado concreto”. (op.cit.)

Segundo Antônio José Sandmann (1991)

Possivelmente o processo metonímico seja, nas mudanças semânticas que se operam nas unidades lexicais do português, um fenômeno mais geral e freqüente do que o metafórico. Baseiam essa suposição, p.ex, fatos generalizados como a passagem de “sentido abstrato” para “sentido concreto” e de “ação” para “resultado da ação”. (SANDMANN, 1991, p. 52).

Assim, a metonímia é uma figura que consiste em usar uma palavra com o significado de outra em vista de uma relação, dentre as várias apresentadas acima por Ullmann: uma relação de causalidade (ou de implicação mútua) entre o que elas representam.

Exemplo: Bic (gíria) → Isqueiro (palavra equivalente)

O apenado utiliza a marca “bic” pelo ‘produto’, o “isqueiro”.

Como se pode notar, optamos por dar destaque aos dois processos semânticos mais recorrentes quanto à formação das gírias e, por tal motivo, vamos apenas indicar outros que apareceram durante a análise, mas que foram menos freqüentes que os dois acima citados.

4.2.1 Outros processos formativos de palavras.

A hiperonímia e a hiponímia.

De acordo com Lopes e Pietroforte (2007)

A hiperonímia e a hiponímia são fenômenos derivados das disposições hierárquicas de classificação próprias do sistema lexical. Há significados que, pelo seu domínio semântico, englobam outros significados menos abrangentes. Na taxionomia animal, por exemplo, *mamífero* engloba *felino*, *canídeo*, *roedor*, *primata* etc. (LOPES e PIETROFORTE, 2007, p. 128)

Como nos assinalam os autores, existe uma relação hierárquica entre os significados que englobam e os que são englobados conforme o domínio semântico de cada termo da classificação. Assim, a relação hiperonímica se dá com base na comparação de um elemento maior (englobante) e um elemento menor (englobado). Por exemplo: a classe dos *felinos* relacionada a um animal dessa classe, um *gato*. Já a hiponímia se dá na comparação de um elemento de uma classe menor, a um de uma maior. Por exemplo: comparar a classe dos mamíferos à classe dos animais, considerando que esta última englobe a classe dos mamíferos.

Redução ou abreviação vocabular e siglas.

Este processo de composição de uma palavra incide na redução de parte dela, com o objetivo de simplificação. Exemplo: moto (motocicleta), foto (fotografia), pneu (pneumático), gel (gelatina) etc. Aqui, podemos encaixar também as *siglas*, um tipo de redução de nomes ou expressões, empregando a primeira letra ou sílaba de cada palavra. Exemplo: UNESP (Universidade Estadual Paulista), PT (Partido dos Trabalhadores), PM (Policia Militar), PM (pão com manteiga) etc.

Onomatopéia.

Nesta figura, o próprio som da palavra (ou de uma seqüência de palavras) lembra aproximadamente a coisa representada. Exemplo: *biri-biri* que imita o som do aparelho designa o próprio *telefone*.

Vícios de linguagem.

Os assim chamados *vícios de linguagem* são expressões que, embora corretas, às vezes, podem dar margem a vários modos de interpretação. São muitas vezes, desvios das normas da língua-padrão, provocados por descuido ou por desconhecimento que o falante possui dessas normas. Esse desconhecimento pode, também, ser decorrente do uso prático da

linguagem, o que lhe atribui um caráter natural. Os vícios de linguagem mais comuns são: *barbarismo, ambigüidade, cacofonia, pleonasmu vicioso, estrangeirismo, colisão e arcaísmo*.

Arcaísmos.

De acordo com (ILARI, 2006, p.31), “arcaísmos são expressões que, tendo já sido de uso corrente na língua, caíram em desuso; quando usadas, refletem um estado de língua mais antigo”.

Assim, é interessante descobrir os efeitos que pode produzir, num texto verbal, o uso de expressões que são reconhecidas como “antigas” ou “desusadas”, trazendo para o uso vigente, uma situação, um estado, um contexto, um valor ou ainda, um tempo anterior.

Constituem exemplos de arcaísmos no léxico, o uso de certas palavras como: *coita* por *angústia*, *mil-réis* ou *contos de réis* por *reais*¹⁸ e, “*por obséquio*” por “*por favor*”.

A ironia ou a antífrase.

Em sentido estrito, a *ironia* é a expressão que adquire, em determinado contexto, significado oposto ao habitual. Em sentido amplo, trata-se de qualquer expressão que visa à ridicularização ou à sátira.

Exemplo: *galetos* (ironia) (gíria) → frango (palavra equivalente)

Aqui a gíria *galetos* pode se referir ao frango servido no restaurante “Galetos” ou se referir ao próprio restaurante.

Função metalingüística.

Neste trabalho, esta função da linguagem está centrada no próprio *código*¹⁹. Ocorre quando um determinado código fala dele mesmo.

Exemplo: **Conversa**, *s.f.* Conversação, prosa, entendimento.

¹⁸ Exemplos destacados por (ILARI, 2006, p.31).

¹⁹ Neste caso, o código utilizado é a língua portuguesa: o sistema de signos compartilhado por emissor e receptor, e que permite a compreensão da mensagem. A mensagem é o texto, ou seja, tudo aquilo que foi transmitido do emissor para o receptor.

Nota-se que, neste texto, a intenção fundamental é esclarecer ao falante da língua portuguesa o sentido da palavra *conversa*. Para tanto, utilizou-se o código da *língua* para explicar a si mesmo.

Derivação Sufixal

A derivação sufixal é um processo de formar palavras no qual um sufixo (ou mais) é acrescentado à palavra primitiva. O sufixo é um ‘afixo’ (partículas que se anexam ao radical para formar outras palavras) colocado após o radical da palavra.

Derivação Prefixal

A derivação prefixal é um processo de formar palavras no qual um prefixo (ou mais) é acrescentado à palavra primitiva. O prefixo é um ‘afixo’ colocado antes do radical da palavra.

Interjeição.

As interjeições são, em geral, “(...) a expressão de emoções e não têm relação sintática com o restante da frase”. Podem também apresentar características fonológicas que não estão presentes nas outras palavras da língua (...).”(ROSA, 2002, p. 114)

CAPÍTULO 5.

ANÁLISE DO *CORPUS* GÍRIO.

De acordo com o que expusemos, analisaremos neste trabalho 121 gírias.

- 1) "J"
- 2) "X"
- 3) 13
- 4) 9 LETRAS
- 5) ÁGUA COM BOLINHA
- 6) ALIADO
- 7) AREIA
- 8) ATIVA
- 9) ATRASA-LADO
- 10) BANDECO
- 11) BANDOLEIRO
- 12) BARBA DE BODE
- 13) BIC
- 14) BIRI-BIRI
- 15) BOCA-SUJA
- 16) BOI
- 17) BOI RALADO
- 18) BÓIA
- 19) BOLA DE MEIA
- 20) BONDE
- 21) BUCHICHO
- 22) BURRA/ JEGA
- 23) CAMPANA
- 24) CANTIGA DE GRILO
- 25) CARTUCHO
- 26) COBRA D'ÁGUA
- 27) CORRERIA
- 28) CORUJA
- 29) COXINHA
- 30) CURURU
- 31) DORMIR DE VALETE
- 32) DORMIR DE ANJINHO
- 33) DRAGÃO
- 34) ESGANA-GATO/MISERÊ
- 35) FITA DE 1000 GRAUS
- 36) FORREST GUMP
- 37) GAIADA
- 38) GALETOS
- 39) GIZ
- 40) GOZOLÂNDIA
- 41) GRANADA
- 42) GRAXA
- 43) GROZA
- 44) GULOSEIMAS
- 45) HIGHLANDER
- 46) HORA DA TRANCA
- 47) HORA DO SOL
- 48) INCLUSÃO
- 49) ISQUEIRO
- 50) JACA
- 51) JACK
- 52) JOGAR AREIA
- 53) LADO A LADO
- 54) LAGARTO/ LARANJA
- 55) LATRÔ
- 56) LEQUE
- 57) LIGAR
- 58) LINCE
- 59) MAC LAREN
- 60) MACACA
- 61) MACHADÃO
- 62) MÃE DINAH
- 63) MARROCOS
- 64) MATO
- 65) MIAR
- 66) MIGUELAGEM

- 67) MISSÃO
68) MISSIVA
69) MOCA
70) MOLEQUE
71) MORUMBI
72) MOSCA DE BOI
73) MUNDRUNGO
74) ONÇA
75) PACÚ
76) PALETA
77) PÃO COM MANTEIGA
78) PAPAGAIO
79) PARA-QUEDA
80) PASSARINHO
81) PÉ DE BREQUE
82) PELADA
83) PERERECA
84) PIÃO
85) PILOTO
86) PIOLHO
87) PIPA
88) PIPOCA
89) PITIBUL
90) PNEU DE JIPE
91) PONTE
92) PRAIA
93) QUIACA
94) RADAR
95) RADIAL
96) RAIO
97) RAMELÃO
98) RECORTADO
99) SALVE
100) SANGUE BOM
101) SANGUE DE BOI
102) SEM-TERRA
103) SIMPÁTICO/MADEIREIRO
104) SINTONIA
105) SONO BAIANO
106) SOVIÉTICO
107) SUBIDINHA
108) TÁ MANSO
109) TALARICO/PÉ DE PANO
110) TANGA FROUXA
111) TARIFA
112) TATU
113) TELA
114) TIRIÇA
115) TRAMPO
116) VACILÃO
117) VENENINHO
118) XERIFE
119) ZÉ POVINHO
120) ZÓIÃO
121) ZÓIO DE LULA

Passemos agora, para análise e interpretação dessas unidades léxicas de acordo com as etapas acima descritas;

1ª. Etapa: Agrupamento das unidades léxicas de acordo com seus campos conceituais/lexicais.

Obs.: O vocabulário gírio, que nos foi cedido pelo apenado, denominava-se “*Linguagem Carcerária*” e já trazia uma pré-divisão das gírias, organizada em cinco grupos: 1) lugares e outros; 2) diálogos e expressões; 3) objetos e lugares; 4) nomes dados aos alimentos e refeições; 5) nomes dados às pessoas.

Optamos aqui, por seguir, praticamente, a mesma divisão feita por esse apenado, todavia, quando necessário, reorganizando ou reclassificando alguns termos dentro de outros grupos que consideramos mais coerentes.

Nomes ou características atribuídas aos apenados: gírias, unidades léxicas que designam nomes ou apenas características conferidas aos apenados.

13: louco, doido

ALIADO: pessoa em quem se pode confiar, amigo

ATRASA-LADO: pessoa que tenta prejudicar outra

BANDOLEIRO: aquele que tira cadeia em qualquer lugar

BARBA DE BODE: pessoa ruim naquilo que faz

BOLA DE MEIA: sujeito tranquilo

COBRA D'ÁGUA: bunda-mole, fraco, covarde

CORRERIA: aquele que se mantém na prisão sem pedir nada a ninguém

COXINHA: policial militar

CURURU: pessoa chata

ESGANA-GATO/MISERÊ: quando está em dificuldade

FORREST GUMP: contador de história, mentiroso

ISQUEIRO: pessoa que gosta de ver o circo pegar fogo, de confusão

JACK: estuprador

LADO A LADO: parceiro em qualquer situação

LAGARTO/ LARANJA: pessoa que se responsabiliza por atos alheios

LINCE: pessoa esperta e rápida no raciocínio

MÃE DINAH: aquele que quer adivinhar e saber de tudo

MOLEQUE: 1. Homossexual; 2. amigo

MOSCA DE BOI: pessoa lerda, devagar

MUNDRUNGO: pessoa sem higiene

ONÇA: agente penitenciário ou carcereiro

PÃO COM MANTEIGA: policial militar

PARA-QUEDA: pessoa que se intromete na conversa alheia

PASSARINHO: cagüeta, dedo-duro

PÉ DE BREQUE: sujeito sem qualidade

PIOLHO: pessoa que está há muitos anos presa

PIPOCA: aquele que pula fora quando as coisas esquentam

PITIBUL: sujeito bravo

RADAR: pessoa que fica cuidando da vida alheia

RAMELÃO: aquele que faz tudo errado

SANGUE BOM: bom amigo, bom companheiro

SEM-TERRA: aquele que nunca teve visitas

SIMPÁTICO/MADEIREIRO: pessoa que agrada demais, puxa-saco

SINTONIA: amigo que pensa e age como você

SOVIÉTICO: homossexual

TÁ MANSO: aquele que aceita todo tipo de brincadeira

TALARICO/PÉ DE PANO: aquele que rouba mulher de malandro

TANGA FROUXA: sujeito fraco, “bunda-mole”

TIRIÇA: pessoa que não tem higiene

XERIFE: aquele que quer mandar na cela

ZÉ POVINHO: pessoa que tem aversão ao crime

ZÓIO DE LULA: pessoa gulosa

Alimentos e refeições: palavras que designam um alimento ou tipo de refeição servida no meio cárcere;

ÁGUA COM BOLINHA: refrigerante

AREIA: açúcar

BOI RALADO: carne moída

BÓIA: refeição

GALETOS: frango

GRANADA: almôndega

GRAXA: manteiga, margarina

GULOSEIMAS: comida de boa qualidade (doces, salgados vindos de fora)

MACACA: banana

MARROCOS: pão

MATO: qualquer tipo de verdura

MOCA: café

PNEU DE JIPE: hambúrguer

RECORTADO: tipo de comida feita a partir de sobras e temperada novamente

SUBIDINHA: refeição noturna

VENENINHO: suco artificial da marca ki-suco

ZÓIÃO: ovo

Objetos: palavras que fazem referência a objetos substituídos ou improvisados pela instituição penal;

“J”: lâmina, gilete

“X”: cela

9 LETRAS: cigarro da marca Hollywood

BANDECO: marmitta

BIC: isqueiro

BIRI-BIRI: telefone

BOCA-SUJA: cinzeiro

BOI: banheiro

BONDE: meio de transporte do preso

BURRA/ JEGA: cama de concreto, tipo beliche

CAMPANA: espelho

CARTUCHO: saco de supermercado para colocar lixo

CORUJA: cueca

DRAGÃO: isqueiro

GAIADA: cama de concreto, tipo beliche

GIZ: cigarro

HIGHLANDER: faca

LATRÔ: colchão

LEQUE: baralho

MAC LAREN: cigarro da marca Marlboro

MACHADÃO: aparelho de barbear da marca Bic

MISSIVA: carta

MORUMBI: o terceiro beliche

PACÚ: papel higiênico

PALETA: colher

PAPAGAIO: rádio AM/FM

PERERECA: resistência de chuveiro

PILOTO: controle-remoto

PIPA: tipo de bilhete ou recado que circula dentro da penitenciária

PRAIA: o chão ou o piso da cela

SANGUE DE BOI: cigarro da marca Hollywood

TARIFA: selo

TATU: buraco no piso

TELA: televisão

VACILÃO: cinzeiro

Lugares e outros: unidades lexicais que indicam um ambiente carcerário, ou ações praticadas nele.

ATIVA: fazer faxina na cela

BUCHICHO: confusão, briga, discussão.

CANTIGA DE GRILO: conversa cansativa

DORMIR DE VALETE: dormir um pra cima e outro pra baixo

DORMIR DE ANJINHO: dormir no mesmo lado

FITA DE 1000 GRAUS: coisa muito importante

GOZOLÂNDIA: presídio tranquilo

GROZA: palavras obscenas, palavrões

HORA DA TRANCA: horário de fechamento das celas

HORA DO SOL: horário de abertura das celas

INCLUSÃO: local onde ficam depositados pertences e correspondências dos presos

JACA: nádegas

JOGAR AREIA: dizer mentira

LIGAR: chamar alguém

MIAR: chorar, se lamentar, e reclamar por estar preso

MIGUELAGEM: fingir que está dormindo

MISSÃO: realizar algo que lhe mandam ou que é de sua obrigação

PELADA: jogar futebol

PIÃO: andar

PONTE: enviar algo de uma cela para outra

QUIACA: confusão, briga, discussão.

RADIAL: trajeto do raio para o trabalho, escola etc. (Ver “raio”)

RAIO: divisão de uma penitenciária

SALVE: 1. tipo de saudação

SONO BAIANO: tirar um cochilo

TRAMPO: trabalhar

2ª. Etapa: Identificar os processos lingüísticos empregados na formação das gírias, por parte de seus falantes;

Nesta etapa, utilizamos como apoio à análise das gírias especialmente:

1. HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (Dicionário de Língua)
2. SERRA E GURGEL, J.B. *Dicionário de gíria – modismo lingüístico – O equipamento falado do brasileiro*, 6ª ed., Brasília: J.B. Serra e Gurgel, 2000. (Dicionário Especial)

Além de outros:

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

NASCENTES, A. *Dicionário da língua*. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1961-1967. 4 v.

NASCENTES, A. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro, Serviço gráfico IBGE, 1966.

Como destacamos na metodologia do trabalho, comparamos a gíria e a palavra a qual se refere no contexto carcerário, e em seguida, buscamos as semelhanças que existiram entre as partes (formas e conceitos) de ambas para que o apenado pudesse (re)criar a gíria.

Ex:

Gíria	Palavra equivalente no contexto/conceito
1) LINCE	PESSOA ESPERTA E RÁPIDA NO RACIOCÍNIO.
SEMELHANÇAS	ENTRE AS PARTES
2) O animal é rápido, ágil etc.	O ser humano (o agente penitenciário) é rápido, ágil etc.
Figura utilizada na composição: Metáfora	

NOMES OU CARACTERÍSTICAS DADAS ÀS PESSOAS PRESAS.

13: louco, doido. (METÁFORA)

A gíria pode estar se referindo ao praticante dessa ação, que desencadeou um *crime*, sendo, pois, considerado *louco* o indivíduo que pratica um *crime* que resulta numa conseqüência, a de ser preso.

Se observarmos o Código Penal, Parte Geral, Título II, Do Crime, talvez encontremos mais argumentos para nossa interpretação:

Com base no Código Penal, Parte Geral,

DO CRIME²⁰

Relação de causalidade

Art. 13. O resultado, de que depende a existência do crime, somente é imputável a quem lhe deu causa. Considera-se causa a ação ou omissão sem a qual o resultado não teria ocorrido.

Superveniência de causa independente

§ 1.º A superveniência de causa relativamente independente exclui a imputação quando, por si só, produziu o resultado; os fatos anteriores, entretanto, imputam-se a quem os praticou.

Relevância da omissão

§ 2.º A omissão é penalmente relevante quando o omitente devia e podia agir para evitar o resultado. O dever de agir incumbe a quem:

- a) tenha por lei obrigação de cuidado, proteção ou vigilância;
- b) de outra forma, assumiu a responsabilidade de impedir o resultado;
- c) com seu comportamento anterior, criou o risco da ocorrência do resultado.

Como vimos no Código Penal, o Artigo 13 dispõe sobre o crime.

ALIADO: pessoa em quem se pode confiar, amigo. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **aliado** *adj./sm.* **1** que ou aquele (indivíduo, povo, partido político etc) que se liga a outro, por aliança, tratado, convenção ou pacto, para se defender a mesma causa ou atacar o mesmo inimigo; partidário, sequaz, cúmplice.

Como registra o dicionário, *aliado* é aquele que se liga, se junta a outro em determinadas situações e, assim como o amigo, está presente nas difíceis situações, i.e, está ao nosso lado. Associando tais semelhanças entre *amigo* e *aliado*, temos uma metáfora.

²⁰ (*Código Penal*, Legislação Brasileira – Decreto-lei nº. 2.848, de 7 de dezembro de 1940, atualizado e acompanhado de Legislação Complementar, também atualizada, de Súmulas e de Índices: Sistemático e Alfabético-Remissivo do Código Penal, Cronológicos da Legislação e Alfabético da legislação Complementar, da Lei de Introdução, da Lei das Contravenções Penais e das Súmulas. Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Livia Céspedes, 19ª. Edição, 2004,.)

ATRASA-LADO: pessoa que tenta prejudicar outra. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **atrasar** 3. *v.t.d.* criar obstáculos ao progresso de; prejudicar; retrasar.

Cf. Dicionário Houaiss: **lado** *sm* 6. o espaço contíguo a alguém ou alguma coisa; 7. uma das posições em confrontação num debate, numa disputa, numa guerra etc.; 8. maneira de considerar uma coisa ou o aspecto como se apresenta.

Como nos mostram o conceito do verbo *atrasar* e do substantivo *lado*, trazidos pelo dicionário, a gíria *atrassa-lado* (lexia) também significa prejudicar alguém, por oposição ao que ela pensa, ou ao que faz. Assim, a pessoa que prejudica outra é denominada *atrassa-lado*. Neste caso, como o sentido do verbo *atrasar* se mantém e dá nome a alguém que possui esta característica, temos aqui uma metonímia.

BANDOLEIRO: “aquele que tira cadeia em qualquer lugar”, i.e, aquele que ficou preso em muitos lugares. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **bandoleiro** *s.m.* 1. indivíduo que pratica assaltos, roubos; bandido. 5. *bandoleiro B* (marca de regionalismo) sem paradeiro certo; errante.

Aqui *bandoleiro* (Houaiss) é bandido. De acordo com o processo de formação de palavras, sabemos que a terminação (o sufixo) *-eiro* indica também, neste caso “aquele que pratica a ação de *bandolear*”, que significa “levar vida de bandido”.

Assim, por levar uma vida de bandido, o *bandoleiro* vive preso, está sempre preso, i.e, “tira cadeia em qualquer lugar”. Por meio de metonímia podemos dizer que há uma relação entre o praticante de roubos (*bandoleiro*) e a consequência de quem o pratica (ir preso).

BARBA-DE-BODE: pessoa ruim naquilo que faz. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **barba-de-bode** *s.f.* 1. designação comum a diversas plantas da fam. das gramíneas; *infrm. s.m.* 10 aquele que usa barba longa e pontiaguda no queixo.

Neste caso, a gíria (lexia) *barba-de-bode* indica uma qualidade ruim de alguém, ser “ruim naquilo que faz”. A acepção do dicionário faz referência a um uso (aspecto) não tão comum das pessoas. O hábito de usar barba longa é, para alguns, considerado “estranho”, já que o comportamento “normal” seria o de barbear-se, até mesmo para a própria higiene.

Nesse sentido, se partirmos da idéia de que ter barba é ruim e, que demonstra um certo descuido consigo mesmo, podemos associar também, por contigüidade de sentido, isto é, metonimicamente, a idéia de que uma pessoa que faz coisas mal feitas, i.e, “ruim naquilo que faz”, pode ser chamada de “barba-de-bode”.

BOLA-DE-MEIA: sujeito tranqüilo. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **bola-de-meia** *s.m.* bola feita de meias para jogar futebol. Objeto presente nos ambientes prisionais que traz diversão, prazer, tranqüilidade, paz etc.

Neste caso, o conceito atribuído ao objeto de trazer “diversão”, prazer, tranqüilidade é transferido a uma pessoa. Assim, o sujeito *bola-de-meia* é um sujeito tranqüilo.

COBRA D'ÁGUA: bunda-mole, fraco, covarde. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **cobra-d'água** *s.f.* 1. HERP. Design.comum a diversas serpentes da fam. dos colubrídeos, esp. aqueles do gen. *helicops*, encontrada em rios, lagos e açudes; surucurana, surucurana [alimentam-se basicamente de peq. peixes.] ; 1.1 HERP serpente aquática... de menos de 1m. de comprimento;

A metáfora está na semelhança entre uma cobra não-venenosa (cobra d'água) e uma pessoa covarde. Apesar de ser uma cobra, a cobra d'água se alimenta basicamente de peixes e não ataca pessoas como as demais e, quando ameaçada, foge, como o faz um sujeito covarde.

CORRERIA: aquele que se mantém na prisão sem pedir nada a ninguém. (METONIMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **correria** (*deriv. do v. correr*) 26 *v.t.i.* ser responsável por (algo); dar sustento (financeiro, organizacional, político etc.); arcar.

Cf. Dicionário Especial: 3 **correria** (SP): trabalho

Neste caso, verificamos que *correria* é o apenado que se sustenta na instituição penal sozinho, sem a ajuda de ninguém. Por analogia ao verbo correr, é aquele que é responsável por algo, por si mesmo e dá sustento financeiro a si mesmo. Neste caso, a associação feita é por contigüidade ao verbo correr, sendo pois um processo metonímico.

COXINHA: policial militar. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Especial: **coxinha**: (SP) policial.

Popularmente, dizia-se que os policiais comiam coxinhas (ou quaisquer outros tipos de salgados) nos bares e não as pagavam. O alimento passou a designar quem o consumia.

CURURU: pessoa chata. (METÁFORA) (ONOMATOPÉIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **cururu** s.m. 1. HERP. m.q. *sapo-cururu*.

Cf. Dicionário Aurélio: **cururu**: S.m. 1 *Bras.* Designação comum a alguns sapos de grande porte de pele enrugada. 2. *Bras.* N. e N.E. Designação comum as espécies do gen. Búfalo L., de pele verrucosa, provida de glândulas de peçonha; sapo-cururu.

Cf. Dicionário Aurélio: **peçonha**: S.f. 1. Secreção venenosa de alguns animais; veneno. (Cf. Dicionário Aurélio): O sapo-cururu é a espécie mais comum no Brasil.

Cf. Dicionário Especial: **cururu**: adj. 1. feito demais;²¹

cururu: s.m. 2. vagina.

Apesar das acepções mostradas pelos dicionários, a comparação realizada pelo “formador” da gíria parece fazer referência ao barulho realizado pelo sapo, que emite um som maçante, em especial à noite. Assim, se o som do “cururu” é chato, a pessoa chata é um cururu. Outra possibilidade de formação da palavra “cururu”, é a de que ela pode ter sido composta a partir de uma onomatopéia em que o som produzido pelo sapo lembra o nome “cururu”.

ESGANA-GATO / MISERÊ: quando está em dificuldade (financeira). (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **esganar** pron. 3 comportar-se de maneira sôfrega.

Só para constar, registrada no Houaiss, existe em contraposição a essa lexia a **esganacão** que significa “variedade de ameixa azulada”, mas ela nada menciona sobre o conceito expresso pela gíria *esgana-gato*.

²¹ (O dicionário registra a palavra “feito”, mas acreditamos que o correto seja “feio”).

Esta gíria poderia dizer respeito ao fato de, em um momento de sofrimento, de dificuldade você comportar-se sofregamente, inquietamente, a ponto de *esganar um gato*, i.e, talvez “matar o gato” para “matar a fome”.

(DICIONARIZADA)

Miserê: (Cf. Aurélio) [De miséria] *S.m. Bras. Gír.* Situação de miséria extrema, de penúria: “Trabalho e não tenho nada, / Não saio do misere” (do samba Tenha Pena de Mim, de Cícero de Souza e Babaú.

Cf. Dicionário Especial: **miserê 1:** miséria.

miserê 2: sem dinheiro.

No caso da palavra *miserê* podemos notar que os conceitos trazidos pelos dicionários já registram a acepção expressa pela gíria, situação de miséria, de dificuldade.

FORREST GUMP: contador de história, mentiroso²².

ISQUEIRO: pessoa que gosta de ver o “circo pegar fogo”, de confusão. **(METÁFORA)**

Cf. Dicionário Houaiss: **isqueiro** *s.m.* objeto munido de pederneira, a qual, ao ser atritada, produz centelhas que inflamam um pavio [usado para acender cigarros, charutos e cachimbos].

Aqui há uma metáfora entre o “isqueiro” que produz o fogo, e as pessoas que gostam do “circo pegando fogo” (confusão).

JACK: estuprador. **(VÍCIO DE LINGUAGEM)**

Há aqui um tipo de “vulgarismo mórfico”/ barbarismo, um “vício de linguagem” em que há a confusão “estuprador” e “estripador” devido a semelhança entre a forma e mesmo som das duas palavras. Em termos de significado temos:

Cf. Dicionário Houaiss: **estripador** *adj. s.m.* que ou o que estripa; **1.** que ou o que tira as tripas a.

²² Ver gírias Xerife, Mãe Dinah e Forest Gump.

Cf. Dicionário Houaiss: **estuprador** *adj. s.m.* que ou quem estupra, que ou quem comete o crime de estupro.

Há também a referência ao lendário “Jack, o estripador”, da vida real e da ficção, originário de Londres, mas conhecido mundialmente.

Jack o Estripador (Jack the Ripper) foi o pseudônimo dado a um assassino em série não-identificado que agiu no miserável bairro de Whitechapel em Londres na segunda metade de 1888. O nome foi tirado de uma carta enviada por alguém que dizia ser o assassino, publicada nos jornais na época dos crimes. Embora diversas teorias tenham surgido desde então, a identidade de Jack o Estripador nunca pôde ser determinada.

As lendas envolvendo seus crimes tornaram-se um emaranhado complexo de verdadeiras pesquisas históricas, dando combustível a teorias conspiratórias e folclores duvidosos. A identidade não confirmada do assassino fez com que vários comentaristas, historiadores e leigos apontassem seus respectivos dedos na direção de vários suspeitos. Os jornais (cuja circulação crescia consideravelmente durante aquela época) deram ampla cobertura ao caso devido à natureza selvagem dos crimes e ao fracasso da polícia de efetuar a captura do criminoso, que tornou-se notório justamente por conseguir escapar impune.

Suas vítimas eram mulheres que ganhavam a vida como prostitutas. Os assassinatos típicos do Estripador eram cometidos em locais públicos e semi-desertos; a garganta da vítima era cortada, e depois o cadáver submetido a mutilações no abdômen ou em outras partes corporais.

Muitos acreditam que as vítimas eram primeiro estranguladas, para evitar barulhos. Devido à natureza dos ferimentos em algumas dessas supostas vítimas, muitas delas com os órgãos internos removidos, especula-se que o assassino tinha algum conhecimento médico ou cirúrgico, ou que até mesmo fosse um açougueiro, embora este ponto, assim como na maioria das suposições sobre o criminoso e os fatos que o circundam, seja uma questão controversa.

LADO A LADO: parceiro em qualquer situação. (**METONÍMIA**) (**DICIONARIZADA**)

Cf. Dicionário Houaiss: **lado a lado**: (locução) l.a l. um junto ao outro, ombro a ombro, a par, de par.

Cf. Dicionário Especial: **ladoalado** = lado a lado; **ladolado** = lado a lado.

Conforme registra o Houaiss, a gíria (lexia) não inova quanto ao conceito, pois este expressa praticamente o mesmo que o contido no verbete; acrescenta apenas, o sentido de “estar junto”, “ombro a ombro” em qualquer situação, portanto, trata-se de um caso de metonímia, em que há a ampliação de sentido já existente, extraído de palavras relacionadas entre si.

LAGARTO/ LARANJA: pessoa que se responsabiliza por atos alheios. (METÁFORA) (DICIONARIZADA)

Cf. Dicionário Houaiss: **lagarto** *s.m.* **1** HERP. desig. comum aos répteis... **8** DIPLOM. *infrm. ant.* documento falso, que levantava dificuldades aos historiadores, paleógrafos, diplomatas, arquivistas.

Cf. Dicionário Houaiss: **laranja** **5** *fig. infrm.* indivíduo, nem sempre ingênuo, cujo nome é utilizado por outro na prática de diversas formas de fraudes financeiras e comerciais, com a finalidade de escapar do fisco ou aplicar dinheiro de origem ilícita; testa-de-ferro.

Cf. Dicionário Especial: **laranja 3:** (entre presos) o que assume o crime de outros presos.

Como nos comprovam os conceitos trazidos pelos dicionários, metaforicamente, um “documento falso” e uma “pessoa falsa” são pessoas que se responsabilizam por atos alheios, no contexto prisional. Nesse sentido pode-se dizer que o “sabor da laranja que se encobre por sua casca” pode ser levada ao “fato de que alguém se encobre por algo/alguém que não é realmente”. Assim, podemos dizer também que o adjetivo “falso” está presente tanto no conceito de “laranja” (que esconde seu sabor pela casca), quanto pelo de “lagarto” (em documento falso e em réptil que muda de cor de acordo com o ambiente para se proteger de seus inimigos).

LINCE: pessoa esperta e rápida no raciocínio. METÁFORA / DICIONARIZADA

Cf. Dicionário Houaiss: **lince** *s.m.* **4** *fig.* pessoa muito inteligente e perspicaz.

Aqui, por meio de metáfora, são ressaltadas as qualidades do animal e transportadas para a de uma pessoa. Há aqui o que literariamente chamamos de *zoomorfismo*.

MÃE DINAH: aquele que quer adivinhar e saber de tudo²³.

MOLEQUE: 1. Homossexual; 2. amigo (**METÁFORA**)

Cf. Dicionário Houaiss: **moleque** *s.m.* **5** pessoa brincalhona, trocista, engraçada;

Cf. Dicionário Especiais: **moleque 2:** alegre, esperto, brincalhão.

Para análise dessa gíria, podemos atribuir os dois conceitos trazidos pelos dicionários, os quais ressaltam as características de brincalhão, engraçado, irreverente etc.

MOSCA-DE-BOI: pessoa lerda, devagar. (**METÁFORA**)

Cf. Dicionário Houaiss: **mosca** *s.f.* **2** *joc.* indivíduo ou coisa impertinente, insuportável, maçante, importuno.

A *mosca-de-boi* representa o comportamento do inseto que fica parado sobre o animal (sobre o boi) incomodando-o. Por meio de metáfora, a comparação aqui é entre o inseto parado e um homem de atitude semelhante, um homem parado, lento devagar.

MUNDRUNGO: pessoa sem higiene. (**VÍCIO DE LINGUAGEM**)

Cf. Dicionário Houaiss: **mundrongo** *s.m.* PB. *infrm.* cavalo sem serventia, cavalo imprestável
cf. Nei Lopes.

Existe aqui “vício de linguagem”, mais especificamente um *barbarismo* do tipo semântico, decorrente de uma provável aproximação e/ou confusão com relação à forma e ao conceito das palavras “mundrongo” + “mendigo” que cf. Dicionário Houaiss significa: *s.m.* indivíduo que pede esmolas, que vive da caridade alheia; ou ainda confusão com “mundrongo + imundo” que cf. Dicionário Houaiss significa: *adj.* **1** cuja falta de asseio e sujeira provocam repugnância; muito sujo; porco e, por tal motivo, conseqüentemente uma relação/semelhança com o conceito da última, o de falta de higiene. Assim, o falante atribui a palavra “mundrongo”, provavelmente, o conceito que ele tem das palavras “mendigo” ou “imundo”.

ONÇA: agente penitenciário ou carcereiro. (**METÁFORA**) (**DICIONARIZADA**)

²³ Ver as gírias Xerife, Mãe Dinah e Forest Gump.

Cf. Dicionário Houaiss: **onça** *s.f.* p.metf. **7** que ou quem é muito forte, valente, corajoso, invencível; valentão.

Metaforicamente, o agente penitenciário é comparado a uma onça, animal que é bonito, mas valente, perigoso e temido.

PÃO-COM-MANTEIGA: policial militar. (METONÍMIA)

Metáfora realizada a partir da comparação das iniciais da palavras “policial” e “pão”: “P” e das palavras: “manteiga” e “militar”: “M”

PÁRA-QUEDAS: Aquele que se intromete na conversa alheia. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **pára-quedas** *s.m. 2n.* artefato dobrável em forma de guarda-chuva, provido de cordas que sustentam pessoas ou carga e destinado reduzir a velocidade da queda dos corpos, empr. por aviadores obrigados a abandonar aeronaves, para fins militares ou esportivos.

A gíria amplia o sentido de “cair dos corpos” para o conceito utilizado pelo preso: “adentrar onde não se tem permissão”, ou seja, colocar-se, meter-se onde não foi autorizado, neste caso, entrar na conversa alheia sem permissão. Há, ainda, a expressão “ele caiu de pára-quedas” usada em situações em que uma pessoa entra em uma conversação que já estava acontecendo (antes de ela chegar) e, por não saber exatamente do que se trata, ao se intrometer, fala bobagens.

PASSARINHO: alcagüete, dedo-duro. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **alcagüeta** *s.2g. B infrm. 1 m.q.* alcagüete (‘espião e delator’)

Por meio de *metáfora*, julga-se que tanto um *passarinho* quanto um *delator* apresentam comportamentos semelhantes, o primeiro, o de cantar/assobiar em variados lugares, o segundo, o de espalhar a outrem um assunto que não tinha autorização.

PÉ-DE-BREQUE: sujeito sem qualidade (indivíduo que não tem qualidades). (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **breque** *s.m.* 2 ENG. MEC *B* m.q. freio.

Freio *s.m.* 1 qualquer dispositivo us. para conter um movimento.

Cf. Dicionário Aurélio: breque ². [Do lat. *fremu*] S.m. 5 Fig. Aquilo que reprime, modera, contém: “o freio da ética”. 7. Fig. Obstáculo, impedimento.

Deduz-se que um sujeito sem qualidades é um sujeito que só tem defeitos:

Cf. Dicionário Aurélio: defeitos: [Do lat. *defectu*] S.m. 1. Imperfeição; balda, senão. 5. Desarranjo, enguiço.

Assim sendo, o pé-de-breque, alguém que faz parar, enguiçar, que cria obstáculos, podemos compará-lo a um “sujeito que só tem defeitos”: imperfeições, desarranjos, enguiços. Aproximando as partes dos dois elementos comparados, temos uma associação metafórica.

PIOLHO: pessoa que está há muitos anos presa. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **piolho** *s.m.* ENT designação comum aos insetos ápteros... 1.2. ENT inseto anopluro, que vive geralmente na cabeça do homem; seus ovos são fixados aos fios de cabelo e após uma semana eclodem.

Metáfora: reprodução do inseto na cabeça humana assemelha-se à reprodução de presos na cadeia, i.e, a vinda e a permanência de presos que lotam as cadeias. Assim como o piolho que vive na cabeça do homem, não sai dela, vive o preso na cadeia.

PIPOCA: Aquele que pula fora quando as coisas esquentam. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **pipoca** *s.f.* 1 grão de milho estourado com o calor e que se come salgado ou adoçado.

Observamos, aqui, uma associação metafórica do significado da palavra “pipoca” com o conceito atribuído ao apenado (pelo apenado). Assemelha-se a ação de “pular fora” quando algo está quente. O homem “pula fora da situação” quando a situação “esquenta”, está complicada, e o alimento *pipoca* “pula fora do milho” quando aquecida a panela.

PITIBUL: sujeito bravo. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **pit bull** *anglicismo s.m.* CINOL cão de combate de grande força e energia, nascido do cruzamento de várias raças terriers.

Assemelham-se aqui a característica de um cão “*pit bull*”, como sendo um animal feroz, bravo, com as características de um ser humano. Assim, o sujeito bravo comparado a um cão bravo (como um *pit bull*), será chamado de “*pit bull*”.

RADAR: Aquele que fica cuidando da vida alheia. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **radar** *s.m.* **1** técnica de localização e determinação de distância de um objeto afastado por meio da emissão de ondas radioelétricas e da detecção e análise do pulso refletido pelo objeto.

Aqui há semelhança entre a “relação de localizar, captar algo que está distante” (radar) com a idéia de nos interessarmos por algo que está distante, que não nos diz respeito, e assim sendo, a idéia de cuidar, interessar-se pela vida dos outros.

RAMELÃO: Aquele que faz tudo errado. (METÁFORA E METONÍMIA)

Ramelar + -ão: ramelão

Cf. Dicionário Houaiss: o verbo **ramelar** significa o mesmo que *remelar*.

Cf. Dicionário Houaiss: **remelar** *v.* **1** encher(-se) de remela. **2** tornar-se remelão (o açúcar).

Cf. Dicionário Houaiss: **remelão** *s.m.* ALIM açúcar mole, impregnado de melado, açúcar queimado.

Cf. Dicionário Aurélio: ramelão = ramelar + ao

ramelar: Var. de remelar.

remelar: V. int. e p. 1. Criar remela; tornar-se remeloso. 2. Tornar-se remelão. (o açúcar)

remelão: Adj. 1. V. remeloso. 2. Diz-se do açúcar mole e requeimado.

De acordo com os dicionários, ramelar-se “é tornar queimado o açúcar”, a partir disso podemos intuir que deixar algum alimento queimar, não é habitual e aceitável. Assim, ampliando o sentido primeiro de ramelão “açúcar” queimado, para aquele que queima o açúcar, teríamos pois uma formação *metonímica*, já que o resultado da ação nomeia quem a

praticou. Mas a comparação *metafórica* está em atribuir a alguém que faz tudo errado o nome de ramelão, aquele que deixou o açúcar queimar.

SANGUE-BOM: Aquele que é bom amigo, bom companheiro. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Especial: gír. comum: **sangue bom 4:** (RJ) pessoa boa, gente boa, cara legal; gír. prisional: **sangue bom 3:** nos presídios, preso bom.

Seu oposto “sangue-ruim”, gíria também conhecida e falada popularmente, associa a idéia de pessoas que não são boas, apresentam o sangue “ruim”, ou “não limpo”, ou ainda “não puro”. As boas, no entanto, teriam o sangue “bom”, “limpo”, ou ainda, “puro”. Daí formar-se o “sangue-bom”, o “bom amigo”.

SEM-TERRA: Aquele que nunca recebeu visitas. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **sem-terra** *s.2g.2n.e apos. B* relativo a ou indivíduo, esp. camponês ou trabalhador rural, que não tem a posse legal da terra em que vive ou trabalha ou que, por não possuir terra, serve de mão-de-obra agrícola (ger. temporária).

Metáfora: sem terra (desprovido de terra) = sem visitas (desprovido de visitas).

Para o apenado, é lamentável não receber visitas; para o sujeito que está longe do contato com as pessoas de “fora” da prisão: parentes, amigos etc, a falta de visitas torna sua condição ainda mais insuportável. Nesse sentido, o apenado atribui à visita, o fato de ser ela sua base, seu alicerce para suportar as condições colocadas pela penitenciária. Assim, para o sujeito-presos, não tê-la é não ter base, não ter chão.

SIMPÁTICO/MADEIREIRO: pessoa que agrada demais, puxa-saco. (METONÍMIA) (IRONIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **simpático** *adj.* **1.** relativo a simpatia. **2.** que infunde simpatia. **4.** que agrada aos sentidos; aprazível, atraente.

Formação **metonímica:** amplia o sentido de “agradável”, simpático demais = puxa-saco.

Ironia: o falante quer dizer o oposto do que diz, i.e, ao invés de dizer “desagradável”, “antipático” ele “diz agradável”, “simpático”.

Cf. Dicionário Houaiss: **madeireiro** *s.m.* trabalhador em madeira. (METÁFORA)

Aqui há uma metáfora do trabalho que realiza o “madeireiro” com o seu objeto de trabalho “a madeira”, como se estivesse modelando-a, “agradando-a”. Assim como o faz um puxa-saco, agrada demais alguém.

SINTONIA: pessoa que pensa e age como você. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **sintonia** *s.f.* 4 *fig.* acordo, similitude no sentir e no pensar; harmonia, reciprocidade, sintonização. 4.1 *fig.* simpatia que aproxima duas ou mais pessoas; sintonização.

Cf. Dicionário Especial: **sintonia:** afinação, entendimento.

sintonia fina: afinação, entendimento, harmonia.

Como já nos apontam os dicionários, *sintonia* significa similitude no sentir e no pensar. Assim alguém que está sintonizado com você, pensa, sente o mesmo que você.

SOVIÉTICO: homossexual. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **soviético** *adj.* 1 relativo ou pertencente a soviete; sovieta. 2. relativo a ou pertencente a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas [...]. *s.m.* 3 o natural ou habitante de qualquer das 15 repúblicas soviéticas.

Se estendermos o significado de *sovieta* para *comunista*, temos que a palavra ‘comunista’ deriva do adj. “comum” que significa, dentre outras coisas, aquilo que é (Cf. Houaiss) 6 usual, normal, habitual. Já “comun(i)”- *el.comp.*, significa ‘que pertence a muitos ou a todos; público, comum, acessível, ordinário’. Assim, por meio de metonímia, podemos depreender que o homossexual, uma pessoa cuja sexualidade é conhecida por todos, pode ser chamado de soviético/comunista.

Na cadeia, geralmente, as pessoas conhecem os homossexuais, porque em sua maior parte, eles fazem questão de serem conhecidos, muitas vezes identificados por cicatrizes ou tatuagens.

TÁ MANSO: aquele que aceita todo tipo de brincadeira. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **manso** *adj.* 1 de gênio afável, sossegado, bom, dócil, pacato.

Cf. Dicionário Especial: **manso 1:** (1903) benigno, sossegado, diz-se em geral do marido traído que não se importa.

manso 2: calmo, tranqüilo.

Já que “estar manso” significa estar calmo, tranqüilo, o sujeito denominado por “tá manso” é aquele sujeito pacato, dócil, sossegado e que não se incomoda com nada que venha a atingi-lo, assim sendo pode ser aquele sujeito que aceita “todo tipo de provocação, ou mesmo brincadeira”.

Observação: Se a lexia “ta manso” significasse pessoa mansa, pacata, quieta, então o processo de formação utilizado seria a metonímia.

TALARICO/PÉ-DE-PANO: aquele que rouba mulher de malandro. (METONÍMA)

Outra gíria também conhecida e falada popularmente é “talarico”. A palavra “talarico” refere-se a um nome próprio e se refere ao sujeito que canta, cobiça, xaveca a mulher do próximo.

A palavra *talarico* nos é bastante conhecida por fazer referência à música cantada por Zeca Pagodinho chamada “*Talarico, ladrão de mulher*” que apresenta o seguinte refrão: Eu não falo mais com Talarico/ Talarico roubou minha mulher.

Outra possibilidade de formação desta gíria, talvez se explique a partir do verbo: *talarear*, que significa cantarolar (Howaiss, p.2660). Nesse sentido, temos alguém que canta, cantarola ou ainda que “canta”, no sentido de “xavecar” outra pessoa, podendo conquistá-la e, então roubá-la.

Nos dois casos há *metonímia*. No primeiro, porque o nome acabou por designar a ação e, no segundo, por se tratar de uma derivação do verbo *talarear*, que por ampliação de sentido forma “Talarico”.

Pé-de-pano: aquele que rouba mulher de malandro. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Especial: **pé-de-pano 1:** pessoa de passo leve e suave. “O pé-de-pano pega leve e fatura todas as mal-amadas, principalmente quando o maridão está no serviço”.

Pé-de-pano 2: conquistador. “O pé-de-pano é como pé-de-molambo, sempre aparece quando o marido está viajando”.

A gíria *pé-de-pano*, registrada no dicionário especial levanta dúvidas quanto a definição que traz. Nos dois casos, há a idéia de alguém que se aproveita da mulher de alguém, podendo, assim, coincidir com o significado dado pelo preso. A comparação com o *pano* pode ser relacionada com a seguinte hipótese:

O homem casado (marido traído) é o sujeito que, de fato, possui uma mulher, que já tem um “pé”. O “outro” está se colocando no caminho do marido, colocando um “pé-de-pano”, onde já existe um pé, o do próprio marido.

TANGA-FROUXA: sujeito fraco, “bunda-mole”. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Especial: **tanga 1:** pouca roupa.

Tanga 2: (PT) mentira.

Frouxo 1: covarde, medroso, tímido.

Frouxo 2: mole.

Froxo: (RN) o mesmo que frouxo, medroso.

Cf. Dicionário Houaiss: **frouxo** *adj.* **10** *B infirm.* que ou aquele que é covarde; medroso.

Esta gíria amplia o sentido de “frouxo”, trazido pelos dicionários. O sujeito “tanga-frouxa” é aquele que é covarde, fraco, medroso, “bunda-mole”, designando pois um processo metonímico.

TIRIÇA: pessoa que não tem higiene. (METONÍMIA OU METÁFORA)

Cf. <http://boasaude.uol.com.br>. Acesso em fevereiro de 2008

Tíriça é como é chamada a “icterícia”, um dos sintomas mais típicos de hepatite viral (dos tipos A, B, C, D, e E), sintoma que é conhecido também por “amarelão”, caracterizado por coloração amarelada da pele, dos olhos e das mucosas. Porém, “a icterícia não ocorre em todos os pacientes. Na maioria dos casos de hepatite viral aguda, o quadro é leve e resolve-se espontaneamente; mas em alguns casos pode apresentar gravidade, evoluindo com confusão mental e outros sintomas, caracterizando a hepatite fulminante”²⁴.

²⁴ <http://boasaude.uol.com.br/lib/ShowDoc.cfm?LibDocID=4801&ReturnCatID=1769>

O que se observa nesta gíria, é que este sintoma, decorrente da hepatite, a cor amarelada da pele, dos olhos e das mucosas, parece indicar para o apenado, falta de higiene. O “tiriça” é, pois, aquela pessoa suja, amarelada etc.

XERIFE: Aquele que quer mandar na cela. (METONÍMIA)

Observamos nas gírias: “Xerife”, assim como, em “Forest Gump” e “Mãe Dinah”, (citadas nas páginas 64 e 66) uma formação metonímica. Os apenados associaram as características popularmente atribuídas a essas pessoas, esses personagens, ou figuras, tais como: mandar, mentir ou “contar histórias” e adivinhar sucessivamente, aos apenados que possuem tais características. Assim, ao invés de mencionar a característica, os presos preferem fazer referência às pessoas, personagens que contêm essas características, como uma espécie de símbolos marcados por estas características.

ZÉ POVINHO: pessoa que tem aversão ao crime. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **povinho** *s.m.* **3 pej.** a camada pobre da sociedade; rale, Zé povinho.

Cf. Dicionário Especial: **Zepovim:** povo.

Zepovinho: povo.

Diferentemente das acepções trazidas pelos dicionários, “Zé povinho” é uma parte do todo, o todo que é aqui “o povo”, a população. E como a maior parte da população, ou do povo, o “Zé povinho”, (indivíduo que pertence a esse povo) teme o crime, é contra ele. Para o preso, o termo tem um significado pejorativo.

ZÓIO-DE-LULA: pessoa gulosa. (METÁFORA)

Zóio: variante de olho.

Cf. Dicionário Houaiss: **lula** *s.f.* cefalópode (classe dos moluscos marinhos) com concha externa, interna ou ausente, cabeça grande, olhos altamente desenvolvidos, boca dotada de bico córneo e rádula, circundada geralmente por oito ou dez braços ou tentáculos.

Cf. Dicionário Especial: **zói:** olhos / zolho: olhos

zoiar: olhar.

zoinho: olhinho.

zoiudo/zolhudo: pessoa de olhos grandes.

Chama-se popularmente de “olho grande” a pessoa “gulosa” (cf. Houaiss) “que ou aquele que tem o vício da *gula*” (cf. Houaiss) “vício de comer ou beber em excesso”. Assim comparam-se as formas: “olho da lula” e “olho grande”.

ALIMENTOS E REFEIÇÕES

ÁGUA COM BOLINHA: refrigerante. (METÁFORA)

Metáfora: semelhança quanto à forma, a cor e ao tamanho do refrigerante.

AREIA: açúcar. (METÁFORA)

Metáfora: relação entre a *forma* (cor e consistência) do *açúcar* com a da *areia*. Observa-se também que esta comparação feita pelo preso também faz referência à má qualidade do alimento que é servido pela instituição.

BIC: aparelho para barbear. (METONÍMIA)

Há aqui a substituição da *marca* do aparelho de barbear “bic” pelo próprio *produto*, o *aparelho de barbear*.

BOI-RALADO: carne-moída. (HIPERONÍMIA)

Metonímia → **hiperonímia** da palavra **boi** com relação à **carne**.

Neste caso, ocorre um processo não muito recorrente na língua.

Freqüentemente, utilizamos *a parte* para designar *o todo* (metonímia), o que se verifica com esta gíria é o inverso: o todo (o *boi*), para referir-se apenas a uma parte (*a carne*).

BÓIA: Almoço ou jantar. (METONÍMIA) (DICIONARIZADA)

Cf. Dicionário Houaiss: **bóia** *s.f.* **4** *p.ana.(da acp.2)* *P infrm.* pedaço de pão, de carne ou de toucinho que sobrenada num caldo ou sopa (mais us. no pl.) **5** *p.ext .P* m.q. sopa (‘caldo’) **6** *p.ext.* ração de carne malga de trabalhador **7** *p.ana.(da acp.2)* *B infrm.* rancho (‘refeição’) de soldados **8** *p.ext.B ALT infrm.* refeição, comida.

Cf. Dicionário Houaiss: **bóia** **2** qualquer flutuador móvel utilizado para manter algo ou alguém à superfície da água.

Cf. Dicionário Especial: **bóia 1**: comida de soldado;

Bóia 2: refeição.

Como registram os dicionários, a gíria “bóia” já é uma palavra conhecida por sua definição de “refeição”. Como nos aponta em seu verbete, a entrada “bóia”, tem relação semântica com os verbos “boiar”, “flutuar” e, por conseguinte, passou a significar comida que flutuava, e mais tarde refeição (almoço ou jantar).

GALETOS: frango. (HIPONÍMIA)/ (IRONIA) (DICIONARIZADA)

Hiponímia da palavra **galeto** com relação à palavra **frango**.

Cf. Dicionário Houaiss: **galeto** *s.m.* **1** *B* frango novo que se prepara assado no espeto **2** *B* restaurante ou lanchonete onde se servem galeto.

Aqui, inversamente ao que ocorre com a gíria “boi-ralado”, opta-se por destacar um dos tipos de frangos, um “frango menor” (galeto). Observa-se aqui uma relação hiponímica entre os vocábulos: galeto e frango, em que se destaca o de menor especificidade de significado de um deles (galeto), com relação a uma de maior especificidade (frango).

Com relação à acepção 2 trazida pelo Houaiss, podemos dizer que se trata de uma formação “irônica”. Considerando-se que um dos melhores restaurantes brasileiros, especializados em servir frango, leva o nome de Galeto. Obviamente, o frango oferecido pela penitenciária não é como um servido por esse restaurante.

GRANADA: almôndega. (METÁFORA)

Tem-se, aqui, uma metáfora que revela uma comparação entre a forma da almôndega e da granada e talvez até ironicamente, algo relativo ao sabor desse alimento servido na

penitenciária. Assim, a almôndega oferecida na instituição penal deve causar no estômago uma reação semelhante a um explosivo.

GRAXA: margarina. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **graxa s.m.** 1 mistura feita de pó de fuligem, sebo e outras substâncias para engraxar e lustrar couro (de arreios, sapatos etc.) 2 preparado feito de cera e outras matérias gordurosas, utilizado para o mesmo fim.

Associação metafórica feita com relação à má qualidade do alimento “margarina”, cuja aparência, consistência e sabor lembram os da “graxa”.

GULOSEIMAS: bolachas, biscoitos, doces (vindos de fora da instituição). (HIPERONÍMIA) (DICIONARIZADA)

Hiperonímia: a palavra guloseimas indica variados doces (biscoitos, bolachas, doces etc.)

Cf. Dicionário Houaiss: **guloseima s.f.** m.q. gulodice.

Cf. Dicionário Houaiss: **gulodice s.f.** 2 doce ou iguaria qualquer, muito apetitosa; guloseima, gulosice, lambiscaria.

Como podemos observar, utiliza-se na penitenciária um sinônimo de “doce” como sendo gíria, uma palavra já registrada pelo dicionário e que, no entanto, não se encontra registrada como gíria.

MACACA: banana. (METONÍMIA)

Metonímia: associação feita por contigüidade ou por ampliação de sentido, em que o que é consumido (banana) é chamado pelo seu consumidor (macaco).

Essas duas palavras mantêm entre si uma relação de *contigüidade*. A banana é por excelência a primeira associação que fazemos ao animal macaco que tem como uma de suas características alimentar-se de bananas.

MARROCOS: pão. (METÁFORA)

Esta gíria parece confrontar e simbolizar duas localidades: “fora” e “dentro” da instituição penitenciária. Seriam aqui, comparados a “Europa” (fora) e “África” (dentro), talvez como uma analogia à qualidade do pão que é vendido fora: o “francês”, o “europeu”, é de boa qualidade, enquanto que o pão que os presos comem é “marroquino” ou de “Marrocos”, “africano”, seria de qualidade inferior à do “francês”.

Uma outra associação possível seria relacionada à cor dos alimentos. Talvez a farinha utilizada pela penitenciária não fosse de “boa qualidade” e, por isso, o pão oferecido por ela: “marrocos” seria mais “escuro” se comparado ao pão “francês”, mais “claro”.

MATO: qualquer tipo de verdura. (METÁFORA)

Associação metafórica em que são ressaltadas as formas e as cores dos elementos comparados, i.e, tanto o mato quanto as verduras apresentam formas e cores semelhantes (verde).

MÓCA: café. (DICIONÁRIO/ METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: ³**moca** *s.m.* **1** variedade de café fino originária da Arábia. **2** *p.ext.* bebida feita com esse café. ETIM top. *Moca*, cidade da Arábia; f. hist. 1873 *moka*.

Como pudemos notar, *moca* já é registrada como uma variedade de café, assim sendo, trata-se aqui de um uso sinonímico. Outra possibilidade de formação é por meio de processo metonímico, já que a marca popular de café “Moka”, está sendo usada para designar o próprio produto, o café.

PNEU-DE-JIPE: hambúrguer. (METÁFORA)

Trata-se de uma metafórica associação feita com base na forma, mas que também considera a qualidade do alimento (a sua consistência e sabor). No caso, além de ser redondo como o pneu, o hambúrguer pode ter sabor e consistência de “borracha”.

RECORTADO: comida refeita e bem temperada. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **recortado** *adj.* **1** que se recortou **2** cortado em pedaços.

Neste caso, a comparação é feita com o ato do “recortar” cortar em várias partes, o que estava inteiro. Assim o preso “recorta” a sua comida, sua refeição em várias partes, ou seja, junta, une sobras e “refaz” a sua comida, desta vez, com mais temperos improvisados por eles. Para o apenado recortar a sua comida é o mesmo que refazê-la.

SUBIDINHA: refeição noturna. (METÁFORA)

Para criar essa gíria, é provável que o apenado tenha se referido ao efeito causado pela última refeição. Esta, por ser pesada, realizada à noite, causa sonolência. “Subidinha” porque assim que janta, deve sentir sonolência e, assim sendo, dizem que (popularmente/religiosamente) enquanto dormimos, “a alma desprende-se do corpo e sobe ao céu”. Daí a relação entre *subidinha* e a *refeição noturna*.

Outra associação, é talvez porque eles tenham que subir até o local onde está a comida.

VENENINHO: suco da marca “Ki-suco”. (METÁFORA)

O sufixo diminutivo “-inho” acrescentado à palavra “veneno” está associado ao tamanho da embalagem do suco (pequeno) e à sua qualidade (ruim). Assim, este suco tem qualidade inferior à das outras marcas. O suco é muito popular, tido como um dos mais baratos, e, por esse motivo, talvez o único consumido na instituição.

ZÓIÃO: ovo; (METÁFORA)

Metáfora: semelhança entre as formas de um “olho grande” (zóião) e um ovo.

Essa gíria, já um pouco desgastada por ser tão usual, aproxima características quanto à *forma*: a do “ovo” e a de um “olho”. Assim, *zóião*, significa popularmente “olho grande” e se assemelha à forma do ovo estalado/ estrelado: “um olho grande”.

OBJETOS

“J”: lâmina, gilete. (METÁFORA E METONÍMIA)

Metáfora que compara a letra “J” à forma do barbeador (aparelho de barbear).

Já quando se coloca no mesmo plano, i.e, como sinônimos a lâmina e a gilete, temos uma *metonímia*, já que *gilete* é a marca da lâmina e não o produto.

“X”: cela. (REDUÇÃO)

Cf. Dicionário Especial: **X**: entre delinqüentes, cela de cadeia.

De acordo com o dicionário de gírias, “x” significa a cela da penitenciária. Apesar de ser uma gíria muito comum, há algum tempo já falada, o dicionário de apoio utilizado (a saber, o Houaiss), não traz essa definição, mas traz **xilindró**.

Cf. Dicionário Houaiss: **xilindró** *s.m. B infrm.* m.q. cadeia.

Cf. Dicionário Houaiss: **xadrez** *s.m. 5 p.met. (da acp. 3) B infrm.* cela penitenciária; prisão, cadeia.

Assim, “x” seria uma redução das palavras “xilindró”, e/ou “xadrez”.

9 LETRAS: cigarro da marca Hollywood. (PROCESSO METALINGÜÍSTICO)

Neste caso, caracteriza-se um processo *metalingüístico*, em que uma palavra é reduzida, identificada e designada pela quantidade de letras que a compõe. Assim, temos a palavra Hollywood, composta por “nove letras”.

BANDECO: marmita. (METONÍMIA)

Provável junção do radical *band-* (de *bandeja*) + sufixo – *eco*, que cf. Lopes (2003) significa “inferior, com ou sem noção de pejoratividade”. Para justificar tal formação temos:

Cf. Dicionário Houaiss: **bandeja** *s.f. 2* recipiente raso us. para o serviço de alimentos, bebidas etc, ou como peça decorativa. **9 MAR** recipiente de chapa prensada, com divisões, em que é servido o rancho (‘refeição’) dos marinheiros.

Há ainda as formações *bandejão* (cf. Houaiss) “bandeja grande” e *bandejete* “bandeja pequena”.

Cf. Dicionário Houaiss: **marmita** *s.f. 2* recipiente de lata em que, nos quartéis, se serve rancho aos soldados.

Cf. Dicionário Especial: **marmita 1**: comida;

Cf. Dicionário Especial: **marmiteiro**: que come de marmita.

De acordo com o que nos trazem os dicionários acima mencionados, tanto a palavra *bandeja* quanto a palavra *marmita*, apresentam significados semelhantes: significam um tipo de recipiente que transporta comida.

Assim, *bandeco*, seria uma variação da palavra “bandeja”, conforme as formações acima apontadas e, assim sendo, por ampliação de sentido e, pequena mudança na sua forma, essa gíria seria um sinônimo de marmita. O sufixo *-eco*, indica ainda, uma noção de pejoratividade atribuída ao objeto *bandeja*, e, conseqüentemente a marmita.

BATE-CINZA: cinzeiro. (METONÍMIA)

Aqui, nomeia-se, ou “substantiva-se” a “ação praticada no objeto”, um “cinzeiro”. O “giriador” transfere a ação que pratica no cinzeiro (ação de *bater* o cigarro na sua borda para depositar as cinzas) para o próprio cinzeiro.

BIC: isqueiro. (METONÍMIA)

Metonímia: uso da marca “bic” em vez do produto “isqueiro”.

BIRI-BIRI: telefone. (ONOMATOPÉIA)

Aqui a gíria “biri-biri” resulta de um processo *onomatopaico*, em que o próprio som do telefone dá nome ao aparelho.

BOCA-SUJA: cinzeiro. (METÁFORA)

Por uma associação metafórica entre a cavidade da boca e a do cinzeiro, forma-se a gíria *boca-suja* significando o objeto *cinzeiro*, gíria que neste caso, traz ainda o adjetivo *sujo* devido às cinzas dos cigarros.

BOI: banheiro. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Especial: **boi 1**: marido condescendente.

boi 2: meretriz de ínfima ralé.

boi 3: marido traído.

boi 4: gordo.

boi 5: fácil.

boi 6: menstruação.

***boi 7:** nos presídios, buraco na cela usado como vaso sanitário.

Cf. Dicionário Houaiss: **Boi 5** *fig. pej.* marido ou companheiro traído pela mulher. **6.** *p. ana.* (da acp. 4) [ETN *B* personagem central do bumba-meu-boi]. *Pej.* pessoa ou coisa volumosa e pesada; pessoa gorda, corpulenta. **7.** *p. ana.* (da acp. 4) *PE pej.* pessoa muito feia. **8.** *infrm. m.q.* meretriz. **9.** *B N. E. infrm.* menstruação. **12.** *P infrm.* maconha.

Os conceitos trazidos pelos dicionários são semelhantes, mas apenas o dicionário de gírias traz uma acepção próxima da que analisamos. No dicionário de gírias, a entrada “**boi 7**” significa, nos presídios, “buraco na cela”, usado como vaso sanitário, conceito este que por contigüidade de sentido, modificou-se para “banheiro”.

BONDE: meio de transporte do preso. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **bonde:** 2 (1868) *B* veículo movido à eletricidade, origin. de tração animal, que se desloca sobre trilhos, us. para o transporte de passageiros nas zonas urbanas e suburbanas; carro elétrico, elétrico.

O Dicionário de Gírias apresenta 8 acepções para a palavra bonde, dentre elas:

bonde 1: segurança de traficantes.

bonde 2: entre funks, ônibus.

bonde 6: grupo de assaltantes.

bonde 8: prisão, transferência. “Vamos fazer uma rebelião e pedir o bonde”.

Aqui o sentido de “veículo movido à eletricidade”, foi ampliado para “meio de transporte do preso, veículo usado para transportá-lo” por metonímia. Certamente por influência da acepção 8 presente no dicionário de gírias “prisão, transferência”. Nesta acepção, está a idéia de pedir o bonde para sair do presídio e, conseqüentemente, para ser transportado.

BURRA/ JEGA: cama de concreto, tipo beliche. (METÁFORA)

Por meio de um processo *metafórico*, o preso atribui a esses animais, o significado de cama.

Considerando que as poucas camas que existem por cela nas instituições penais são geralmente de concreto, podemos dizer que não são confortáveis como as camas de “fora” da instituição.

Com relação aos animais jegue e burro, estes, simbolizam um processo de “passagem”, são, pois, animais que transportam cargas, pessoas, coisas pesadas, são animais sofridos. A característica de ser passageiro pode ser a mesma característica atribuída ao objeto cama.

Outra associação que podemos fazer é quanto ao fato de serem animais “teimosos”, que não fazem exatamente o que os donos querem; da mesma maneira que a cama não é do jeito que gostariam que fosse, como já foi dito, a cama é uma “burra” ou uma “jega”, pois não obedece aos seus donos, não podem ser deslocadas, não saem do lugar.

Quanto às formas “burra” e “jega”, estas, acompanham, concordam com o substantivo ao qual se referem “cam-a”, que também é do gênero feminino.

CAMPANA: espelho. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **campana:** *s.f.* 1. sino.

Cf. Dicionário Especial: **campana 1** (1912) gatuno que fica na rua de vigilância, enquanto os companheiros roubam.

campana 2 (1992) vigília, ronda que protege a manobra, a ação da polícia.

Considerando que *campanar* seja o mesmo que *vigiar*, de acordo com o dicionário de gírias, temos que, aquele quem nos vigia, está sempre nos olhando, ação esta “praticada” pelo espelho, que está sempre “nos olhando” quando olhamos para ele, já que reflete a nossa própria imagem. Assim, por ampliação de sentido, campana vem a significar espelho.

CARTUCHO: saco de supermercado para colocar lixo. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: *s.m.* **3 p. ext.** pequena caixa de papelão us. como embalagem. **11** INF. Unidade removível que contém a tinta utilizada nas impressoras a jato de tinta.

Cf. Dicionário Especial: **cartucho 1**: carta de empenho, pistolão.

cartucho 2: arma para decisão.

cartucho 3: no jogo de cartas, uma grande carta.

cartucho 4: protetor.

De acordo com os dicionários, podemos dizer que o *cartucho* usado como embalagem, pode ter seu sentido expandido para o de “sacola” destinada ao uso de lixo, ou “saco” de supermercado para colocar lixo”.

CORUJA: cueca. (METÁFORA)

Aqui, compara-se a *forma* da cabeça da *coruja*, com a de uma *cueca*.

As duas partes comparadas apresentam formato semelhante ao de um triângulo de ponta-cabeça. Trata-se pois, de uma associação metafórica.

DRAGÃO: isqueiro. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **dragão**: *s. m.* 1 animal fabuloso ger. Representado por serpente ou sáurio com o corpo coberto de escamas [eventualmente ainda pode ter garras de leão, asas de águia ou morcego, longo pescoço e uma grande boca] com a língua sagitada ou bífida, que expelle fogo. 9. *B infrm. pej.* indivíduo muito feio.

Cf. Dicionário Especial: **dragão 1**: mulher feia.

Dragão 2: homem feio.

Dragão 3: entre homossexuais, travesti ou mulher feia. “Ela não se parece, é um dragão”.

Metaforicamente, associa-se aqui a idéia do “expelir fogo” das partes comparadas: o objeto *isqueiro* e o animal fabuloso *dragão*.

GAIADA: cama de concreto, tipo beliche. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **gaiola**: *s.f.* 2.1 *fig.* cadeia, cárcere.

Galhada = gaiada

Cf. Dicionário Especial: **gaio** (RO) galho, chifre, traição.

Cf. Dicionário Especial: **gaiola** 1 presídio, prisão

A formação dessa palavra deve ter sua origem em duas palavras: *gaiola* e *galhada*. A primeira pode referir-se ao fato de que se trata de um objeto (a cama) típico de cela, ambiente que, para o apenado, pode ser comparado a uma gaiola.

A segunda palavra, *galhada*, pode fazer menção ao fato de que, dispostas num formato de beliche, ou no caso triliche, (já que na maioria das vezes, as camas são dispostas de três em três, formando quatro fileiras, ou doze camas no total), elas assemelham-se a galhos de árvores. Sendo assim, para o apenado, tratar-se-ia de uma *gaiada* (*galhada*), conjuntos de *gaios* (galhos), dentro de uma *gaiola*.

GIZ: cigarro. (METÁFORA)

Metáfora que destaca a cor, o tamanho e mesmo o formato dos objetos comparados: o *giz* e o *cigarro*.

HIGHLANDER: faca. (METÁFORA + METONÍMIA)

Highlander é o nome do personagem de um filme que leva o mesmo nome. O *Highlander* usa uma “espada mágica”, objeto que está sendo aqui comparado pelo formador da gíria com uma “faca”. Nesta comparação, há formação por metáfora. Entretanto, tomando a palavra “faca” como sendo um sinônimo de “espada” e, em seguida, atribuindo à pessoa que utiliza esse instrumento, i.e, o personagem “highlander”, o nome de espada (faca), temos uma formação por metonímia, em que o objeto está sendo denominado pelo seu usuário.

LATRÔ: colchão. (METÁFORA + REDUÇÃO) e **TELA:** televisão. (REDUÇÃO + METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **latrina:** *s.f.* (1623 cf. S Dom.) 1 *ant.* local público destinado a dejeções; cloaca, esgoto. 2 *m. q.* vaso sanitário. 3. *p. met.* Banheiro, sanitário.

Cf. Dicionário Houaiss: **latrocínio**: *s.m.* JUR 1 assalto à mão armada no qual o efeito da arma pode não ir além da intimidação. 2. Homicídio com o objetivo de roubo, ou roubo seguido de morte ou de graves lesões corporais da vítima.

Código Penal

LEI N.º 8.072, DE 25 DE JULHO DE 1990

Art. 1º. São considerados hediondos²⁵ os seguintes crimes, todos tipificados no Decreto-Lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, consumados ou tentados: I) homicídio; **II) latrocínio (art. 157, § 3.º , *in fine*)** ; III) extorsão qualificada pela morte...VII-B – falsificação, corrupção, adulteração de produto destinado a fins terapêuticos ou medicinais).

Capítulo II

DO ROUBO E DA EXTORSÃO

Roubo

Art. 157. Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência à pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência:

Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 10 (dez) anos, e multa.

§ 3.º Se da violência resulta lesão corporal grave, a pena é de reclusão, de 7 (sete) a 15 (quinze) anos, além de multa; se resulta morte, a reclusão é de 20 (vinte) a 30 (trinta) anos, sem prejuízo da multa.

Cf. Dicionário Houaiss: **tela** *s.f.* **11** *p.ana.* TV superfície anterior do tubo de imagem sobre a qual se projeta o feixe de elétrons para formar os elementos de imagem.

Essas duas gírias: *latrô* e *tela* podem ter sido formadas a partir de uma *redução* das palavras: “latrocínio e televisão”, respectivamente. No caso da primeira redução “latrô”, cujo

²⁵ **hediondo** *adj.* **1** que apresenta deformidade; que causa horror; repulsivo, horrível **2** *fig.* que provoca reação de grande indignação moral; ignóbil, pavoroso, repulsivo **3** que é sórdido, depravado, imundo. (HOUAISS, 2002, p.1510).

significado naquele contexto é *colchão*, podemos mencionar a qualidade (ruim) do colchão em que os presos dormem (que para alguns, devido à superlotação das celas, pode ser uma toalha, um tapete ou similar) e associar o sofrimento de dormir nele ao mesmo sofrimento proporcionado pela punição que recebe o infrator de “latrocínio”, que, de acordo com as leis penais, recebe pena máxima (30 anos, sem prejuízo de multa). Nessa formação gíria equipara-se “o sofrimento, o desconforto contínuo de dormir num colchão ruim , ou mesmo no chão” ao sofrimento de cumprir uma pena máxima.

Outra possibilidade de formação da gíria *latrô* é o de ser derivada de *latrina* que, conforme o dicionário de língua, significa local público destinado a dejeções. Nesse sentido, aproxima-se, *metaforicamente*, colchão a algo sujo, fedido, nojento como um esgoto ou um excremento.

No segundo caso, podemos dizer que a palavra *tela*, resulta de um processo *metonímico*, onde o formador da gíria designa *uma parte* do aparelho de televisão, i.e, *a tela*, pelo todo, *o aparelho de TV*.

Como pudemos notar, o dicionário de língua registra a palavra “tela”, mas como sendo uma parte do aparelho de televisão e não o próprio aparelho como é feito pelos apenados.

LEQUE: baralho. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **leque** *s m.* **1** abano feito de material leve (papel, seda, plumas, marfim etc.) que é agitado manualmente para produzir corrente de ar, em geral de forma semicircular, fixo ou montado sobre lâminas móveis num conj. Retrátil que lhe permite encolher-se quando não está em uso. **2 p. ana.** Qualquer coisa que tenha a forma do leque quando aberto ou conjunto de coisas dispostas em semicírculo.

Destaca-se aqui uma metáfora, na qual há semelhança com a forma dos objetos comparados: *leque* e *baralho*, que abertos formam um semicírculo.

MC LAREN: cigarro da marca Marlboro. (METONÍMIA)

Mc Laren é o nome de uma empresa automobilística de cores vermelha e branca, patrocinada pela marca de cigarros *Marlboro*. Equipara-se, aqui, a empresa à sua patrocinadora, já que ambas possuem cores semelhantes. O apenado chama o cigarro por “Mc

Laren” porque assim como no cigarro, a marca “*Marlboro*” reveste também o carro de corrida da marca “Mc Laren”.

Temos : O cigarro tem seu corpo/ maço/embalagem revestida pela marca “Marlboro”.

O carro da empresa Mc Laren = tem seu corpo revestido pela marca “Marlboro”.

Logo podemos dizer que trata-se de uma metonímia, na qual a marca “Marlboro” faz parte tanto do cigarro como do carro.

MACHADÃO: aparelho de barbear da marca Bic. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **machado**: *s.m.* **1** instrumento constituído de uma cunha de ferro cortante em um dos lados e com um buraco no outro no qual se encaixa um cabo de madeira, us. esp. para rachar madeira, árvore etc. **2** instrumento usado pelo carrasco para cortar a cabeça dos condenados.

Formação: machado + sufixo “ão” = aumentativo

Essa formação *metafórica* leva em consideração partes análogas dos dois objetos cortantes: o *machado* e o *aparelho de barbear da bic*, pois os dois têm forma e função semelhantes. Nesta comparação também está implícita a qualidade (ruim) do aparelho da marca “bic”, pois utilizá-lo para se barbear é como fazer uso de um “machado”, algo que não dá resultado.

MISSIVA: carta. (GÍRIA DICIONARIZADA) (ARCAÍSMO)

Cf. Dicionário Houaiss: **missiva**: *s.f.* carta ou bilhete que se envia a alguém.

Cf. Nascentes²⁶: missiva (carta). V. Missivo

Missivo. Do lat. *missu* “mandado” e suf. –ivo.

A palavra *missiva* pode ser aqui considerada um *arcaísmo*, pois o apenado traz para o uso atual, um antigo sinônimo de carta, originário do Latim.

MORUMBI: o terceiro beliche. (METÁFORA)

²⁶ NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico Resumido*. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico IBGE, 1966.

Tendo em vista as condições por que passa, o apenado goza de pequenos privilégios, um deles seria “o terceiro beliche” (localizado na parte superior da parede). Além do fato de o apenado que dorme no terceiro beliche (feito de concreto) ter de subir, pisando nas duas primeiras camas, incomodando os outros dois companheiros de cela, por esta cama estar localizada em cima de outras duas, ela lhes dá uma visão privilegiada da cela.

A associação ao Morumbi ²⁷ pode ser atribuída o ao seu tamanho. Em qualquer lugar deste estádio é possível ter uma ampla visão dos jogos. Assim, tanto o “Morumbi” quanto “o terceiro beliche”, são locais que possibilitam ter uma boa visão do que acontece abaixo.

Uma outra associação poderia ser feita com o “Morumbi”, um bairro de classe média alta em São Paulo, e, nesse caso, a comparação de um “bom bairro” com um lugar para dormir melhor que outros.

PACÚ: papel higiênico. (REDUÇÃO)

Formação que leva em consideração a *função*: pacú = algo para ser utilizado no ânus = papel higiênico “para o cú”. Redução ou abreviação da palavra “para” (pa) + a palavra “cú”.

Cf. Dicionário Houaiss: **ânus**: *s.m. 2n.* ANAT abertura exterior do tubo digestivo, na extremidade do reto, pela qual se expõem os excrementos. (Locução) SIN/VAR alvado, cú, fiofó etc.

PALETA: colher. (METÁFORA)/ (METONÍMIA) (DICIONARIZADA)

Cf. Dicionário Houaiss: **paleta**: *s.f. 1* chapa, ger. ovalada e de madeira com um orifício para o polegar, sobre a qual os pintores colocam e misturam as tintas; palheta. **3** cada peça de um par de instrumentos, ger. de marfim ou ébano, us. pelos escultores para modelar o barro ou a cera. (Locução) ETIM et. *Paletta* (1301) pequena pá.

Cf. Dicionário Houaiss: **pá**: *s.f. 1* utensílio que consiste numa lâmina larga ou grande colher, adaptado a um cabo comprido e us. para escavar ou remover terra, carvão, neve etc.

De acordo com o dicionário de língua, *paleta* seria uma *pequena pá*. Considerando que *pá* seja também um sinônimo de *colher* (como uma colher grande), podemos dizer que nesta formação o apenado, metaforicamente, por analogia à forma, nomeia de *paleta*, uma *colher*.

²⁷ Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o segundo maior estádio de futebol do Brasil e o maior do Estado de São Paulo.

Se tomarmos como ponto de vista o fato de “paleta” ser como uma “colher grande”, nesse caso teremos uma formação *metonímica*, em que há ampliação do seu significado e não uma comparação entre partes como em uma metáfora.

PAPAGAIO: rádio AM/FM. (METÁFORA)(DICIONARIZADA)

Cf. Dicionário Houaiss: **papagaio:** *s. m.* **2 fig.** pessoa que memoriza e repete o que ouve ou lê, sem compreender o que diz. **3 fig.** indivíduo muito loquaz; tagarela. *11 B infm.* obsoleta *m. q.* RÁDIO (“aparelho”).

Cf. Dicionário Especial: O dicionário de gírias registra 5 acepções para **papagaio**, dentre elas:

Papagaio 2: pessoa que fala demais, tagarela. **Papagaio 3:** (1984) rádio.

Cf. Dicionário Houaiss: **rádio** *s.m.* RÁD **1** aparelho emissor ou receptor de telegrafia e de telefonia sem fio **3** aparelho emissor ou receptor dos sinais radiofônicos de uma estação de rádio (p.ex., o rádio-portátil, o auto-rádio).

De acordo como os dicionários, a palavra *papagaio* há algum tempo já vem sendo usada como sinônimo de *rádio*. Conforme registra o Houaiss, a palavra já é considerada obsoleta, i.e, de tanto ser usada, apresenta um uso desgastado.

Por meio de processo metafórico, equipara-se o “falar” do *rádio* (aparelho) que emite várias vozes (sinais radiofônicos) com o “falar” dos *papagaios*, tipos de aves que conseguem pronunciar palavras com perfeição, conhecidas popularmente como aves tagarelas.

PERERECA: resistência de chuveiro. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **perereca:** *s.f.* 1 HERP design. Comum a diversos anfíbios anuros arborícolas, esp. aqueles da fam. dos hilídeos, ger. de cor verde ou marrom, pele lisa, grandes pernas traseiras e dedos com ventosas; caçote, rã, raineta, rela, tanoeiro.

Cf. Dicionário Especial: **perereca 4:** resistência para aquecer água. “Arranja uma perereca nova que esta está fodida”.

Trata-se de um anfíbio que passa grande parte do dia na água, variando sua temperatura corporal conforme o ambiente em que se encontra: terra ou água. Comparada com a “função da resistência do chuveiro”, tem-se aqui uma metáfora: a temperatura da pele ou

corpo da perereca varia de acordo com o ambiente em que está. Daí a semelhança com a resistência do chuveiro que altera a temperatura da água para quente ou fria.

PILOTO: controle-remoto. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **piloto:** *s.m.* 7 *fig.* aquele que guia, que orienta; diretor, dirigente. **Piloto automático** (sXX) aparelhagem que mantém em funcionamento os processos de pilotagem sem intervenção dos tripulantes.

Por analogia ao sentido de guiar, orientar, indicar pela intervenção de algo ou alguém, compara-se aqui o objeto *controle-remoto* a um *piloto* (aquele que guia, orienta etc.), o que nos faz observar, então, um processo metafórico na criação desta palavra.

PIPA: tipo de bilhete ou recado que circula dentro da penitenciária. (GÍRIA DICIONARIZADA) (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **pipa:** *s.f.* 4 LUD. *m.q.* papagaio.

Cf. Dicionário Houaiss: **papagaio:** *s.m.* 7 bilhete, aviso ou lembrete manuscrito. 28 LUD brinquedo que consiste numa armação leve de varetas, recoberta de papel fino, a qual ger. se prende uma tira, o rabo, que lhe dá certa estabilidade quando empinado no ar por meio de uma linha, arraia, cafifa, pandorga, pipa, raia.

Por meio de um processo metafórico, o apenado aponta semelhanças entre o “bilhete” e a “pipa”. A “pipa” ou papagaio (cf. Houaiss) voa, simboliza algo através dos seus desenhos, cores, é um tipo de bilhete, aviso que pode ser visto por muitas pessoas.

O “bilhete”, analogamente, tem a pretensão de levar uma mensagem a alguém. Na penitenciária, a pipa é vista por muitos apenados até chegar ao seu destino, é passada de mãos em mãos e por tal motivo, chega rápido.

De acordo com o dicionário de língua, são sinônimos: pipa e papagaio, logo, “bilhete” também o será.

Observação: Se considerarmos que a gíria “pipa” tenha sido criada a partir da palavra “papagaio”, e este, como sendo o seu formador, um sinônimo óbvio de “bilhete ou carta”, teremos uma formação *metonímica*, já que, por ampliação de significado, a palavra “pipa” viria a ser papagaio e posteriormente, “pipa”.

PRAIA: o chão ou o piso da cela. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Especial: **praia:** o meu lugar. “Esta é a minha praia, mas a praia dele é outra”.

Cf. Dicionário Houaiss: (Locução) **ser a p. de alguém**, ser o ambiente a que alguém esteja acostumado ou um hábito que ela possui.

Com base nas acepções trazidas pelos dicionários podemos destacar a idéia de que “praia” é também um lugar, um ambiente no qual alguém se habitua a viver. Analogamente, o chão da cela pode ser também um local em que os apenados se habituem a viver, já que muitos (devido à superlotação das celas) dormem nele.

Outra associação que poderia ser feita é a de que, devido a essa superlotação, muitos presos disputam um lugar no chão para dormir, ou apenas se deitar, comportamento típico das pessoas que vão à praia, em especial naqueles dias de maior movimentação.

SANGUE-DE-BOI: cigarro da marca Hollywood. (METÁFORA)

Metáfora que destaca a cor das partes comparadas. A cor dos dois elementos: o “sangue” do boi e a “embalagem” do cigarro da marca Hollywood, é vermelha.

TARIFA: selo. (METONIMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **tarifa** *s.m.* 2 ECON JUR valor determinado pelo Estado para se cobrado dos usuários pelas concessionárias de serviços públicos (correios, água e esgoto, energia elétrica etc.)

Cf. Dicionário Houaiss: **selo** *s.m.* 7 *p.ext.* imposto que incide sobre certos documentos ou autos. 8 *p.met.* pequeno impresso a que se atribui um preço, destinado ao pagamento de impostos.

De acordo com o dicionário, tanto a palavra *tarifa* quanto a palavra *selo*, apresentam em seus conceitos uma idéia de “valor cobrado” por determinado serviço. Tanto o “selo” quanto a “tarifa” são condições valorativas para realizar algo. O primeiro, condição para enviar uma correspondência, o segundo, para solicitar um serviço, especialmente, público.

Trata-se, assim, nos dois casos, de “impostos” cobrados. Considerando que as duas palavras são semelhantes em suas partes conceituais, temos uma *metonímia*.

TATU: buraco no piso. (METÁFORA + METONÍMIA)

Cf. Dicionário Especial: **tatu 1:** nos presídios, preso que cava túnel para fuga em massa.

tatu 4: túnel.

Cf. Dicionário Houaiss: **tatu:** *s.m.* mamífero xenartro da fam. dos dasipodídeos, de corpo protegido por uma forte carapaça [são animais terrestres e onívoros].

Temos aqui uma metáfora na comparação entre o animal *tatu* que *cava buraco na terra* e entre o *sujeito-presos* que *cava buraco no chão*, que age como o animal.

A metonímia está presente na formação da gíria, já que o “buraco” é o resultado da ação praticada pelo tatu. Por contigüidade, chama-se o “buraco” de “tatu”.

VACILÃO: cinzeiro. (DERIVAÇÃO SUFIXAL)

Formação v. vacilar + *suf.* -ão = vacilão.

Cf. Lopes (2003) o sufixo -ão significa, neste caso, “ato ou efeito”. No caso, ato ou efeito de vacilar.

Cf. Dicionário Houaiss: **vacilar v. 1** *int.* balançar, oscilar por falta de firmeza.

Cf. Dicionário Especial: **vacilão 1** (RJ) bobo; **vacilão 2** (RJ) delator.

Cf. Dicionário Especial: **vacilar 1** bobear, errar, falhar; **vacilar 2** dar-se mal.

Obs.: Com os dados que dispomos não foi possível estabelecer nenhuma relação de semelhança entre a gíria *vacilão* e o significado atribuído pelo apenado *cinzeiro*.

LUGARES E OUTROS

ATIVA: fazer faxina na cela. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **ativa:** *s.f.* **3 B** exercício total ou parcial de uma atividade (“Apesar da idade avançada, continua na ativa”.)

Observa-se aqui, que a palavra “ativa”, apenas especifica o sentido trazido pelo dicionário de língua, que registra a palavra como sendo um regionalismo (*B*). Assim, fazer “faxina” na cela seria um tipo de exercício dentro da rotina carcerária.

BUCHICHO: confusão, briga, discussão. **(DICIONARIZADA)**

Cf. Dicionário Houaiss: *s.m. B infrm. m. q.* bochicho

Cf. Dicionário Houaiss: **bochicho:** *s.m. B infrm.* 1 aglomeração ruidosa de pessoas, esp. jovens, em áreas públicas, bares etc., como forma de lazer, agitação, agito, muvuca. 2 confusão, tumulto, muvuca.

Cf. Dicionário Especial: **bochicho** 1. *vide* bochincho, agitação, confusão. bochincho *vide* buchicho, agitação, confusão.

buchicho 2: *vide* buchicho, confusão

buxixo 2: *vide* buchicho, buchicho, confusão.

Como pudemos notar, a palavra “buchicho” já está registrada no dicionário como sinônimo de confusão, briga, muvuca etc., tornando desnecessário designar o uso da palavra como uma gíria.

CANTIGA-DE-GRILO: conversa cansativa. **(METÁFORA) (METONÍMIA)**

Cf. Dicionário Houaiss: **grilo:** *s.m.* 1 ENT desig. comum aos insetos ortópteros da fam. dos grilídeos, que ger. possuem coloração escura e se caracterizam por serem cantores bem conhecidos, produzindo som através do aparelho musical formado pelas nervuras das asas anteriores dos machos. 6 *B infrm.* pessoa aborrecida, sujeito intratável, amolante.

Por meio de metáfora, faz-se aqui uma analogia entre uma *cantiga de grilo* e uma *conversa cansativa*, pois o som emitido por qualquer um dos dois acontecimentos (tanto da conversa quanto do grilo) nos incomoda, é maçante, cansa.

Outra analogia possível é com relação ao “Grilo Falante” da história infantil *Pinóquio*. Na história há um “grilo falante” que é a própria consciência do boneco de madeira, que o guia durante toda a história. O Grilo lhe mostra o que é certo e o que é errado, e lhe dá conselhos de como deve se portar diante de certas situações. Nesse caso, há formação da gíria por meio de metonímia, em que há ampliação de sentido: grilo falante → cantiga-de-grilo.

DORMIR DE VALETE: dormir um pra cima e outro pra baixo. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Especial: **dormir de valetes:** entre presos, homens que dormem juntos em posição invertida. “Aqui na cela é o seguinte: dormir de valetes e não se esfregar no outro”.

Dormir conforme a representação da *carta de baralho valete* que é representada por um jovem homem. As cartas de baralho representam os seus naipes em posições invertidas, e, no caso da carta valete, dois homens invertidos.

Por meio de *metáfora*, dormir de valete (dois jovens homens invertidos) seria o mesmo que dormir em posições invertidas: um para cima, outro para baixo.

DORMIR DE ANJINHO: dormir no mesmo lado. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Especial: **anjinho 1:** pessoa boa

anjinho 2: pessoa bem intencionada, pura.

Cf. Dicionário Houaiss: **anjo:** 8 *fig.* pessoa extremamente boa, virtuosa ou inocente.

Em contraposição ao ato de “dormir de valete” temos a lexia “dormir de anjinho”.

Aqui, por meio de *metonímia*, há ampliação de sentido da palavra *anjinho* (forma no diminutivo, derivada de *anjo*), pois sendo um anjo uma pessoa extremamente inocente, pura, sem-maldades pode deitar-se ao lado de outra do mesmo sexo, ou de sexo oposto do mesmo lado, na mesma posição em que ela.

FITA DE 1000 GRAUS: coisa muito importante. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: ³**fita** *s.f.* ação ou fala que visa iludir, enganar ou impressionar; ostentação, manha, fingimento.

Cf. Dicionário Especial: **fita 1:** fingimento; **fita 2:** entre policiais, serviço; **fita 3:** no futebol, simulação de contusão.

Cf. Dicionário Especial: **Fita de mil graus:** (2004) (SP) coisa bem legal. “A festinha tava uma fita de mil graus”.

Cf. Dicionário Houaiss: **a mil:** muito animado, entusiasmadíssimo.

De acordo com os conceitos trazidos pelos dicionários, podemos depreender da lexia a idéia de *assunto interessante*. A indicação numérica aponta algo, no mínimo, importante, caso contrário, não comportaria um número tão alto como o 1000 (mil).

GOZOLÂNDIA: presídio tranqüilo. (METÁFORA)

Gozar + sufixo “lândia” (lugar, espaço)

Cf. Dicionário Houaiss: **gozar:** v. 1 *t.d., t.i. e pron.* possuir ou utilizar algo prazeroso ou salutar; desfrutar, fruir, aproveitar-se.

Cf. Dicionário Especial: **gozar 1:** divertir-se

Gozar 2: aproveitar

De acordo com Antônio José Sandmam, o “sufixo *-lândia*, é uma adaptação do alemão/inglês *Land/land* ‘terra, país’, semântica de muitos topônimos brasileiros: *Uberlândia, Romelão, Bragalândia*. Hoje, no entanto, a semântica é menos específica: o significado é ‘terra, lugar, loja etc.’”. (1991, p. 55)

Assim, *Gozolândia* seria lugar, ambiente em que se goza, se aproveita, se diverte, se sente bem. Metaforicamente, um presídio calmo, tranqüilo, sem grandes confusões seria como uma *Gozolândia*.

GROZA: palavras obscenas, palavrões. (ARCAÍSMO) (DICIONÁRIZADA)

Cf. Dicionário Houaiss: **grosa.** *s.f.* (s XIV Cf. Ficha/VPM) *ant.* 1 *m.q.* glosa. 2 comentário maldoso sobre outrem; maledicência.

Como podemos observar, os apenados fazem uso de um *arcaísmo: groza.*, já que esta palavra, em uma época anterior à atual, significava já um ‘comentário maldoso sobre outrem’, como por exemplo, um palavrão.

HORA DA TRANCA: horário de fechamento das celas. (METONÍMIA)

A *hora da tranca* é o momento de fechar as celas de colocar trancas nelas e, por extensão, é a ocasião de voltar para as celas.

HORA DO SOL: horário de abertura das celas. (METONÍMIA)

Em contraposição à *hora da tranca*, a *hora do sol* é o momento de abertura das trancas das portas das celas, período este em que o apenado sai de sua cela e vai para o pátio, e conseqüentemente, vê a luz do sol .

INCLUSÃO: local onde ficam depositados pertences e correspondências dos presos. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **inclusão** *s.f.* ato ou efeito de incluir(-se) **1** estado daquilo ou de quem está incluso, inscrito, inserido, metido, compreendido dentro de algo, ou envolvido, implicado em; introdução de uma coisa em outra, de alguém em um grupo etc.

Por analogia ao conceito “local em que se inclui, se coloca algo” temos a gíria *inclusão*, como sendo o local onde são depositados, (coisas) objetos ou pertences dos presos. Trata-se de uma formação por metonímia, já que o “ato de incluir” *inclusão*, denomina o local onde se inclui.

JACA: nádegas. (METÁFORA) (DICIONÁRIZADA)

Cf. Dicionário Houaiss: **7 p.ana.** (da acp.1) *B infrm. joc.* o conjunto das nádegas, esp. de mulher.

Cf. Dicionário Houaiss: **jaca** *s.f.* **1** ANGIOS fruto da jaqueira, um sincarpo freq. Enorme e pesado, ger. cilíndrico ou subgloboso, com casca feita de pequenos cones verde-pardacentos, depois amarelos, e gomos amarelados, viçosos e doces, envolvendo sementes grandes, tb. Comestíveis depois de assadas.

Cf. Dicionário Especial: **jaca:** nádegas. “A Noélia carrega uma grande jaca arrebitada”.

Aqui, o fruto da jaqueira a *jaca* está sendo comparado ao conjunto das *nádegas*, por meio de metáfora que ressalta partes semelhantes, como a forma, dos elementos comparados.

JOGAR AREIA: dizer mentira. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Especial: **jogar areia:** atrapalhar. “Jogaram areia nos meus planos”.

Cf. Dicionário Houaiss: (locução) **entrar areia em B infm. 1** surgir um imprevisto que dificulta ou impossibilita a realização de algo que foi desejado ou planejado.

Cf. Dicionário Aurélio: jogar [Do lat. *jocare*] 6. Dizer ou fazer brincadeira.

Trata-se de uma formação metonímica, pois ao contrário da metáfora, a metonímia “tem tendência de dar às palavras abstratas um significado concreto (Ullmann, 1964)”. Nesse sentido, a expressão “dizer mentira” (abstrata), pode, por meio de metonímia, ser associada a um ato (concreto) o de “jogar areia”.

LIGAR: chamar alguém. (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Houaiss: **ligar 2 t.d. bit.** pôr em contato (o que está separado); reunir, juntar.

Cf. Dicionário Especial: **ligar as pontas:** estabelecer contatos.

Neste caso, a gíria *ligar* apenas estende o significado emitido pelo conceito (chamar alguém), que significa também contactar alguém. Pelo fato de ampliar, ou estender o significado do verbo, trata-se aqui de uma *metonímia*.

MIAR: chorar, se lamentar, e reclamar por estar preso. (METÁFORA) (DICIONÁRIZADA)

Cf. Dicionário Houaiss: **miar: 3 v.int. B infm.** chorar baixinho; choramingar.

Cf. Dicionário Especial: **miada:** lamento. “Ela deu uma miada, chateada com a vida”.

A gíria *miar* não inova quanto ao significado que traz, pois conforme vimos no dicionário de língua, o v. *miar* já traz em seu verbete o mesmo significado expresso pela gíria. Diante disso trata-se apenas de sinônimos entre as palavras *miar* e *lamentar*.

MIGUELAGEM: fingir que está dormindo. (METÁFORA)/ (METONÍMIA)

Cf. Dicionário Especial: **miguela:** sovina.

Apesar de muito conhecidas entre os “falares jovens”, as palavras *miguelar*, *miguelando*, *miguelagem*, ou como a lexia “*dar um miguê*”, ainda não constam nos dicionários de língua.

Em um site criado por moradores do bairro do Capão Redondo (Zona Sul da Capital paulistana), e por internautas, há alguns registros dessas unidades léxicas:

Miguelagem:

Não é bom de negócio.

“Esse cara é maior miguelão”.

Miguelando:

Ato de limitar algo ou substância.

“Aí a tiazinha do hot dog tá miguelando a batatinha!”²⁸

Com relação à sua formação, podemos dizer, que existe uma possibilidade de a expressão “dar um migué”, ter surgido a partir de “dar uma de Miguel”. Daí, podemos depreender o seguinte:

- 1) O nome Miguel significa: nome bíblico “igual a Deus”;
- 2) Origina-se do *hebraico* e significa “aquele que é parecido com o Senhor”²⁹.

Neste segundo caso, trata-se de uma metonímia, pois, uma ação (a de fingir, se parecer) ou um acontecimento, pode ser transferido para qualquer coisa que o preceda ou siga imediatamente. Miguel se parecia com alguém, logo a ação de se parecer ou de fingir ser alguém será chamada de “miguelagem”.

Com isso, a hipótese a ser inferida é a de que “dar uma de Miguel” é parecer com alguém ou algo, mas não ser propriamente, i.e, aparentar, fingir. Assim faz sentido a expressão utilizada pelos apenados: “fingir que está dormindo”, “fingir algo” = *miguelagem*.

MISSÃO: realizar algo que lhe mandam ou que é de sua obrigação. **(DICIONÁRIZADA)**

Cf. Dicionário Houaiss: **missão** *s.f.* **1** incumbência que alguém deve executar a pedido ou por ordem de outrem; encargo. **3** dever a cumprir; obrigação.

²⁸ Todo o conteúdo do portal www.capao.com.br é alimentado por moradores e internautas. As opiniões expressas são de inteira responsabilidade dos autores.
<http://www.capao.com.br/diaeto.asp?letra=M>

²⁹ http://nomes.netsaber.com.br/ver_nome.php?c=4256

Como podemos notar, o dicionário de língua já registra o significado expresso pela gíria *missão*. Observamos assim que o conceito atribuído à palavra *missão* pelos apenados é, basicamente, o mesmo que consta hoje nos dicionários. Não se trata propriamente de uma gíria, mas de uma unidade léxica/palavra usada de forma literal, ou denotativamente.

PELADA: jogar futebol. (DICIONÁRIZADA)

Cf. Dicionário Houaiss: **pelada** *s.f.* FUTB **1** jogo de futebol entre amadores em campo improvisado e sem uniforme. **2 p.ext.** partida mal jogada. (locução) **bater uma p.** FUTB **B** disputar uma pelada.

Cf. Dicionário Especial: **pelada 3:** jogo de futebol.

pelada 4: no futebol, jogo ruim.

Como no caso anterior, o dicionário de língua, assim como o de gírias, já registra a palavra *pelada*, como um sinônimo de “jogo de futebol”, trata-se pois, de um uso comum da palavra *pelada* no sentido de *jogo de futebol*.

PIÃO: andar. (METÁFORA)

Sabemos que o movimento que o pião faz é circular, giratório. Compara-se, aqui, portanto, o *movimento do pião* com o movimento de *andar do preso*, que se desloca em um espaço limitado, como em um círculo.

PONTE: enviar algo de uma cela para outra. (METÁFORA)

Cf. Dicionário Houaiss: **ponte** *s.f.* **2 p.ext.** qualquer estrutura que liga duas partes homólogas. **3 fig.** qualquer elemento que estabelece ligação entre pessoas ou coisas.

Metaforicamente, *fazer uma ponte* seria enviar (transportar, carregar, levar) algo de um ponto (local, lugar) ao outro, o que se assemelha à ação do apenado quando envia algo de uma cela à outra.

QUIACA: confusão, briga, discussão. (FORMAÇÃO POR PREFIXAÇÃO)

(Cf. Dicionário Houaiss: **quilelê** *s.m. B infrm. m.q.* quelele . SIN/VAR ver sinonímia de confusão e mexerico.

Cf. Dicionário Houaiss: **qüiproquó** *s.m. 2 p.ext.* engano, erro que consiste tomar-se uma coisa por outra; equívoco. **3 p.met.** a confusão criada por esse engano.

Cf. Dicionário Houaiss: **quizila** *s.f. 1* aversão espontânea, irracional, gratuita por (alguém ou algo); antipatia, inimizade. **3** conflito de interesses; briga, rixa, pendência.

Cf. Dicionário Especial: **quizumba**: confusão; **quizila**: confusão; **quiprocó**: confusão.

Na música já citada nesta pesquisa, “Diário de um Detento” aparece a gíria **quiaca** significando confusão:

“Alguns companheiros têm a mente mais fraca./ Não suportam o tédio e arruma quiaca”.

(Diário de um detento, Racionais MC’s)

Como observamos, é considerável o número de palavras que significam confusão e que começam com qui-. Tal coincidência, não é por acaso, pois o falante de português tende a perceber, intuitivamente o funcionamento da língua, e como ser atuante no processo de comunicação, cria palavras cabíveis ao sistema, como, por exemplo, *quiaca* significando *confusão*.

RADIAL: trajeto do raio para o trabalho, escola etc. (Ver “raio”) (**METONÍMIA**)

Cf. Dicionário Houaiss: **radial** *adj.2g. 1* relativo a raio. **3** que se estende ou se move de um ponto central para fora; disposto em raios.

A palavra *radial* é cognata da palavra *raio*. Ao denominar o *caminho percorrido* da cela a outros locais dentro da prisão de *radial*, está ampliando o sentido da palavra. Como veremos em seguida, raio é um dos vários corredores de uma penitenciária, que juntos levam os apenados aos mesmos pontos, locais. Trata-se, portanto, de um processo *metonímico* em que *radial* é a ação de *andar pelos raios*. A metáfora está presente entre *raio* e *corredor*. Retas que se convergem em mesmos pontos (raio e corredor).

RAIO: divisão de uma penitenciária, corredor. (**METÁFORA**)

Cf. Dicionário Houaiss: **raio** *s.m.* **3** GEOM segmento de reta que liga o centro de um círculo ou esfera a um ponto qualquer desse círculo ou esfera. **4** *p.ana.* elemento que diverge a partir de um centro. **6** distância que vai de um ponto central à periferia.

Temos aqui um processo metafórico, em que o conceito de *raio* assemelha-se ao de *corredor*. Os dois conceitos apresentam pontos comuns, como ambos serem segmentos de reta.

SALVE: tipo de saudação. (GÍRIA DICIONARIZADA) (INTERJEIÇÃO)

Cf. Dicionário Houaiss: **salve** *interj.* expressa saudação ou cumprimento.

Como nos mostra o dicionário de língua, a palavra *salve* é uma interjeição que (cf. Gram...) já faz parte do uso comum, dispensando o registro de *gíria*.

SONO BAIANO: cochilo, tirar um cochilo. (METONÍMIA)

Há por trás desta *gíria*, a idéia de que o povo baiano é culturalmente preguiçoso e esta idéia, segundo a antropóloga Elisete Zanlorenzi (1998), presente em sua tese de doutorado, *O Mito da Preguiça Baiana*, apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, é falsa. Nessa tese, a pesquisadora desvendou as origens deste mito. Assim, associar a idéia do baiano à preguiça, trata-se de desconhecimento ou ainda de pré-conceito.

A tese da antropóloga nos ajuda a analisar a *gíria* “sono baiano” na medida em que consideramos o valor embutido nela, o de ser o baiano um homem preguiçoso, fatigado, cansado e por tal motivo, que deve dormir muito, tirar muitos cochilos. Assim, o “sono do baiano” é aquele sono calmo, tranqüilo, ao longo do dia. O sujeito que “tira um sono baiano” pode passar o dia todo cochilando, adormecendo, “tirando uma soneca”, sem ter muito o que fazer, como é o caso de um indivíduo encarcerado.

Nesse sentido, a formação da *lexia* “sono baiano” se dá por meio de metonímia, já que o conceito de “sono de um baiano” amplia-se para uma “soneca”, “cochilo”.

Cf. Dicionário Houaiss: **soneca** *s.f. infrm.* 1 pequeno sono; breve espaço de tempo que se passa dormindo; cochilo, sonata.

TRAMPO: trabalhar. (REDUÇÃO) (PALAVRA DICIONARIZADA)

Cf. Dicionário Houaiss: **trampo** *s.m.* SP *infirm.* 1 trabalho, serviço, atividade.

Esta gíria utilizada pelos sujeitos-presos já é bastante popular, e se encontra dicionarizada com a mesma acepção dada por eles, por tal motivo, dispensa-se o registro de *gíria*. A palavra “trabalho” pode ter sido reduzida pelo falante para “trampo”, como forma de economia lingüística e/ou de facilitar sua articulação.

3ª. Etapa: Indicação ou mostra dos processos semânticos ou lingüísticos mais utilizados nas formações gírias:

Conforme Ullmann, “a estrutura básica da metáfora é muito simples. Há sempre dois termos presentes: a coisa de que falamos e aquilo com que a estamos a comparar” (1966: 442). É justamente com base na categorização feita pelo semanticista, que identificamos as metáforas mais usadas pelos apenados:

- Metáforas antropomórficas (nomenclatura de Ullmann):
 - a) Partes do corpo recebem nomes de animais, de objetos inanimados ou de outros;
Ex: jaca.
 - b) Um ser humano é comparado a um objeto, instrumento, aparelhos etc;
Ex: bola-de-meia, isqueiro, pára-quedas, pé-de-breque, radar, pé-de-pano.
 - c) Um ser humano é comparado a um alimento;
Ex: laranja e pipoca.
 - d) Um ser humano é comparado a uma profissão;
Ex: madeireiro.
 - e) Uma característica humana é comparada a um número;
Ex: 13 (Artigo 13).
- Metáforas animais (nomenclatura utilizada por Ullmann):

a) Objetos inanimados, instrumentos, máquinas e partes das máquinas recebem nomes de animais;

Ex: burra, jega, coruja, dragão, papagaio, perereca.

b) Um ser humano é comparado a um animal (“onde pode vir a adquirir significações humorísticas, irônicas, pejorativas ou até grotescas”, Cf. Ullmann, p.447).

Ex: cobra-d’água, cururu, lagarto, lince, mosca-de-boi, onça, passarinho, piolho, pitbul, zóio-de-lula.

c) Um ser humano pode comportar-se como um animal;

Ex: miar, cantiga-de-grilo.

- Metáfora dos alimentos:

a) Alimentos designam alimentos:

Ex: água-com-bolinhas.

b) Objetos que designam alimentos:

Ex: granada, pneu-de-jipe,

c) Minerais, substâncias químicas, de origem vegetal ou animal que designam alimentos:

Ex: areia, graxa, veneninho.

d) Vegetação que designam alimentos:

Ex: mato.

e) Partes do corpo que designam alimentos:

Ex: zóião.

f) Ações que designam alimentos::

Ex: recortado e subidinha.

g) Lugares que designam alimentos::

Ex: marrocos.

- Metáforas dos objetos:
 - a) Letras que designam objetos:
Ex: “j” (jota).
 - b) Uma parte do corpo humano ou animal que designam objetos:
Ex: boca-suja, sangue-de-boi.
 - c) Objetos, ferramentas, utensílios que designam objetos:
Ex: cartucho, giz, leque, machadão, paleta, pipa.
 - d) Personagens que designam objetos:
Ex: Highlander.
 - e) Lugares, espaços ou ambientes que designam objetos:
Ex: morumbi, praia.
 - f) Espaços que designam outros espaços, objetos, e outros:
Ex: Gozolândia, raio.

- Metáfora das ações:
 - a) Animais que designam ações:
Ex: tatu.
 - b) Objetos, construções que designam ações:
Ex: pião, ponte.
 - c) Ações/posições que designam ações:
Ex: “dormir de valete”.
 - d) Outras ações:
Ex: miguelagem, “fita de 1000 graus”.

No que concerne às *metonímias* temos, de acordo com Ullmann (1964) que:

a) Algumas transferências metonímicas baseiam-se em relações *espaciais* (entre partes contíguas sem quaisquer fronteiras bem marcadas entre elas).

Ex: bandeco, paleta, bóia, bonde, campana, tarifa, boi, barba-de-bode, cantiga-de-grilo

b) Algumas metonímias se baseiam em relações *temporais* (o nome de uma ação ou de um acontecimento pode ser transferido para qualquer coisa que o preceda ou siga imediatamente).

Ex: bate-cinza, ativa, dormir de anjinho, hora da tranca, hora do sol, inclusão, ligar, radial, sono baiano, miguelagem.

c) Algumas designam a parte pelo todo/ todo pela parte;

Ex: boi-ralado, galletos, guloseimas, tela.

d) A marca pelo produto;

Ex: bic, móca, mac laren.

e) Alimentos e bebidas pelo seu lugar de origem;

Ex: móca.

f) Algumas metonímias dão às palavras abstratas um significado concreto: o nome de uma ação designará o seu resultado, nome de uma qualidade, designa a pessoa ou o objeto que a exhibe.

Ex: ligar, jogar areia, bandoleiro, correria, ramelão, talarico, atrasa-lado, lado a lado, sangue-bom, simpático, tanga-frouxa, xerife, forest gump, mãe dinah, zé povinho.

- O usuário recebe o nome do objeto que usa;

Ex: highlander

- Alimentos que designam quem os consomem;

Ex: coxinha, pão-com-manteiga.

- O consumidor pelo o que se consome;

Ex: macaca.

Com relação aos processos lingüísticos presentes nas composições gírias, apresentamos abaixo, alguns deles, menos expressivos em nosso trabalho:

- a) Hiperonímias:
Ex: boi-ralado, guloseimas
- b) Hiponímias:
Ex: galletos
- c) Reduções:
Ex: “x”, latrô, tela, pacú, trampo
- d) Arcaísmos:
Ex: groza, missiva
- e) Onomatopéias:
Ex: biri-biri, cururu
- f) Processos metalingüísticos:
Ex: “9 letras”
- g) Vícios de linguagem:
Ex: mundrongo, Jack
- h) Ironias:
Ex: galletos
- i) Siglas:
Ex: pão com manteiga
- j) Interjeições:
Ex: salve

É importante notar que algumas gírias analisadas não tiveram os *nomes* de seus processos de composição indicados. Isso porque não foi possível estabelecer, com base na proposta que apresentamos inicialmente (que tais gírias apresentariam suas composições baseadas em indícios presentes no contexto carcerário), nenhuma relação de semelhança (visível) entre a gíria e seu conceito ou referente naquele contexto. Para tanto, foram consultados variados dicionários, mas que não deram suporte à análise.

São elas:

Soviético = homossexual

Moleque = homossexual

Vacilão = cinzeiro

Jogar areia = dizer mentira

Observação: O número dos processos lingüísticos analisados excede o número de gírias porque há algumas unidades léxicas que apresentam mais de um processo de formação, dependendo do enfoque dado à análise.

A análise acima demonstra que a maior parte das gírias é formada a partir de processos *metafóricos*. Há, na estrutura básica da metáfora, sempre dois elementos, o que falamos e o que estamos a comparar. De acordo com o Dr. Richards, “o primeiro é o *teor*, o segundo o *veículo*, enquanto que o traço ou traços que têm em comum constituem o *fundamento* da metáfora”³⁰. Quando *(re)inventadas* por meio de metáfora, as palavras *novas* perdem sua função criptológica e passam, então, a serem formadas por processos da língua e por esse motivo, facilmente “descobertas”.

Assim, motivados pelo contexto que os circundam, os apenados formam também gírias “claras” e não apenas “obscuras”, i.e, passíveis de compreensão, mesmo por aqueles que não estão presentes nesse ambiente, mas que ao menos o pressupõe.

Esse processo de formação de palavras – gírias – por meio de associação de elementos revela que os procedimentos de formação dessas gírias são os mesmos encontrados nas formações de palavras da nossa língua. A gíria prisional, por ter sido *motivada* pelo ambiente carcerário, tende a designar “coisas negativas”, um ambiente “triste”, “ruim”, já que nomeiam aquilo que os presos sentem, o que vêem, e como vêem, as pessoas, os objetos e tudo o que tiver relação com o universo prisional. Assim, como todo falante da língua, o preso cria palavras, ou seja, gírias, que contribuem para inovar ou renovar o léxico.

4ª. Etapa:

Indicação das gírias registradas em dicionário de língua ou em especiais;

Com base nas análises realizadas no *corpus* com o apoio dos dicionários: o de Língua e o Especial (*Houaiss* e o *Dicionário de Gírias*) nota-se que algumas das gírias faladas pelos presos são também conhecidas fora do âmbito prisional. Como, por exemplo, a gíria *trampo* que já dicionarizada significa “trabalho”, tanto para os presos quanto no dicionário de língua, i.e, para a maioria dos falantes da língua.

³⁰ (Dr. Richards *apud* Ullmann, p.442-443, 1964)

Com a ajuda dos meios de comunicação: impressos, televisivos e radiofônicos, a gíria entra nos presídios e lá pode ser modificada ou mesmo conservada (tanto no plano mórfico quanto semântico) por seus falantes. Diante disso, podemos apresentar um quadro com as gírias já dicionarizadas.

É importante destacar, que essas gírias estão registradas com conceitos próximos ou idênticos aos dados pelos apenados.

Dicionário de Língua (DL) e Dicionário Especial (gírias) (DE)

MISERÊ(DL/DE) / LADO A LADO(DL) / LARANJA(DL/DE) / LINCE(DL) / SINTONIA (DL/DE) / BÓIA(DL/DE) / GALETOS(DL) / GULOSEIMAS(DL) / MOCA(DL) / MISSIVA (DL) / PALETA(DL) / PAPAGAIO(DL/DE) / PERERECA(DE) / XERIFE(DL) / PIPA(DL) / TARIFA(DL) / DORMIR DE VALETE(DE) / ATIVA(DL) / BUCHICHO(DL/DE) / FITA DE MIL GRAUS(DE) / GROZA(DL) / JACA(DL/DE) / MIAR(DL/DE) / MISSÃO(DL) / PELADA(DL/DE) / SALVE(DL) / TRAMPO(DL)/ MISSÃO(DL)

De um total de 121 gírias, 27 estão dicionarizadas.

Observamos acima que há uma vulgarização das gírias, i.e., elas circulam entre a linguagem de grupo e a linguagem comum/coletiva, perdendo assim o seu caráter secreto, criptológico, agressivo, desgastando o seu significado.

Sobre isso acrescentamos Guiraud:

Après la vulgarisation du vocabulaire de la pègre, nous sommes en train d'assister à celle des procédés hérités de la fonction cryptologique.[...] Il est clair que les mots qui nous parviennent et que les dictionnaires enregistrent ont généralement cessé d'être secrets ; il est évident, par ailleurs, que les mots d'origine secrète ne constituent qu'une faible minorité du langage de l'argotier ; la fonction cryptologique de l'argot est donc très restreint et les linguistes sont fondés, sinon à l'ignorer, du moins à la ramener à de justes limites ; mais par un double transfert, à la fois sémantique et morphologique (transfert des mots déjà créés à des fins secrètes et transfert des procédés de création secrète), elle assure un fonction stylistique essentielle – je veux dire que constitue l'essence de l'argot. (1976, p. 102)³¹

³¹ Após a vulgarização do vocabulário “de la pègre”[oriunda de Marselha, refere-se à gíria dos ladrões do cais e que são considerados como fazendo parte de um tipo de classe social], observamos os procedimentos herdados da função criptológica [...]

É claro que as palavras que chegam até nós e que os dicionários registram têm geralmente deixado de ser secretas; é evidente, por outro lado, que as palavras de origem secreta só constituem uma pequena minoria da

De acordo com Pierre Guiraud as palavras de origem “secreta” constituem apenas uma parcela das palavras utilizadas pelo falante de gírias. As demais são palavras comuns, claras, compostas a partir de palavras ou partes destas da própria língua. Assim, quando uma palavra se torna clara, o falante de gírias a conserva como um “signo”. Há, conforme Guiraud, uma *transferência da função semântica*, a palavra secreta assume o valor de um signo estilístico. Observa-se então que “esta transferência se generaliza: uma vez reconhecida a possibilidade de obter palavras significativas a partir de palavras secretas, podemos formá-las por meio dos procedimentos de criação criptológico, mesmo que sem intenção secreta” (*op.cit.*).

É sabido que as palavras dicionarizadas deixam de ser secretas, esta afirmação nos parece óbvia. Todavia, o que nos interessa, aqui, é mencionar que algumas saem com mais facilidade do que outras. Há algo relacionado à carga semântica que adquirem as palavras em meio ao lugar e situação em que são proferidas.

As palavras dicionarizadas são palavras que atingiram um alcance considerável, no que concerne à linguagem oral. Como já dito, a palavra se vulgariza, ganha evidência, começa a fazer parte do léxico individual de muitas pessoas até ser conhecida, por grande parte dos falantes da língua. Quando se vulgariza, a gíria se desgasta, o falante esquece que está usando gíria. Nesse ponto ela perde o rótulo de gíria e entra para o dicionário como entrada, ou integrando definições de outras entradas como sinônimos dessas.

Nesse sentido, as palavras sem intenção secreta, como as que presenciamos no corpus gírio, circulam com mais facilidade entre os registros de fala de fora e os dentro da penitenciária.

linguagem do “argotier”; a função criptológica da gíria é pois muito restrita e os lingüistas estão sujeitos, se não a ignorarem, ao menos a restabelecer seus limites; mas por uma dupla transferência, às vezes semântica e morfológica (transferência de palavras já criadas com fins secretos e transferência de procedimentos de criação secretos), ela assegura uma função estilística essencial – quero dizer que constitui a essência da gíria. (Tradução e comentário a respeito de “la pègre” nossos)

CAPÍTULO 6.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi possível observar, o trabalho mostra-se importante pelo estudo no âmbito léxico-semântico e social, ambos ancorados no léxico gírio e nos sujeitos aqui destacados, os presos.

Do ponto de vista lingüístico, trata-se de um rico material (em termos de léxico) de significação e de variação e, por tal motivo, pode servir de objeto de análise para variadas disciplinas da Lingüística: Lexicologia, Lexicografia, Semântica Lexical, Sociolingüística e mesmo de outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a Sociologia, a Psicologia etc.

Do ponto de vista social, a gíria mostrou ser um “escapismo” à realidade carcerária. As gírias “evocam” uma realidade diferente da cotidiana colocada pela instituição penitenciária, “maquiando” as dificuldades encontradas no dia-a-dia do preso, decorrentes do confinamento.

Em termos de léxico, pudemos observar um conjunto de palavras, de fácil compreensão, “palavras claras”, tanto no que se refere à sua formação quanto ao sentido que expressam naquele ambiente. Essas gírias simples estão representadas e agrupadas em campos lexicais comuns, cujos temas retomam características usuais: nomes, alimentos ou refeições, lugares e objetos, i.e, coisas e valores extraídos do ambiente carcerário.

São, na sua maioria, palavras formadas a partir de comparações entre elementos presentes no próprio ambiente penal, e são criadas ou recriadas; criadas, i.e, palavras que não existiam no léxico, como por exemplo: “biri-biri”, mundrongo, latrô, pacú, miguelagem, quiaca etc, além das lexias, “bate-cinza”, “Forest Gump”; recriadas são as outras unidades léxicas que foram apenas (re)inventadas, como é caso da maioria das gírias, que adquiriram um novo sentido, formadas por metáforas: “lince”, “cobra-d’água” etc, e metonímias “atrasalado”, “bic” etc, por exemplo.

O trabalho destaca que a maioria das gírias são *formadas* por meio de *metáforas* (analisadas segundo os princípios teóricos utilizados por Stephen Ullmann, 1964) e pode servir como um apoio no estudo dessa figura, analisada como recurso lingüístico expressivo/estilístico, ou natural, inerente ao pensamento.

Em termos de significação, notamos que grande parte das gírias formadas pelos presos é *lúgubre*³², i.e, são palavras que representam um ambiente negativo, ruim, triste, que, por assim serem, simbolizam o próprio ambiente em que vivem: a sua rotina, o que lhes é servido, como esse ambiente é visto por eles etc.

Assim, ao compararmos a palavra "(re)criada" pelo preso – a gíria – ao significado que ela adquiriu no meio prisional, pudemos sugerir o tipo de associação semântica utilizada na escolha e/ou na criação dessa linguagem, já que a designação e seu conceito mantêm entre si uma relação inseparável. Assim, para criar novas gírias, o homem, enquanto falante ativo e criativo da língua, de forma natural, estabelece relação entre palavras, ou entre parte delas, ou ainda entre seus conceitos.

Observa-se, neste trabalho, que o falante criou novas palavras por meio de associações metafóricas, metonímicas, hiperonímicas etc.; de mudanças de sentido, por meio de composições de palavras ou de formas mínimas que contêm significado, presentes na língua:

« L'argotier forme ses mots comme un chacun : sur les mots simples il crée de nouveaux vocables par compositions ou dérivations ; il opère des changements de sens ; il emprunte soit aux langues étrangères, soit aux dialectes, soit aux différents langages techniques. Mais ce divers modes de formations dont la langue dispose sont moins ceux de la langue académique codifiée par les grammaires et les dictionnaires que ceux de la langue du peuple, dont il est au milieu duquel il vit ». (GUIRAUD, 1976, 55)³³

Dessa maneira, é possível mencionar que os critérios de escolha, bem como o uso dessas gírias, decorreram do próprio ambiente. A gíria resulta de esforço de adaptação do preso ao ambiente penal, assim, pode-se dizer que o que determinou seu uso foi a necessidade de se adequar a esse ambiente.

³² Termo utilizado por Dino Preti em Congresso (2007) para se referir às gírias prisionais.

³³ O *argotier* forma cada uma das suas palavras: sobre palavras simples ele cria novos vocábulos por composições ou derivações; ele opera mudanças de sentido, ele pede emprestado, seja das línguas estrangeiras, seja dos dialetos, seja das diferentes linguagens técnicas. Mas esses diversos modos de formações do quais a língua dispõe referem-se mais à língua do povo e ao meio em que vivem do que à língua acadêmica, codificada pelas gramáticas e dicionários. (Tradução nossa).

Diante disso, o que possivelmente gerou a forma da gíria foi uma associação de significados entre a designação e o conceito atribuídos às gírias, motivada pela forma, sentido, pronúncia etc. Foi o caso, por exemplo, em que mostramos acima, com a gíria “giz” (designação), que no contexto prisional significa “cigarro” (conceito/palavra equivalente). Observa-se, dessa maneira, uma associação feita entre a forma, a cor, o tamanho do “cigarro” e as mesmas propriedades do “giz”. Essa gíria, formada metaforicamente, se dilui no discurso coloquial do apenado e pode, dependendo da intenção comunicativa do falante em relação ao seu ouvinte, vir a representar uma metáfora, ou qualquer outra figura da linguagem:

— *Tem um giz? Acabaram os meus e não posso mais escrever na lousa.*

Neste contexto, a palavra “giz” significa cigarro e a expressão “não posso mais escrever na lousa” significa “não posso mais fumar”. Teríamos assim um enunciado difícil de ser compreendido fora do ambiente prisional, i.e, ele faria sentido somente no contexto carcerário.

Noutro caso, pode simplesmente, se diluir no discurso e ser facilmente compreendida:

— *Tem um giz aí? Estou louco para fumar.*

Neste contexto, a gíria “giz” significa ainda “cigarro” e nesse enunciado, pode ser entendida mesmo por aqueles que estão além do ambiente carcerário, comprovando que a gíria se dissolve no falar e se configura no discurso, como qualquer outra unidade léxica.

No que concerne à Lexicografia, ainda são poucas as obras que versam sobre gírias, e mais especificamente, sobre gírias prisionais. Assim, o ideal é que existisse uma prática lexicográfica fundamentada numa teoria lexical e com critérios científicos. Um dicionário de gírias, elaborado adequadamente, facilitaria o acesso a esses termos e promoveria ainda mais um tratamento adequado a essa unidade do léxico.

Em termos de variação, podemos notar que há um movimento das gírias entre o grupo dos presos e a massa de falantes em geral. Tal evidência se comprova com o registro dos termos no dicionário de língua e no especial. Verificamos que a gíria vulgariza-se através de parentes, amigos e mesmo funcionários desses estabelecimentos penais e, de acordo com as mudanças pelas quais a língua passa, cada palavra ou expressão pode ser conservada, no seu sentido, pronúncia e forma, ou modificada nessas mesmas características. Foi o caso, por exemplo, da gíria “missiva” que significa “carta”, no contexto carcerário atual. Os apenados trouxeram para o uso atual, um sinônimo, que há algum tempo deixou de ser utilizado, sob o registro de gíria. Não pode, no entanto, ser considerada um “arcaísmo”, mas, conforme

Guiraud (1976), trata-se também de uma das leis de formação das gírias: *la résurgence et le retour de formes argotiques archaïques ou tombées pour un temps en désuétude*.³⁴ (GUIRAUD, 1976, p. 107)

A necessidade de recuperar um elemento da língua outrora utilizado, para que hoje passe a ser o meio adequado para se expressar e para representar o que desejamos, é também um dos variados motivos para se utilizar as gírias, seja em contextos mais formais ou não.

É importante mencionar que essas gírias, assim como outros registros “populares, ou familiares”, afetam, prioritariamente, a fala e podem interferir, posteriormente, na escrita.

De acordo com Dino Pretti, “a gíria, em certos momentos, pode tornar-se o vocabulário ideal para a expressão de certos estados afetivos” (1984, p.8). Nesse sentido, mais que uma das formas lingüísticas disponíveis no acervo lexical da língua, a gíria é também uma linguagem que “carrega o sentimento de libertação do preso”. Através da gíria o sujeito-presos veicula seus sentimentos e desejos que são limitados diante da Instituição.

De acordo com Guiraud (1976), as gírias são como um tipo de “signo que colore o cotidiano” do apenado, que o transforma, que lhe dá sentido.

*L'argot peut être aussi signum de caste, affirmation d'une différence et d'une supériorité et il envahit alors et colore tout le langage quotidien ; c'est le cas des argots de guerre et plus particulièrement celui des argots des malfaiteurs*³⁵. (GUIRAUD, 1976, 104-105)

É interessante notar que a gíria é a unidade léxica ideal para se expressarem, embora a sociedade ainda hesite em considerar a gíria a gíria como variedade do léxico ideal para determinados contextos. Na obra “Preconceito lingüístico – O que é, como se faz ” o autor Marcos Bagno, discute dentre outros assuntos, o “mito de que a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”. Essa afirmação apenas coopera para aumentar o preconceito que existe entre as variedades não-padrão do português, como por exemplo, as gírias. Sobre esse “mito” nos diz Bagno (2007)

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um *alto grau de diversidade e de variabilidade*, não só por causa da grande extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais bastante conhecidas e

³⁴ “...a recorrência e a volta de formas gírias arcaicas ou que caíram por terem estado um tempo em desuso”. (Tradução nossa).

³⁵ A gíria pode ser também signo de casta, afirmação de uma diferença e de uma superioridade e ela invade e colore toda a linguagem cotidiana; é o caso das gírias de guerra e mais particularmente aquela dos malfaitores. (Tradução nossa).

também vítimas, algumas delas, de muito preconceito -, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo. (BAGNO, 2007, p.16)

É preciso notar que o país apresenta uma diversidade lingüística muito grande e que as variedades não-padrão *convivem* com a padrão e é justamente o fato de existir essa variedade, que, hoje, não falamos a língua portuguesa que falávamos enquanto ainda éramos colônia de Portugal. O “mito” de que há uma unidade do português no Brasil corrobora ainda mais para aumentar o preconceito contra os falantes das variedades não-padrão, e os falantes de gírias são apenas alguns deles.

Sabemos que à linguagem atribuímos parte de nossos desejos e motivações individuais ou coletivas que se ajustam com circunstâncias situacionais, sociais e históricas, resultando, assim, em freqüentes alterações de sentido entre as palavras. Essas mudanças na linguagem gíria resultam, por sua vez, em uma melhor adequação às normas e aos procedimentos do processo de reabilitação penal. De acordo com Marques (2003) temos que:

Numa dada comunidade, circunstâncias históricas individuais ou coletivas se tornam, em determinado momento, os focos de atração e de expansão afetiva, dos quais se originam motivações psíquicas que de um lado, produzem inovações e criações vocabulares que caracterizam as alterações semânticas e, de outro lado, permitem apreender os centros de interesse afetivo, intelectual e moral daquela comunidade, num dado momento de sua história. (MARQUES, 2003, p. 36)

Conforme José Costa (2002): “Os presos normatizaram um falar para se comunicarem, atribuindo sentidos às palavras e expressões por eles ‘(re) criadas’. Nesse sentido, avaliar tal comunicação de forma negativa seria mais uma forma de preconceito contra os apenados”. (COSTA, 2002, p.10).

A gíria, como já dissemos anteriormente, é uma das opções do léxico português, uma de suas variedades e, assim como outras unidades lexicais, deve se adequar à situação de uso e à intenção do falante em relação ao seu ouvinte. Conforme Bagno (2007),

Algumas pessoas me dizem que a eliminação da noção de *erro* dará a entender que, em termos de língua, *vale tudo*. Não é bem assim. Na verdade, em termos de língua, *tudo vale* alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores. Falar gíria vale? Claro que vale: no lugar certo, no contexto adequado, com as pessoas certas. E usar palavrão? A mesma coisa.

(BARGNO, 2007, p.129) (*grifo meu*).

Acreditamos, a partir deste trabalho, ter contribuído para desmistificar alguns preconceitos e equívocos relacionados à gíria, seu uso e seus falantes, e também ter colaborado para modificar o fato de que, hoje, a variante “gíria” é pouco estudada.

Esta pesquisa revelou que a criação dessa linguagem por parte dos apenados presta-se mais a uma necessidade induzida pelo meio carcerário (relacionada à própria sobrevivência, adaptação ou até mesmo melhoria desse ambiente) do que à manipulação ou infração às austeras normas e condutas prescritas pela Instituição “Prisão”, como sugerem os funcionários penitenciários, policiais e grande parte da sociedade.

O fato de a gíria ser uma resposta direta às regras da instituição, ou de se opor a ela, não significa dizer que os presos quebram ou tentam modificar tais regras que lhes são impostas, mas sim que a gíria lhes proporciona uma nova realidade e contribui para que melhor se adaptem à Instituição. E ainda, mais do que uma “linguagem especial”, a gíria é mais uma unidade lexical a ser analisada tanto na sua forma quanto no que se refere ao seu significado.

Espera-se, por fim, que este trabalho tenha sido apenas um “desencadeador” de novos estudos, que ele, ao chamar a atenção para a relevância de uma pesquisa dessa natureza, motive a elaboração de outras que tomem a gíria como objeto de estudo e que explorem mais cada uma das áreas da Lingüística que levantamos aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, T. M. *Considerações sobre o campo da sociolinguística*. In: Eleonora Cavalcante Albano; Tânia Maria Alkmim; Sírio Possenti; Maria Irma Hadler Coudry. (Org.). Saudades da Língua. 1ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2003, v. 1, p. 593-603.

BARROS, L.A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BIDERMAN, M.T.C. *Dimensões da palavra. Filologia e linguística portuguesa*. São Paulo: Humanitas, n.2, p. 81-118, 1998.

_____. *Teoria linguística: teoria léxica e linguística computacional*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOUTIN – QUESNEL, R. *et al. Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec, Publications du Québec, 1985. (Cahiers de l'Office de la Langue Française).

CABELLO, Ana Rosa Gomes. *Gíria: vulgarização de um signo de grupo? (estudos a partir de contos de João Antônio)*. Tese de Doutorado. FCL – UNESP – Assis, 1989.

CHEEVER, John. *Sobrevivendo na prisão*. Tradução: Sérgio Viotti. São Paulo: ARX, 2005

COSTA, J. Linguagem própria dos presos é objeto de estudo. *O Liberal*, Caderno de Atualidades, Polícia (13/01/02), Disponível em <http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=69>, acesso em 26/08/05.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Século XXI. O dicionário da língua portuguesa. Escolar*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002.

FOCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Trad. Lígia M. Ponde Vassallo, 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GECKELER, H. *Semántica estructural y teoria del campo léxico*. Madrid: Gredos, 1971.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Debates. Trad. Dante Moreira Leite, 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GUIRAUD, Pierre. *L'argot. Que sais je?* 7ªed. Paris : Presses Universitaires de France, 1976.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. *Lições de morfologia da língua portuguesa*. Jacobina: Tipô-Carimbos, 2003.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico – brincando com as palavras*. 4ª ed., São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Aborder la linguistique*. Mémo. Paris : Éditions de Seuil, 1996

MARQUES, Maria H. Duarte. *Iniciação à semântica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Comment les mots changent des sens. Paris : Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de e ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2ª ed. Campo Grande, Editora: UFMS, 1988.

PORTUGUES, Manoel Rodrigues. *Educação de adultos presos*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 2, 2001. p. 355-374.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

_____. *Sociolinguística: os níveis da fala*. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

_____. *A gíria na língua falada e na escrita: uma história de preconceito social*. In: PRETI, D. F. (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2000.

REHFELDT, G. K. *Polissemia e campos semânticos. Estudo aplicado aos verbos de movimento*. Porto Alegre, Editora da UFRGS/ Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 1980.

REY-DEBOVE, J. *Léxico e dicionário*. Trad. De Clóvis Barleta de Moraes. Alfa, 28 (supl.): 45-69, São Paulo, 1984.

ROCHA, Luis Carlos da. *Vidas presas: uma tentativa de compreender a tragédia da criminalidade junto às suas personagens oprimidas*. São Paulo. Dissertação de Mestrado Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1984.

ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2002.

SANDMANN, Antônio José. *Competência lexical: produtividade, restrições e bloqueio*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1991.

SARDINHA, T.B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.

SEGURA, Luciano. Código das celas: A gíria que saiu da marginalidade para dominar as ruas e a mídia. *Revista Discutindo Língua Portuguesa*. Ed.nº. 7, ano 2. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

SERRA E GURGEL, J.B. *Dicionário de gíria – modismo lingüístico – O equipamento falado do brasileiro*, 6ª ed., Brasília: J.B. Serra e Gurgel, 2000.

SILVA, Euclides Carneiro da. *Dicionário da gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1973.

ULLMANN, Stephen. *Précis de sémantique française*. Paris: PUF, 1952.

_____. *Semântica. Uma Introdução à ciência do significado*. Trad. J.A. Osório Mateus, 2ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VILELA, M. *O léxico da simpatia*. Porto: INIC, 1980.

VIOTTI, Manuel. *Novo dicionário da gíria brasileira*. 3ª ed. (refundida, corrigida e muito aumentada). Rio de Janeiro: Ed. Tupã, 1957.

NASCENTES, Antenor. *A gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Acadêmica, 1953.

ANEXO I

Título I
DOS CRIMES CONTRA A PESSOA
Capítulo I
DOS CRIMES CONTRA A VIDA

Homicídio simples

Art. 121. Matar alguém:

Pena – reclusão, de 6 (seis) a 20 (vinte) anos.

Casos de diminuição de pena

§ 1º Se o agente comete o crime impelido por motivo de relevante valor social ou moral, ou sob o domínio de violenta emoção, logo em seguida a injusta provocação da vítima, o juiz pode reduzir a pena de um sexto a um terço.

Homicídio qualificado

§ 2º Se o homicídio é cometido:

I – mediante paga ou promessa de recompensa, ou por motivo torpe;

II – por motivo fútil;

III – com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum;

IV – à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido;

V – para assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou vantagem de outro crime:

Pena – reclusão, de 12 (doze) a 30 (trinta) anos.

Homicídio culposo

§ 3º Se o homicídio é culposo:

Pena – detenção, de 1 (um) a 3 (três) anos.

Aumento de pena

§ 4º No homicídio culposo, a pena é aumentada de 1/3 (um terço), se o crime resulta de inobservância de regra técnica de profissão, arte ou ofício, ou se o agente deixa de prestar imediato socorro à vítima, não procura diminuir as conseqüências do seu ato, ou foge para

evitar prisão em flagrante. Sendo doloso o homicídio, a pena é aumentada de 1/3 (um terço) se o crime é praticado contra pessoa menor de 14 (quatorze) ou maior de 60 (sessenta) anos.

§ 5º Na hipótese de homicídio culposo, o juiz poderá deixar de aplicar a pena, se as conseqüências da infração atingirem o próprio agente de forma tão grave que a sanção penal se torne desnecessária.

(*Código Penal*, Legislação Brasileira – Decreto-lei nº. 2.848, de 7 de dezembro de 1940, atualizado e acompanhado de Legislação Complementar, também atualizada, de Súmulas e de Índices: Sistemático e Alfabético-Remissivo do Código Penal, Cronológicos da Legislação e Alfabético da legislação Complementar, da Lei de Introdução, da Lei das Contravenções Penais e das Súmulas. Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Livia Céspedes, 19ª. Edição, 2004,.)

ANEXO II

“J”: lâmina, gilete
“X”: cela
13: louco, doido
9 LETRAS: cigarro da marca Hollywood
ÁGUA COM BOLINHA: refrigerante
ALIADO: pessoa em quem se pode confiar, amigo
AREIA: açúcar
ATIVA: fazer faxina na cela
ATRASA-LADO: pessoa que prejudica outra
BANDECO: marmita
BANDOLEIRO: aquele que “tira cadeia” em qualquer lugar
BARBA DE BODE: pessoa ruim naquilo que faz
BIC: isqueiro
BIRI-BIRI: telefone
BOCA-SUJA: cinzeiro
BOI RALADO: carne moída
BOI: banheiro
BÓIA: refeição
BOLA DE MEIA: sujeito tranqüilo
BONDE: meio de transporte do preso
BUCHICHO: confusão, briga, discussão
BURRA/ JEGA: cama de concreto do tipo beliche
CAMPANA: espelho
CANTIGA DE GRILO: conversa cansativa
CARTUCHO: saco de supermercado para colocar lixo
COBRA D’ÁGUA: bunda-mole, fraco, covarde
CORRERIA: aquele que se mantém na prisão sem pedir nada a ninguém
CORUJA: cueca
COXINHA: policial militar
CURURU: pessoa chata
DORMIR DE VALETE: dormir um pra cima e outro pra baixo
DORMIR DE ANJINHO: dormir no mesmo lado
DRAGÃO: isqueiro
ESGANA-GATO/MISERÊ: quando está em dificuldade
FITA DE 1000 GRAUS: coisa muito importante
FORREST GUMP: contador de história, mentiroso
GAIADA: cama de concreto, tipo beliche
GALETOS: frango
GIZ: cigarro
GOZOLÂNDIA: presídio tranqüilo
GRANADA: almôndega
GRAXA: manteiga, margarina
GROZA: palavras obscenas, palavrões

GULOSEIMAS: comida de boa qualidade (doces, salgados vindos de fora)
HIGHLANDER: faca
HORA DA TRANCA: horário de fechamento das celas
HORA DO SOL: horário de abertura das celas
INCLUSÃO: local onde ficam depositados pertences e correspondências dos presos
ISQUEIRO: pessoa que gosta de ver o circo pegar fogo, de confusão
JACA: nádegas
JACK: estuprador
JOGAR AREIA: dizer mentira
LADO A LADO: parceiro em qualquer situação
LAGARTO/ LARANJA: pessoa que se responsabiliza por atos alheios
LATRÔ: colchão
LEQUE: baralho
LIGAR: chamar alguém
LINCE: pessoa esperta e rápida no raciocínio
MAC LAREN: cigarro da marca Marlboro
MACACA: banana
MACHADÃO: aparelho de barbear da marca Bic
MÃE DINAH: aquele que quer adivinhar e saber de tudo
MARROCOS: pão
MATO: qualquer tipo de verdura
MIAR: chorar, se lamentar, e reclamar por estar preso
MIGUELAGEM: fingir que está dormindo
MISSÃO: realizar algo que lhe mandam ou que é de sua obrigação
MISSIVA: carta
MOCA: café
MOLEQUE: 1. Homossexual; 2. amigo
MORUMBI: o terceiro beliche
MOSCA DE BOI: pessoa lerda, devagar
MUNDRUNGO: pessoa sem higiene
ONÇA: agente penitenciário ou carcereiro
PACÚ: papel higiênico
PALETA: colher
PÃO COM MANTEIGA: policial militar
PAPAGAIO: rádio AM/FM
PARA-QUEDA: pessoa que se intromete na conversa alheia
PASSARINHO: cagüeta, dedo-duro
PÉ DE BREQUE: sujeito sem qualidade
PELADA: jogar futebol
PERERECA: resistência de chuveiro
PIÃO: andar
PILOTO: controle-remoto
PIOLHO: pessoa que está há muitos anos presa
PIPA: tipo de bilhete ou recado que circula dentro da penitenciária
PIPOCA: aquele que pula fora quando as coisas esquentam
PITIBUL: sujeito bravo
PNEU DE JIPE: hambúrguer
PONTE: enviar algo de uma cela para outra
PRAIA: o chão ou o piso da cela
QUIACA: confusão, briga, discussão.

RADAR: pessoa que fica cuidando da vida alheia
RADIAL: trajeto do raio para o trabalho, escola etc. (Ver “raio”)
RAIO: divisão de uma penitenciária
RAMELÃO: aquele que faz tudo errado
RECORTADO: tipo de comida feita a partir de sobras e temperada novamente
SALVE: tipo de saudação
SANGUE BOM: bom amigo, bom companheiro
SANGUE DE BOI: cigarro da marca Hollywood
SEM-TERRA: aquele que nunca teve visitas
SIMPÁTICO/MADEIREIRO: pessoa que agrada demais, puxa-saco
SINTONIA: amigo que pensa e age como você
SONO BAIANO: tirar um cochilo
SOVIÉTICO: homossexual
SUBIDINHA: refeição noturna
TÁ MANSO: aquele que aceita todo tipo de brincadeira
TALARICO/PÉ DE PANO: aquele que rouba mulher de malandro
TANGA FROUXA: sujeito fraco, “bunda-mole”
TARIFA: selo
TATU: buraco no piso
TELA: televisão
TIRIÇA: pessoa que não tem higiene
TRAMPO: trabalhar
VACILÃO: 1. cinzeiro
VENENINHO: suco artificial da marca ki-suco
XERIFE: aquele que quer mandar na cela
ZÉ POVINHO: pessoa que tem aversão ao crime
ZÓIÃO: ovo
ZÓIO DE LULA: pessoa gulosa